

Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS
SABADO, 12 DE ABRIL DE 1969 N.º 16 635 ANO 49.º UM ESCUDO

COMPRE LOTARIA
NO
CAMPIÃO



A CASA DA LOTAÇÃO DE PORTUGAL
QUE VEM SENDO A LOTAÇÃO DE PORTUGAL



O Pacto de Varsóvia envia tropas para a fronteira sino-soviética

—afirmam jornais europeus

BONN, 12 — (R.) — Os aliados do Pacto de Varsóvia estão a enviar tropas para as zonas de inquietação da fronteira sino-soviética, anunciou hoje o diário da Alemanha Ocidental «Frankfurter Allgemeine Zeitung».

Numa notícia de Viena, citando círculos bem informados, o jornal anuncia que os reforços têm aparentemente simples valor simbólico e representam uma expressão de solidariedade com a União Soviética, dada pelos seus aliados da Europa Oriental por causa dos incidentes de fronteira.

A notícia acrescenta que em resultado destes movimentos de tropas espera-se uma redução nos efec-

tivos do Pacto de Varsóvia na Europa.

O jornal não especifica quais os países donde vão as tropas, mas o termo «ortodoxos» empregado parece significar tratar-se dos aliados soviéticos que tomaram parte na invasão da Checoslováquia.

VIAGEM DE SURPRESA

LONDRES, 12 — (R.) — O «Daily Mail» anuncia ho-

(Continua na 12.ª página)



O rei Hussein, cujo plano de paz para o Médio Oriente é criticado por Rádio Argel e posto em dúvida pelo jornal egípcio «Al-Ahram» (Ler na pág. 12)

«A MOSCA» MAGAZINE do Diário de Lisboa

«Olá, moscas de todos os países!» Esta é a saudação de «A Mosca» dirigida a todos os nossos leitores. Retribuam a saudação com um sorriso, não utilizem qualquer espécie de insecticida, não deem vinagre em pratinhos estratégicos... Deixem «A Mosca» voar por toda a parte, passear nos vidros das janelas, incomodar as pessoas adormecidas. Permitam, enfim, que «A Mosca» pause nas calvas portuguesas e caia nas sopas domésticas. Até para que aconteça qualquer coisa...

Maja de Portugal 1969

Foi um êxito: o concurso para eleição da «Maja de Portugal 1969» terminou ontem, nos salões do Hotel Fénix, quando uma centena de individualidades escolheu Maria Emília Pinto (em cima) de entre as demais finalistas (aqui ao lado, pousando junto da estátua do Marquês de Pombal) apuradas no certame organizado pelo nosso jornal e pela Ibéria (Linha Aérea de Espanha). Ler reportagem nas páginas centrais.

HOJE 44 PÁGINAS
VISADO
PELA CENSURA



O VAIVÉM DA SARDINHA

Abundância no Algarve e desânimo em Setúbal

De acordo com decisão da Comissão Central de Pesca, a safra de sardinha deveria ter começado, no dia 1 deste mês, em toda a costa portuguesa. Isso verificou-se no Algarve (com um freguesiano para Vila Real de Santo António, devido ao estado da barra do Guadiana, como nobelíssimo) e, de um modo geral, em todo o Sul do País.

No Norte, porém, a partir da Figueira da Foz, a safra ainda não começou — contrariamente ao determinado pela Comissão Central de Pesca, estabeleceu-se, para início da safra, o dia 1 de Maio próximo.

Tal medida (atraso de um mês sobre o resto do País) prejudica, de forma apreciável, a indústria das conservas do Norte. E julgamos saber que a Corporação da Pesca e Conservas está a tratar superiormente do assunto.

Boas pescas em Oihão e Vila Real de Santo António

Aproveitando as marés altas, os barcos de pesca de Vila Real de Santo António começaram a sair, embora correndo o risco de naufrágio à boca da barra. Felizmente, nenhum acidente se

verificou até agora e os resultados da campanha têm vindo a ser animadores.

Também em Oihão, depois de alguns dias de pescas fracas («A sardinha está muito funda» — diziam os pescadores) ontem, inesperadamente, o peixe reapareceu, criando-se a esperança de que a safra venha a ser frutuosa. A sardinha, efectivamente, andava escassa nos últimos tempos em toda a costa, de Barlavento a Sotavento.

Para além de abundante, a sardinha pescada ontem era de boa qualidade, pelo que as fábricas iniciaram, em força, a sua laboração.

Desânimo em Setúbal

Entretanto em Setúbal, onde todas as artes e traineiras se têm feito diariamente ao mar, os resultados têm sido desanimadores. O máximo que cada traineira

tem feito, por d.a. oscila entre os dez e os trinta contos — quantidade de sardinha que mal dá para o consumo, não tornando possível o início da laboração de qualquer fábrica de conservas.

Qual o motivo desta escassez? Os pescadores atribuem-na à existência de grandes cardumes de «apara-lápis», peixe pequeno, de cerca de oito a dez centímetros de comprimento, espécie de roaz, provido de um bico afiado, que afasta a sardinha, pois ataca os cardumes pondo-os em debandada.

Já o ano passado o fenómeno se verificou, não se encontrando maneira de afastar o antipático «apara-lápis», peixe que não tem interesse para a pesca.

Claro que os motivos da escassez da sardinha em Setúbal podem ser outros — mas os pescadores culpam os «apara-lápis».



Formas modernas e decorações atraentes nos novos modelos da Fábrica de Porcelana da Vista Alegre

UMA FÁBRICA NA VANGUARDA

NOVOS MODELOS DE PORCELANA DA VISTA ALEGRE FORAM HOJE APRESENTADOS

Atender à evolução do país, seguir uma linha de actualização necessária e

corresponder à aceitação obtida além-fronteiras — tudo isso sem perder o carácter tradicional de uma produção que se tem prestigiado ao longo dos anos, é tarefa difícil que a própria se impôs a Fábrica de Porcelana da Vista Alegre.

A demonstração de que aquela importante unidade fabril conseguiu, afinal, alcançar os melhores resultados na concretização desse objectivo, está patente, desde hoje, numa exposição destinada ao lançamento de novas linhas de serviços de porcelana.

Trata-se de um certame inaugurado em ambiente de franco optimismo e que foi já visitado pela maioria dos comerciantes da especialidade, os quais se manifestaram surpreendidos com os moderníssimos serviços de jantar, chá e café e com as decorações apresentadas, pois são formas por que esperava grande parte do público e que situam, uma vez mais, a Fábrica de Porcelana da Vista Alegre — já, também, com a sua famosa linha Companhia das Índias — na vanguarda da indústria de porcelanas domésticas e artísticas.

De a-sinalar, ainda, a concepção mais funcional dos conjuntos de peças que formam os serviços da Vista Alegre, e, mediante uma técnica apurada, as decorações de grande fogo, de extraordinário efeito decorativo e praticamente inalteráveis, permitindo a aplicação de qualquer detergente ou máquina de lavar e que estão na linha mais moderna dos conceitos sobre a utilização da porcelana.

Manuel da Costa Lobo fala no Elos Clube

Manuel da Costa Lobo, que se tem dedicado, com muito interesse, ao estudo dos problemas de Angola e, sobre eles e a história daquela nossa província ultramarina e que publicou já obras de muito mérito literário e de investigação, profere, na próxima segunda-feira, às 21 e 30, na sede do Elos Clube, na R. da Encarnação, 10, 1.ª, uma conferência sobre o tema «S. Paulo d'Assunção de Luanda — Sobra dos séculos de que vem conhecendo Portugal».

DE ONTEM PARA HOJE

«SAÚDE, TRABALHO E PRODUTIVIDADE»

«Saúde, trabalho e produtividade» foi o tema desenvolvido ontem pelo dr. Artur Ernesto Moniz na Escola Nacional de Saúde Pública e Medicina Tropical. Trata-se do tema escolhido este ano pela Organização Mundial de Saúde nas comemorações do Dia Mundial de Saúde. Definir primeiro o prof. Artur Ernesto Moniz o pensamento de épocas precedentes e os padrões morais e outros valores. O artesanato, o comércio e os costumes da época industrial situam-se no clima psico-social da estruturação das tendências instituídas na clássica concepção da hierarquia familiar. A adaptação ao novo condicionamento extremo a divergência do plano idealista dos princípios humanitários com a finalidade materialista da produtividade — acentua o orador, que considerou ser urgente rever a organização científica do trabalho no sentido de tornar convergente o interesse imediato dos que o executam com o aumento da produtividade que constitui o problema central da presente era tecnológica. E lembrou que a formulação da ideologia sob a qual se desenvolvem a industrialização, agravada pelo recurso aos métodos da produção em massa e a formação das grandes empresas, influenciou a própria orientação científica. Adoptando os mesmos conceitos, os programas de saúde visaram o indivíduo e o ambiente, isoladamente, registando-se algumas aquisições de benefício inequívoco. A introdução de novos parâmetros de avaliação vem, todavia, revelar a enorme disparidade entre os níveis mais altos de conforto humano e a acção psicológica das exigências do trabalho. O inconformismo gera a frustração e influencia negativamente a produtividade. Mas a célebre experiência de Ellen Mayo, na fábrica de Hawiborne, completada por outras investigações, abre perspectivas inexploradas e sugere novos rumos.

CONSELHO SUPERIOR DA DEFESA NACIONAL

No Palácio de S. Bento, reuniu-se, sob a presidência do prof. dr. Marcello Caetano, o Conselho Superior da Defesa Nacional, que se ocupou de assuntos das suas atribuições. O Conselho resolveu promover, no Exército, ao posto de coronel médico dr. João Maria Gomes do Souto Soares e, na Armada, ao posto de comodoro, o sr. capitão-de-mar-e-guerra António Valeriano Gomes.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu em audiência os srs. prof. dr. Marcello Caetano, Presidente do Conselho de Ministros, que lhe apresentou cumprimentos de despedida; dr. António de Faria, embaixador de Portugal em Londres; deputado José Vicente de Abreu; eng. Horácio de Moura e Araújo Vieira, governador civil e presidente da Câmara Municipal de Coimbra; dr. Azeredo Perdigão, Kevork Essayan e prof. eng. Leite Pinto, do conselho de administração da Fundação Cal-

ELECTRICIDADE DE MORTE

Em Santa Bárbara de Nexe, andava a podar laranjeiras, o sr. António de Sousa Fitas, de 52 anos, casado. Inadvertidamente tocou num cabo de alta tensão e ficou completamente carbonizado.

lousie Gulbenkian; brigadeiro Armando Girão, presidente da Junta Autónoma de Estradas; e Luis C. Lupi. Recebeu ainda o sr. Presidente da República, em audiência especial, os dirigentes do Clube Português de Buenos Aires e outros elementos da caravana que a Portugal veio em excursão comemorativa do 50.º aniversário da fundação daquela colectividade.

DESPISTE DE MORTE

O sr. José da Costa Loureiro, de 21 anos, solteiro, funcionário da Repartição de Finanças de Vila Nova de Ourém, seguiu no seu carro, perto de Cidral, junto a Rio Maior. O carro despistou-se e ele ficou gravemente ferido. Ainda o levaram ao hospital regional de Santarém; mas o desastre fora de morte.

O ministro do Interior amanhã em Bragança

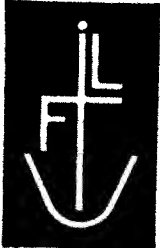
BRAGANÇA, 12 — Está anunciada para amanhã a inauguração oficial do novo posto da Guarda Nacional Republicana da vizinha freguesia de Parada, uma das mais populosas e progressivas deste concelho.

Presidirá a cerimónia o sr. ministro do Interior e estarão presentes o chefe do distrito, o comandante-geral da G. N. R. e o comandante do Batalhão n.º 4, com sede no Porto e outras entidades.

A bênção do novo edifício será dada pelo bispo de Bragança e Miranda, D. Manuel de Jesus Pereira.

RUA QUARTIN GRAÇA

No seguimento de uma proposta aprovada em recente sessão do Município, o general França Borges atribuiu a designação de Rua Eng.º Quartin Graça à Rua 2.ª T. D., à Estrada do Desvio.



NAUTICAMPO III

(Patente até ao dia 20)

Novidades em equipamentos de recreio náutico, desporto e de campismo

HORARIO

de hoje e amanhã — Das 15 às 24 horas

NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA



Urbanus Tavares Rodrigues durante a sessão de autógrafos, ontem, na Quadrante; a presença viva do autor de «Os Inimigos»

Cofres de aluguer
Av. República 3
BANCO DO ALENTEJO

A FORMOSA EM 1969

Por
VICTOR LOUIS

Serviço especial
«Washington Post»-«Diário de Lisboa»

Ha quatro meses Victor Louis, cidadão soviético dependente de uma família francesa, conseguiu ser o primeiro russo em cerca de 20 anos a visitar a Formosa. Correspondente do «Evening News», de Londres, Louis foi o primeiro a anunciar certos acontecimentos internos, como por exemplo a queda de Kruchchev. Nas suas frequentes viagens ao estrangeiro, efectuou missões delicadas que funcionários soviéticos não poderiam fazer abertamente. Deste modo, o seu relatório acerca da China Nacionalista, realizado a pedido do «Washington Post», é não só um relato das observações de um jornalista, como também dá indicações acerca das soppões que se está possivelmente prestes a explorar nas mais altas instâncias do Kremlin.

MOSCOVO (Abril) — Não estava lá muito certo de chegar um dia à Formosa, mas como tivera os mesmos receios antes da minha viagem ao extremo ocidental da Europa, adoptei uma atitude de prudente optimismo a respeito do país.

Durante a minha estadia em Tóquio, quando jogava aos dados com o embaixador do Paraguai, causei-lhe um choque ao sugerir que me poderia dar um visto para o seu país. Sem grande esperança de êxito, pedi então um visto para a China Nacionalista, alegando que, por me ser impossível ir à China Popular, logicamente Taipé não podia recusar-me. Passaram-me o visto na semana seguinte.

Quando escrevi o meu endereço de Moscovo na ficha do hotel, o empregado chinês olhou-me com espanto, mas na maior parte dos casos tomavam-me por um americano a pregar uma boa partida. A minha carteira do «American Express» só reforçava esta impressão.

Na Formosa disseram-me que podia ir onde me apetecesse na ilha, e ver tudo o que quisesse. Encontrei-me com economistas, diplomatas e altos funcionários, e durante todo este tempo sempre me espantei ao verificar que os meus interlocutores eram chineses e podíamos encontrar uma a

linguagem comum. Discutimos e ouvimos discussões muito amistosamente.

Era um estranho contraste com os chineses de Mao, que não conseguem falar senão quando têm possibilidade de citar o seu famoso livro.

De automóvel ou de comboio, podem ver-se os campos, podem ver-se os campos a trabalhar nos campos. Não têm aspecto de possuir equipamento muito moderno que lhes permita ganhar tempo, mas são proprietários dos seus campos. A agricultura chinesa sofreu, durante séculos, tensões entre os proprietários e os rendeiros, mas disseram-me que a nova legislação da Formosa resolveu pelo menos este problema, ao encorajar a pequena propriedade.

Quando se chega directamente do Japão, fica-se muito naturalmente chocado pelo nível de vida mais baixo da Formosa. Os nacionalistas, porém, estão satisfeitos com o que fizeram até agora. Declaram, com verdadeiro orgulho, que o auxílio americano cessou há três anos. Não há dúvida de que foi graças a eles que a Formosa sobreviveu.

Os intelectuais da Formosa compreendem muito bem que os Estados Unidos vieram um tanto tarde em auxílio do Kuomintang, e de facto só quando resolveram conservar este porta-

-aviões inafundável. A Formosa depende, para a sua defesa, dos Estados Unidos, mas nem por isso deixa de prosseguir uma política estrangeira independente, como mostra a sua recusa de tomar parte na guerra do Vietnam.

Chiang Kai Cheque, sogro dum russo

Durante a minha viagem pela Formosa foi divertido descobrir que as crianças das escolas e escuteiros faziam exactamente o mesmo que as crianças da sua idade fazem no mundo inteiro — excepto na China Popular. Era agradável ver os jovens a manifestar aos mais velhos o respeito tradicional tão famoso dos chineses.

A visita ao museu nacional é emocionante. Existem ali cerca de 250 mil objectos de arte chinesa e objectos históricos, que foram levados do Palácio de Pequim e do Museu de Nanquim no último momento.

No entanto, certo número de factos produziu-me um ligeiro abalo. Um deles é o grande número de retratos de Chiang Kai Cheque rodeado por crianças sorridentes. Talvez seja porque a minha visita coincidiu com o seu 81.º aniversário. Apesar de tudo, ver uma das ruas principais da capital decorada alternadamente com bandeiras e retratos a todo o seu comprimento parece um tanto excessivo.

Outro incidente estranho deu-se numa representação de ópera no Clube dos Oficiais, e surpreendeu mesmo o meu intérprete: a primeira ária foi «Happy Birthday to You», e um imenso bolo de aniversário foi cortado no palco por altos funcionários. Na Rússia, esta glorificação de Chiang Kai Cheque seria descrita como culto da personalidade.

Não se podem fazer acusações deste género contra o filho do presidente, Chiang Não se vêem retratos seus nos edifícios públicos, e ele deu-me a impressão de ser pessoa reservada, de espírito muito ocupado, quando o encontrei no fim da minha viagem de dez dias.

Na altura da apresentação, Chiang Kuo apresen-

tou-se-me, num russo muito razoável, como antigo operário da Fábrica Dynamo. Sabendo já que ele tinha passado 14 anos na U. R. S. S. e que sua mulher era russa, não deixei de ficar surpreendido.

Chiang Kuo fez-me inúmeras perguntas sobre Moscovo e repetiu-me a declaração bem conhecida do pai de que as suas forças armadas estavam prontas a desembarcar em qualquer ponto da costa chinesa seis horas após haver recebido um eventual sinal dos chineses do continente pedindo auxílio.

Declarou também que a situação no continente ajuda a causa dos nacionalistas contra Mao, e que os dois ou três próximos anos vão prová-lo.

Os nacionalistas sentem-se muito orgulhosos da sua zona franca na cidade de Kaoh Siung. Soube ali que, embora os principais capitais investidos sejam americanos e japoneses, os círculos oficiais não fariam objecções a que um comunista investisse capitais em Kaoh Siung. De facto, alguns países da Europa Ocidental efectuaram ali investimentos, a despeito da ausência de relações diplomáticas com a Formosa.

As exportações da ilha atingem presentemente cerca de 850 milhões de dólares, e a China Nacionalista necessita de novos mercados. Os economistas com quem conversei têm consciência das possibilidades que os mercados comunitários da Europa oferecem, e creem seriamente que as trocas comerciais poderiam ser florescentes.

Se os nacionalistas são hostis à ideia de uma representação das duas Chinhas nas Nações Unidas, estão no entanto dispostos a estabelecer relações diplomáticas com todos, e não pediriam que os laços existentes com a China Popular fossem antecipadamente quebrados.

A Imprensa da Formosa não é mais hostil à Rússia ou aos países da Europa de Leste do que a Imprensa ocidental. Alguns artigos são mesmo escritos de uma maneira mais amistosa do que na Imprensa americana.

Nota
do dia

AREJAR, AREJAR...

A MEXEDURA NA TELEVISÃO querará dizer alguma coisa? Tantos são os queixumes, tantas as aparentes razões de queixa, tantas mesmo as razões de queixa não apenas aparentes mas verdadeiramente fundamentadas, que bem se pode desejar que, de facto, a mudança da responsabilidade superior corresponda a mudança nos critérios que têm inspirado a direcção desse tão maravilhoso como perigoso instrumento de difusão. Quanto a isto, parece-nos, não há duas opiniões: toda a gente se queixa dos programas, correntemente maus, onde o bom, que por acaso um dia se pode festejar, muito bem se percebe que não foi intencional, mas, como se diz nos programas dos espectáculos, pura coincidência...

Quantos aspectos diários nos são oferecidos parece que de propósito para pôr os cabelos em pé? E não é coisa a que se possa encolher os ombros, já que, mesmo que cada um se tranque em casa, portas e janelas com todas as frinchas bem calafetadas, os raios teimosamente furam e, mesmo sem licença, ali se plantam diante de nós. Irresistível. É esta força tremenda que tem estado a ser utilizada para o que se vê nas condições que o País inteiro conhece, desde as crianças aos inválidos, sem poupar aqueles de nós que tenhamos a presunção de ser maiores e vacinados contra todas as maleitas mentais.

Parece legítimo insistir no que se refere às crianças, tão permeáveis ao mau como ao bom do que passa diante dos receptáculos da sua imaginação. Nesse capítulo, o que se tem visto é contragedor, com a agravante de se poder dizer, sem exagero, que cada mudança tem significado passar a pior. Não sabemos se existe alguma comissão pedagógica ou coisa parecida com o encargo dessa selecção. É de presumir que não, pois que, se existe, então pior ainda. Quer dizer: do mau que se vê, quase sempre péssimo, pode apenas esperar-se a má desculpa de ser obra do acaso. Se não é, então nem se sabe o que valha a pena dizer.

Neste capítulo, a recente carta-exposição dos pais de família, que especialmente se reuniram para levantar o seu alarme, diz-nos tudo e mais alguma coisa. Mas, sem querermos generalizar, que é um método muito praticado com resultados aparentes mas nem sempre reais, estamos a pensar nos outros telespectadores, que, sem serem crianças pela idade, correm todos os riscos da inexperiência, da impreparação, da imaturidade? Quantos são no País os telespectadores? Está dito e redito. Estabeleça-se a respectiva relação com o que nos dizem as estatísticas do ensino e não custa apurar quais sejam os resultados e o sinal com que vêm.

É de esperar que a mutação agora decidida signifique ter lá chegado aquele espírito que o actual Chefe do Governo proclamou como sendo o seu e que, embora discreta e cautelosamente, tem vindo a ser praticado em alguns sectores da vida portuguesa. A Televisão, pelo que é, pelo que significa e pelo que vale, não pode ter a pretensão de alhear-se dessa atmosfera de pretendida congregação de esforços e vontades.

RECTÂNGULOS DA VIDA

PESSOAS DE VERBO COMPLICADO—II

Referimo-nos há tempos àqueles pessoas que se deslocam, usam de palavra, se debatem sobre determinado assunto. Mas há mais pessoas de verbo complicado, ora se há! Não vou lembrar-me de todas elas, claro, como seria possível? Só de três ou quatro.

Aqui temos, por exemplo, as que se fazem acompanhar por A, B, ou C. Porque A, B, ou C não têm categoria mental ou social para resolverem de motu próprio acompanhadas? Talvez tenham, mas o protocolo exige que. Então as outras, as tais, fazem-se acompanhar.

Há agora o senhor Fulano que não compareceu, claro está, mas se dignou comparecer em determinado lugar onde «proferiu algumas palavras». Note-se que não disse, «proferiu» e «

algumas» é um notabilíssimo eufemismo porque em geral essas palavras são muitas e até multilínguas. E o «dignar-se» tem muita categoria. Diz o Cândido de Figueredo que dignar-se é condescender, fazer mercê ou favor, ter a generosidade ou a bondade. E, claro que está implícito, pos-

por
**MARIA
JUDITE
DE
CARVALHO**



suir aquela categoria que explica todo o resto.

Há a pessoa que «ausculta» os problemas de uma cidade ou de uma empresa ou até simplesmente de uma família. Não ouve, não. Pega no seu imaginário estetoscópio, qual nem de estetoscópio precisa porque o seu ouvido é mais que perfeito. Ausculta, pois. Três, cinco minutos de atenção, já ouviu tudo, já compreendeu o que ouviu, já resolveu o que compreendeu.

Agora temos aquela pessoa a quem tentamos telefonar pela manhã ou à noite e que, diz-nos uma empregada «enob» por contágio, não pode atender porque ainda está (ou ainda está) a «descansar». Nada de dormir, que horror, dormirá mesmo a referida pessoa? Responderá? Mas que ideia, uma tal pessoa a descansar! Nem mesmo podemos estar certos de que se deite. Descansa, isso sim, reclinase. Num maple, numa cama, num lit de repos? Quem pode sabê-lo? Só que está abstratamente a descansar e que aquela hora é impossível levarem-lhe o telefone.

Não vou mais longe, e, de resto, nunca mais voltarei às pessoas de verbo complicado.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

ALAIN DELON

ROMY SCHNEIDER

A PISCINA

ADULTOS

MAURICE RINET

JANE BIRKIN

No tribunal de Viseu os perjuros no julgamento de um guarda-fiscal condenado por homicídio

VISEU, 12 — Começou no Tribunal Judicial desta comarca o julgamento de Conceição Rosária Baptista, casada com Américo Lourenço Macedo; Maria de Jesus Ramos Ferreira, solteira, de 31 anos e do marido da primeira,

ra, o refer do Américo. Também responde, mas é revelia, por ter fugido para França. Alberto Resna Trigueiro de 23, casado todos do concelho de Vila Formosa e acusados de terem jurado falso no julgamento feito, há anos no

Tribunal Militar desta cidade em que foi condenado a pena de 16 anos de prisão maior o guarda-fiscal, sr. Mário dos Santos Pinto. Este respondeu por ter morto a tiro de pistola o negociante Amadeu Trigueiro de 56 anos, casado, daquela localidade e pai do réu acima indicado como foragido.

O Tribunal foi constituído pelos srs. drs. corregedor Me. lo Bandeira, juiz do 1.º Juízo Salviano de Sousa e na falta de outro juiz de carreira, doente pelo conservador do Registo Predial sr. dr. Anibal Duarte Sucena e pelo juiz-adjunto sr. dr. Marques Vidal. Na defesa o sr. dr. A. Abranches Soares (para os três réus presentes) e os drs. João Lema desta cidade e B. S. da Guarda para o que responde a revelia.

O julgamento terá a presença ao que conseguimos ouvir dos srs. inspetor dr. Vaz Tomé chefe de brigada sr. Vaz e do agente Macedo, da Polícia Judiciária do Porto visto constar que os réus virão dizer ao Tribunal que confessaram ter perjurado por a tal haverem sido obrigados naquela Polícia.

Ao que parece emprega-se uma diligência em Vila Formosa local do crime praticado pelas duas horas da madrugada de 21 de Outubro de 1962. Por isso a continuação do julgamento foi adida este dia.

A Golegã vai ter uma praça de touros

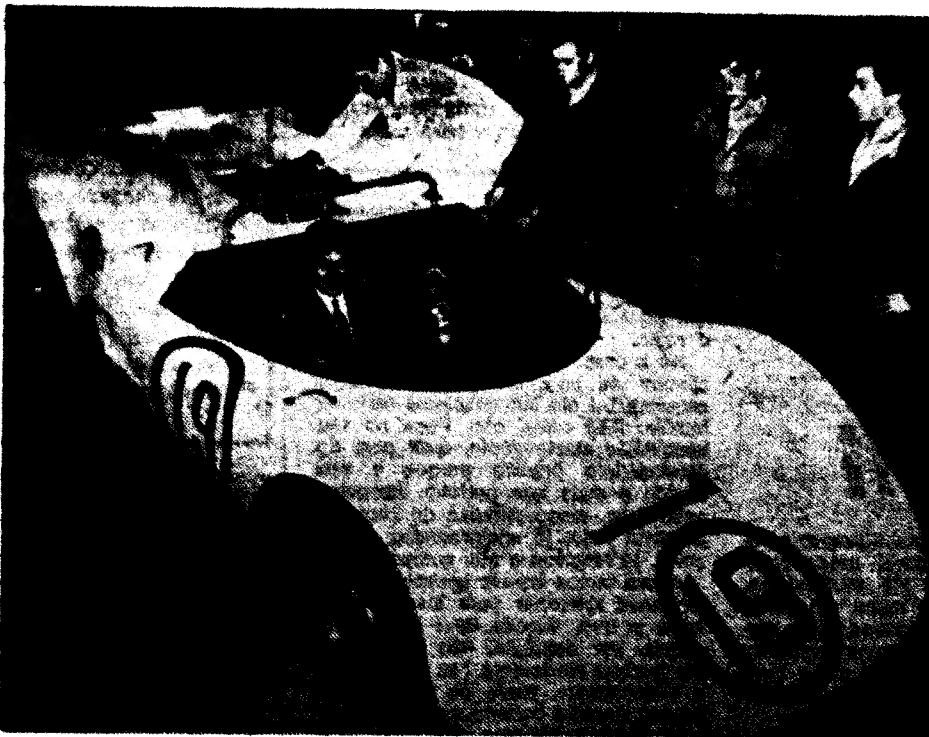
GOLEGÃ, 12 — Não se compreendia que esta típica vila ribatejana, berço de grandes toureiros e afilhados da festa brava e «viveiros» de lidadores, não tivesse uma praça de touros. Desde Carlos Reis que houve aqui algumas praças, construídas de madeira e que o tempo danificou, mas o certo é que nunca ninguém se abalçou a emprender uma construção definitiva, embora se trate de uma terra fulcro de toda a «matéria prima» — touros, cavalos, toureiros e afilhados.

A iniciativa e o material surgiram agora, depois que o falecido benemerito sr. Rafael da Cunha Franco legou à Misericórdia uma grande propriedade, nas proximidades do local da Feira de São Martinho, onde há espaço bastante para se fazerem muitas construções, inclusive da praça de touros e ainda um amplo parque de estacionamento de veículos. Assim, a mesa administrativa

va da Misericórdia, em estreita colaboração com a comissão executiva diocesa, vai dar começo, brevemente, à construção da moderna praça de touros, que terá capacidade para cerca de 4000 lugares, ficando a pertencer àquela benemérita instituição. E espera-se que em Novembro, por ocasião da tradicional Feira de São Martinho, já haja espectáculos taurinos no novo redonde.

Este ano construir-se-á definitivamente a arena, a trinchera e os curules, ficando provisoriamente com as bancadas de madeira. No futuro, e com o rendimento dos espectáculos há-de construir-se, a pouco e pouco, as bancadas e os camarotes. Em resumo: a praça de touros de Golegã vai ser uma realidade!

Protótipo Datsun-Nissan em Portugal



Talvez não haja razão para acreditar que Manuel Gido se afastou definitivamente do desporto automóvel. A gravura mostra o protótipo R 321 construído pelo grupo japonês Datsun-Nissan para ensaios de estabilidade a altas velocidades e que obteve já grande sucesso em competições no país de origem, entre as quais é de salutar uma vitória no G. P. do Japão. Está equipado com um motor de 3 cilindros, de 450 HP e é capaz de 320 km/h. Trata-se do primeiro automóvel equipado com «cullerons» que entra em Portugal e está em exposição, desde ontem à tarde no salão do «Entrepostos», na Av. Duarte Pacheco. A foto mostra o automóvel nas oficinas de representantes, quando lhe eram corrigidas as pequenas deficiências resultantes de uma grande viagem.

ora diga-nos...

— Frequenta bibliotecas?

«Os livros esperam-nos pacientemente no silêncio das bibliotecas.» (Convite à leitura).



● Disse-nos o sr. Álvaro Ferreira da Cunha, repórter fotográfico:

— Não costumo. Não costumo porque tenho em casa muitos e muitos livros. E se não tenho mais é porque os livros são caros... Olhe, tenho um caixote cheio de livros policiais! Não penso, porém, que é só essa a minha leitura... Não leio os clássicos e os melhores escritores contemporâneos. É um vício que a vida fami-

liar, às vezes um tanto rotineira, não me conseguiu tirar...

● Agora as palavras do sr. Abel Fonseca, também repórter fotográfico:

— Até agora, tenho utilizado as bibliotecas ambulantes. E com proveito: já li o «Exodus», «O dia mais longo», etc. Em casa tenho alguns livros — e, de vez em quando, peço um livro emprestado... Lelo, de qualquer maneira, leio



● Finalmente, o sr. José Alexandre de Sousa Rocha, aluno da Faculdade de Ciências, declarou-nos:

— Frequento a biblioteca da minha Faculdade.

— Só?

— Quase exclusivamente. De vez em quando, vou, por motivos de consulta, à Biblioteca Nacional. Quanto a outra espécie de leitura, compro livros...

O aniversário do «Diário de Lisboa»

O bisemanário «O Norte Desportivo», do Porto, ao referir-se à passagem do 48.º aniversário do «Diário de Lisboa», com amigas palavras que muito agradecemos, afirma a certa altura: «Vespertino dos mais conceituados do País, caminha para o meio sé-

culo com uma juventude invejável que lhe permite manter os seus velhos leitores e conquistar muitos novos, que se sentem atraídos pela forma ágil e independente como o jornal enfrenta os mais diversos acontecimentos». Também o semanário «Os Belenenses», órgão do clube de Belém, se refere ao nosso aniversário com entusiástica simpatia, credora dos nossos vivos agradecimentos.

Das inúmeras mensagens de felicitação e cumprimentos recebidas por motivo da entrada do «Diário de Lisboa» no 48.º ano de publicação, registamos hoje mais as seguintes:

Prof. dr. Caetano Legiße da Cruz Vidal, por si e pela direcção da Associação Comercial de Lisboa — Câmara de Comércio, de que

é presidente; direcção do Centro Escolar Republicano «Almirante Reis»; direcção do Grupo Desportivo e Cultural dos Empregados de Pinto de Magalhães; Lucio Neves Baltasar, pela direcção do União de Tomar; J. Rodrigues, delegado em Lisboa do «Diário do Alentejo»; António Coelho, director da «Belarte»; Porto; pintor José Rodrigues; Carlos Bernardo; Albino Dias Pereira de Oliveira; António Pedro de Vasconcelos Lomelino; D. Maria Cristina Ventura de Oliveira, Rui Vila Nova de Milfontes; pintora Eduarda Lapa; António de Castro Pina, de Montargil; e Guilhermino Ramalheira, correspondente do «Diário de Lisboa», em Tínavo.

A Campanha de Prevenção de Riscos Rurais

COIMBRA, 12 — Na freguesia de São Silvestre decorrerá na segunda-feira mais um colóquio dirigido por técnicos do Gabinete de Higiene e Segurança no Trabalho, em prosseguimento da Campanha de Prevenção de Riscos Rurais.

Esta campanha está a obter a melhor acção pelas populações rurais; e os colóquios já realizados, nas Caste do Povo de Ceira e de São Mar-

tinho do Bispo e ao Centro de Recreio Popular de Souselas, despertaram o maior interesse.

Foram feitas trinta e oito inscrições no primeiro daqueles organismos para o Curso de Prevenção e Primeiros Socorros que será ministrado nas escolas rurais do distrito por componentes da Cruz Vermelha, em colaboração com o referido Gabinete.

DESENHADOR DE ARTES GRÁFICAS

Necessita Empresa de Músc. De preferência com o Curso da Escola António Arroio

Idade até 25 anos, Inscrito Serviço Militar cumprido ou data recente Nacionalidade portuguesa

Resposta a este jornal no n.º 226

FRIGORÍFICOS EMERSON
A QUALIDADE INDISCUTÍVEL

KARINA GEORGIAN VEM ACTUAR NO TIVOLI

Por iniciativa do Tivoli, no dia 17, a partir das 12 e 20, o concerto de apresentação em Portugal da violoncellista russa Karina Georgian.

Trata-se de uma jovem artista que conquistou subita e surpreendente notoriedade mundial ao vencer, por unanimidade do júri, o famoso Concurso Tchaikowsky de Moscovo, de 1964. O grande violoncellista Gregor Piatigorsky, que se havia deslocado dos Estados Unidos para fazer parte do júri, afirmou: «Neste concurso tive ocasião de ouvir jovens extraordinariamente talentosos, tanto soviéticos como

de outros países, mas para mim, desde os primeiros momentos em que Karina Georgian fez ouvir o seu violoncelo, identifiquei-a imediatamente como indiscutível vencedora, como o melhor, o mais dotado de todos os candidatos».

Discípula de Rostropovitch, iniciou, logo a seguir, prolongada série de con-

certos nos Estados Unidos, Inglaterra, França, Holanda, etc. Só, agora, graças ao Tivoli, o público português vai poder conhecer uma das mais surpreendentes «virtuosas» do violoncelo, num programa que inclui obras de Beethoven, Brahms e Rachmaninoff, com a colaboração de Vladimir Krainev.

ANATOMIA DE UMA HISTÓRIA DE AMOR

Está já marcado o dia da próxima estreia no Teatro Vasco Santana: quinta-feira, 17 de Abril. Peça: «Anatomia de uma história de amor». Autora: Maria Lúcia Martins.

Depois de «Bocage, alma sem mundo», o Teatro Estúdio de Lisboa apresenta a segunda peça de Lúcia Martins, que é, simultaneamente, a autora do texto e de alguns dos filmes projectados e, ainda, a encenadora. Tam-

bém serão projectados alguns documentários das épocas em que decorre a acção da peça.

«Anatomia de uma história de amor», cuja estreia está a ser aguardada com o maior interesse, tem maquetas de Helena Reis e bailados de Ana Mascoto.

«Quem disse que a mulher portuguesa não se afirma intelectualmente?»

O 7.º ANIVERSÁRIO DO SERVIÇO DE PUBLICIDADE SUÍÇO-PORTUGUÊS

Como já é habitual, reuniram-se num almoço íntimo os sócios-gerentes do Serviço de Publicidade Suíço-Português, com todo o pessoal que trabalha naquela empresa de publicidade, dentro do espírito de uma franca e total colaboração.

A reunião comemorativa do sétimo aniversário daquela, embora jovem já prestigiada Agência de Publicidade, decorreu num ambiente de pura camaradagem e positivo espírito de cooperação.

De facto, o Restaurante «Muxito», foi cenário não só de uma confraternização conservadora e convencional, mas também, e sobretudo, de um diálogo humano e profissional.

ABC

As 20.45

e 23 horas

AMANHÃ

«Matinée»

TEL. 36 67 45 às 16 horas

(ADULTOS)



NICOLAU BREYNER

Ela é que sabem

REVISTA com Ivone Silva, Nicolau Breyner, Henriqueta Mayer, José de Castro, Natália José, Jill Christy, Carlos Gonçalves e Tony de Matos



VILA FRANCA

AMANHÃ, AS 16 HORAS

GRANDIOSA

GARRALADA de

ESTUDANTES

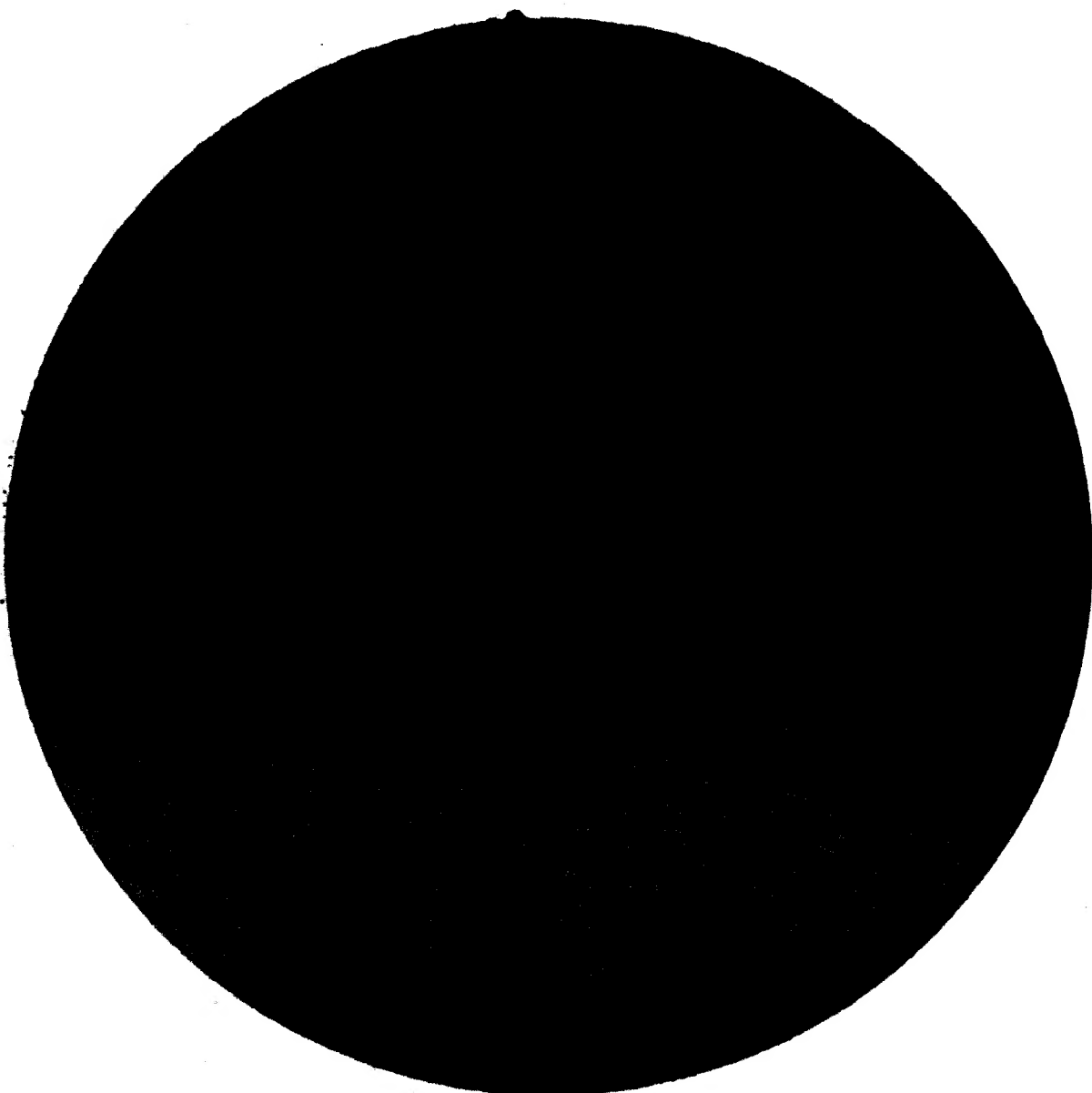
DE MEDICINA

VETERINÁRIA

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deleitação em...
Em 22 pontos de venda.

BLAUPUNKT



o sinal do espectáculo perfeito

Em casa, para toda a família, Blaupunkt-Ponto Azul representa o alegre sinal do espectáculo perfeito. Abrir um televisor Blaupunkt é a certeza de ter a inigualável nitidez e riqueza da célebre "Super Imagem" automática e electrónica Blaupunkt. É gozar um som de fidelidade absoluta. É ter a certeza de que se possui a última novidade no progresso da imagem e do som. Blaupunkt significa

antecipação científica no campo da televisão. Distraia-se melhor. Distraia-se com um Blaupunkt-Ponto Azul, o televisor do espectáculo perfeito.

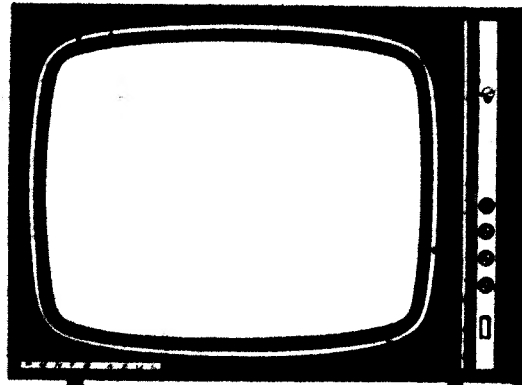
Em sua casa, com Blaupunkt-Ponto Azul, cada um é o "espectador favorecido".

Nos televisores Blaupunkt use sempre antenas "BOSCH".

Recorte o cupão anexo e, indicando o nome e morada, enderece-o a ROBERT BOSCH (PORTUGAL), LDA, Av. António Augusto de Aguiar, 32 LISBOA ou Rua Júlio Diniz, 927 PORTO

BLAUPUNKT toda a gama electrónica para diversão. Assistência técnica em todo o país.

Produtos do Grupo BOSCH



televisores · rádios · auto-rádios

BLAUPUNKT PONTO AZUL

com UHF desde 5390400
capto 17
Canais
Intensidade
Máxima
Sinal
BLAUPUNKT

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO SÃO LUIZ E NO ALVALADE

TÍTULO — «Bull» («Bul-
lio»);
REALIZADOR — Peter
Yates (1968);
INTERPRETES — Steve
Mac Queen, Jacqueline
Bisset, Robert Van-
ghen, etc.

T. Não deixa de ser um
trabalho o recente resurgir

do filme negro no panorama cinematográfico norte-americano. Na verdade, depois de «Harper, Detective Privado», de Jack Smight, datado de 1965 (e que marcou o regresso do detective privado, que teve em Philip Marlow e Sam Spade os arquétipos e em Humphrey Bogart a substância humana), vários foram os exemplos já vistos, e muitos são os que nos surgem agora a uma cadência cada vez mais obstinada. Reencontramos alguns títulos com o propósito de melhor sublinhar o facto: «A Queima Roupa», de John Boorman; «Tony Rome Investiga», «The Detective» (ainda inédito no nosso País), «Uma Mulher no Clementes», todos de Gordon Douglas; «Peter Gunn», de Blake Edwards; «Tiro de Aviação», de Buzz Kulik; «O Massacre de Chicago», de Roger Corman; «Não se Trata Assim Uma Senhora», de novo de Jack Smight; «Bonnie e

Clydes», de Arthur Penn, etc. Isto para não falarmos de alguns outros exemplos, imediatamente anteriores a «Harper» (entre eles «A Tentação do Dinheiro», de Burt Kennedy, ou «Contrato para Matar», de Donald Siegel), nem de alguns outros títulos directamente ligados ao filme negro, mas que não surgem puramente nas suas características essenciais (como de «O Presidiário», de Stuart Rosenberg, «No Calor da Noite», de Norman Jewison, ou «O Estrangulador de Boston», de Richard Fleischer).

2. Muitos têm sido os estudos dedicados ao filme de «gangsters». Os mais famosos são ainda os de Raymond Borde e Étienne Chaumeton («Panorama du Film Noir Américain»), de Armand-Jean Caubez («O Filme Policial») e o de Savyano Cavalcanti de Paiva («O Gangster no Cinema»). Todos eles, com maior ou menor acuidade, se debruçam sobre o significado

sociológico deste tipo de filme. As conclusões são inevitavelmente idênticas: o filme negro surgiu nas épocas em que os E. U. A. atravessaram períodos de depressão económica ou de crise social e política. Bertrand Tavernier (in «Cinema 68»), número especial dedicado a U. S. A.) afirma: «É curioso constatar que os grandes momentos do filme negro coincidem sempre com os períodos de depressão ou de crise económica, nacional ou internacional, que intermitentemente sacodem a América. «Scarface», «The Public Enemy» ou «Little Caesar», sem falar dos inúmeros Cagney e dos outros, Edward G. Robinson, surgem depois da depressão. «The Maltese Falcon», «Murder, My Sweet» e «Laura» são realizados em plena guerra, e durante a caça às feitiçarias e a guerra da Coreia inúmeros filmes verão a luz do dia. E de novo o «thriller» conhece uma nova juventude, agora que os U. S. A. são sacudidos externamente pela guerra do Vietnã e internamente pelo problema racial, pela revolta da juventude, pelos assassinatos políticos (que nos lembram, por isso mesmo, que Hollywood foge muito menos da realidade do que aquilo que se diz)».

3. «Bull» (ao que julgamos, primeira realização de Peter Yates) vem inscrever-se no filão mais puro do filme policial negro, reatando um caminho dos mais curtos do cinema americano, Bul-

(Continua na 7.ª página)

Alfredo Capítani

Vendedor de Cervejas e Vinhos de
qualidade e preço baixo. Serviço
de entrega em domicílio. Cervejas
e vinhos de primeira qualidade.

Afins:

Je'gin
Jockey
prodoto che
onora lindus-
ria
Portofese
non la confront
qualiasi
parallel
Rafiani

DE QUALQUER
ÂNGULO
GIN
JOCKEY

GIN JOCKEY

LICORES MUNDIAL, LDA.
RUA DO SÉCULO, 9 - LISBOA

VASCO MORGADO apresenta

TEATRO VILLARET

HOJE: 2 sessões, às 21 e 23 h.
AMANHÃ: «Matinées» às 18 h.
Noite: uma sessão, às 21.45 h.

SÓ ATÉ AO DIA 20

A PREGUIÇA

UMA COMÉDIA POPULAR
com **RAUL SOLNADO**



FERNANDA BORSATTI (a mãe)
ALINA VAZ (a mulher)
MÁRIO JACQUES (Relações Públicas)
ANTÓNIO MONTEZ (o colega)
DAVID SILVA (o patrão)



(estou a chegar ao fim)

Teatro Capitólio

Tel. 32 08 79
HOJE
AS 16 (TARDE A PREÇOS
REDUZIDOS)
E AS 21.45 H.
A GRANDIOSA OBRA DE
S. MROZEK
TANGO
M/ 17 anos

TRINDADE

— F. N. A. T. —
HOJE, às 21.45
o T. N. P. (sub pelo Fundo
do Teatro) apresenta a sen-
sacional peça de
Samuel Beckett
A ESPERA DE GODOT
AMANHÃ — ÚLTIMO DIA
(M/ 17 anos)



CORUCHE

(6 anos)

DOMINGO, 13 DE ABRIL
Às 5 da tarde
INAUGURAÇÃO
DA TEMPORADA

8 Gordas e Carpentarias Tauras
da Soc. Agrícola e Pecuária
Santo Estêvão

Victor Ribeiro
Fernando A. Selgueiro
José Simões
Reul Garcia «El Moren»
Forçados Amadores do Colégio
N.º 1.º de Tomar, chefes-
dos por Manuel Fain
Sol. 30500 — Sombra-Sol. 45500
— Sombra, 70500

O FORNO
BAR • BOITE
SOMBRERIA
M/ 17 anos

ALAIN DELON

ROMY SCHNEIDER

A PISCINA

MAURICE RONET

JANE BIRKIN

TEATRO

T. 555133

MONUMENTAL

VASCO MORGADO
apresenta
HOJE — 2 SÉSSOES
20.45 e 23 h.
A farsa de
CLAUDE MAGNIER
tradução de
Mariana de Morais

QUANDO ELA SE DESPIU...

com CAMILO, FLORBELA,
CARLOS COELHO, Cármen
Mendes, Yola, Linda Silva,
Alda Pinto, Alina Costa
Encenação de
SANTOS CARVALHO
Nos 2 teatros, AMANHÃ, À TARDE ÀS 16 H.

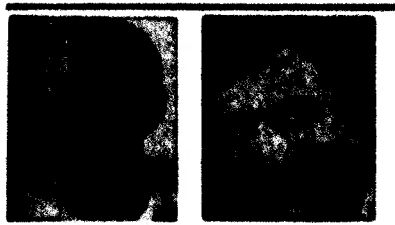
VARIEDADES

VASCO MORGADO
APRESENTA HOJE
às 21.45
EUNICE MUÑOZ, PAULO RE-
NATO, FERNANDO GUSMÃO,
na peça de BUERO VALLEJO

CARTAS NA MESA

com Fernando Alves-Morais
e Castro — Cenário de
JOÃO VIEIRA — Encenação
de FERNANDO GUSMÃO
(P.º Adultos)

NO MARIA VITÓRIA



SALVADOR
VIANA
MARIEMA

• Amanhã, sensacional
ESTREIA de

AS 20.45 e 23 HORAS
UMA NOVA E SENSACIONAL REVISTA!

MÃOS À OBRA!

UMA GRANDE COMPANHIA, com:

- SALVADOR • VIANA • MARIEMA
- MAX • ANITA • DORA • VITOR MENDES
- HELENA CARDINALI • MARIANO FRANCO
- VICTOR ESPADINHA e a atração MAY AVRIL
com ALBERTO GRAZIANO

Um espectáculo de GIUSEPPE BASTOS • VASCO MORGADO

As marcações só se repetem até às 18 horas de hoje

HOJE • AMANHÃ

MANOLO DIAZ

O «Teatro» de um povo ao ritmo da música actual

Um tipo de comédia inédita e directa

6.30
DE TARDE
SHOW • RECITAL



• MÉRIDA •

DOMINGO, 13, ÀS 17 HORAS

CORRIDA LUSO-ESPANHOLA

4 CAVALEIROS

JOSÉ MALDONADO CORTES
ALFREDO CONDE
D. GREGÓRIO PIDAL
CONDE DE S. REMY

que matarão 4 touros a regia
FORÇADOS AMADORES DE LISBOA

— de —
NUNO SALVAÇÃO BARRETO

— que —
pagando touros em penhas

6 — TOUROS DE FLORES TASSARA — 6
(do S.º 1.º)

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da pag. anterior)

É o nome de um tenente da Polícia de San Francisco. O filme não é, portanto, um inquérito particular, mas uma investigação «marginal» de um profissional. Este aspecto «marginal» confere à obra uma sinceridade e um poder de impacto invulgares. Não nos adiantemos, porém, e regressemos ao início: Bullit é chamado à residência de um senador, possivelmente chefe de uma comissão de inquérito às actividades da «organização do crime», para proteger um tal Ross, «gangster» desligado do grupo e disposto a depor perante a comissão. Pouco depois, porém, o suposto Ross aparece assassinado e o senador procura por todos os meios intimidar Bullit, acusando-o de incompetência. Este, contudo, insatisfeito com alguns aspectos menos esclarecidos no caso, resolve prosseguir um pouco por conta própria. A investigação levada-o até um outro Ross que, entretanto, procura deixar o país, perante a passividade e complacência do senador. Estes os traços gerais de «Bullit», que vem mais uma vez pôr a descoberto as linhas que o império do crime tece no interior dos U. S. A., prolongando-as até às mais altas esferas, inclusive até ao Senado e às suas comissões. Porque, com a morte do verdadeiro Ross no final, o senador deverá ter atingido a sua única finalidade: deixar no sombra o que conviria deixar na sombra e cuidar ele próprio da sua promoção social, revelando-se «aparentemente» um senador empreendedor e inconformista. Este jogo de interesses tem como consequência directa um caudal de vítimas e de joguete. O próprio Bullit não é outra coisa senão uma marioneta ao serviço do senador, que o manipula à distância, até à jogada decisiva. E enquanto o senador se recosta num carro da Polícia, indiferente aos cadáveres que lhe cobrem o trajecto, Bullit, amassado pela enrenhagem, tenta limpar das mãos o sangue que as tinge.

4. «Bullit» é uma película deliberadamente desagradá-

vel. Desde os enquadramentos dos planos (que nunca deixam de ser funcionais) até ao colorido de um cestanho amarelado, esquelético e viscoso, passando pela escolha dos próprios actores, tudo se conjuga para fazer deste filme uma obra repelente, como é a morte ou a doença. Depois há nela um cuidado de realismo levado até ao pormenor. Uma bala que explode no ombro ou rasga os tecidos de uma perna nunca pode ser um espectáculo agradável e «Bullit» confirma-o. Confirma-o também no ambiente, no clima, no ar que nele se respira e se descobre viciado, repleto de ameaças. Quando Bullit desce com a companheira até à margem de um rio, onde ambos reafirmam a necessidade de «recomeçar» tudo do início, o que vemos, no plano seguinte, é uma monstruosa fila de carros e camiões, derrubando-lhes as palavras e os sonhos. No diálogo sucede-lhe também uma frase: «Tudo começou com uma faca». Estamos de novo no inquérito, terminou a pausa, reintroduzimo-nos no crime. Excelente, portanto.

5. Dizer de um filme que ele é repelente pode, à primeira vista, parecer um juízo irremediavelmente negativo. Com «Bullit» não. Tornar o crime belo seria, pelo contrário, algo de bastante mais negativo. Mas «Bullit», enquanto espectáculo, possui elementos que lhe permitem empolgar a assistência, aguçando-a desde o início à sucessão dos acontecimentos, onde aqui e ali sobressai uma sequência de violência ou «suspense» irrespirável. Uma perseguição de carros, por exemplo. Também na interpretação «Bullit» possui fortes motivos para elogios. Steve MacQueen tem aqui um dos grandes papéis da sua carreira. Jacqueline Bisset revela-se não só uma actriz talentosa como uma jovem extremamente cativante. Quanto ao «Mister Solo», Robert Vaughan, ele é aqui um senador ambíguo e esquivo, um homem de duplo rosto.

6. «Bullit» é o espelho de uma América nada convidativa, o reverso do bilhete postal ou do cartaz turístico. Nas ruas soalheiras de San Francisco ou nos interiores mortíferos de Chicago, Peter Yates bisturizou a decomposição de uma sociedade. Com coragem e sem complacência. Honra-lhe seja feita, tanto mais que «Bullit» é um modelo daquela narrativa escurra e linear que os americanos inventaram para o cinema. Indispensável, portanto, vermos «Bullit».

LAURO ANTÓNIO

INSÓLITO

1. ANIVERSÁRIO

INSÓLITO

13 Abril 1968

INSÓLITO

PARA SI EM 1969

INSÓLITO

Avenida 5 de Outubro, 170-B

Telef. 77 52 14

LISBOA

(fechado de 2.ª-6.ª-feira)

A REVISTA «MÃOS À OBRA!...»

ESTREIA-SE AMANHÃ NO MARIA VITÓRIA

Aníbal Nazaré, Salvador e José Viana escreveram e João Nobre e Carlos Dias musicaram a nova revista «Mãos à Obra!...», que os empresários Giuseppe Bastos e Vasco Morgado apresentam dentro de dias, em sensacional estreia, no Maria Vitória.

É grande a expectativa do público perante este novo espectáculo, trabalho de uma equipa com dois êxitos sucessivos, ambos distinguidos com o «Prémio da Imprensa», «Pão, Pão, queijo, queijos» e «Grande poeta é o Zé...».

A frente do elenco, continuam os populares artistas Salvador, José Viana e Mariana, com a atracção francesa May Avril e um brilhante conjunto com Max, Anita Guerreiro, Dora Leal, Helena Cardinalli (em estreia) Mariano Franco e Vitor Espadinha, além das jovens actrizes Nina Flores, Rosemary, Tânia Mota e Sara Rafael e de um esplêndido «balé» internacional, dirigido por Mariano Franco. A montagem é dirigida por Hernâni e Rui Martins, e os figu-

rinós, de Mário Alberto foram executados nos «Ateliers» Paiva, sob a direcção da «maestra» Josefina Soares.

No Maria Vitória ensaia-se, noite e dia, para que o novo espectáculo em nada desmereça dos anteriores e para que a revista «Mãos à Obra!...», plena de alegria, comicidade, esplêndida montagem e ditos de flagrante oportunidade, seja mais um triunfo de que se orgulhem a empresa, os autores e a companhia.

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Instituto de Crédito do Estado (Empresa pública)

CONDIÇÕES PARA OS DEPÓSITOS A PRAZO DE ENTIDADES PRIVADAS

PRAZOS — 6 MESES, RENOVÁVEL: 3,5% AO ANO

1 ANO, RENOVÁVEL: 4% AO ANO

**MONTANTES: IMPORTÂNCIAS MÚLTIPLAS DE 1000\$00
COM O LIMITE MÍNIMO DE 30 000\$00**

ISENÇÕES FISCAIS:

OS JUROS DOS DEPÓSITOS ESTÃO ISENTOS DE QUALQUER IMPOSTOS, NOS TERMOS DA LEI

O Estado responde por todas as operações realizadas pela Caixa e assegura, em especial, a restituição de todos os depósitos nela efectuados, mesmo em casos furtivos ou de força maior. (Decreto-Lei n.º 48 953, de 5 de Abril de 1969)

TODOS OS DEPÓSITOS CONSTITUIDOS NA CAIXA TEM A GARANTIA DO ESTADO

ALAIN DELON

ROMY SCHNEIDER

A PISCINA

MAURICE RINET

JANE BIRKIN

«CRANPOOL»

PISCINAS e FILTROS

EXPOSIÇÃO NA «NAUTICAMPO»

EDIFÍCIOS DA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

TOTAL DOS DEPÓSITOS: 20,3 MILHÕES DE CONTOS

FUNDOS DE RESERVA: 3,5 MILHÕES DE CONTOS

FILIAIS EM TODAS AS CAPITAIS DE DISTRITO

AGÊNCIAS OU DELEGAÇÕES EM TODOS OS CONCELHOS DO CONTINENTE E ILHAS ADJACENTES

DELEGAÇÕES DA CAIXA ECONÓMICA PORTUGUESA EM TODAS AS ESTAÇÕES DOS CORREIOS

Prevista a constituição de «Institutos de Crédito» em Angola e Moçambique

O Decreto-Lei n.º 48248, promulgado em 26 de Março findo veio estabelecer as condições em que os bancos comerciais do continente e ilhas adjacentes poderão realizar operações de crédito a médio prazo, mediante a aplicação de recursos diferentes dos capitais próprios.

Com o mesmo objectivo vai ser publicado em breve um novo diploma para as províncias ultramarinas, tendo em conta, porém, que, quanto a este tipo de crédito, a orientação expressa no decreto-lei regulador da actividade bancária no Ultramar divergiu sensivelmente da seguida na legislação metropolitana.

Com efeito, ao promulgar o Decreto-Lei n.º 45290, de 8 de Outubro de 1963, foi prevista uma situação especial para os bancos comerciais ultramarinos, que até hoje não foi estabelecida para os bancos do continente e ilhas adjacentes. Assim, com a preocupação constante de promover e facilitar, por todos os meios adequados, o maior financiamento das actividades económicas ultramarinas, inovou-se no sentido de consentir que, sob determinados condicionamentos, o exercício das funções de crédito pelos bancos comerciais viesse a compreender também a realização continuada e regular de operações de crédito a médio e a longo prazo, designadamente de crédito agrícola e pecuário, de crédito industrial e predial. Estas operações seriam, contudo, efectuadas exclusivamente por serviços especiais e autónomos desses bancos, denominados «departamentos financeiros».

O diploma a publicar brevemente visa precisamente regular a actividade desses departamentos. Assim, esta lei define o processo a seguir para a sua criação; define como objecto dos mesmos departamentos a realização de operações de crédito a médio e longo prazo, compreendendo a concessão de recursos financeiros ou a prestação de garantias; regula as operações a efectuar e respectivos valores em função das finalidades da aplicação dos recursos e conceder, conforme se trate de operações a médio ou a longo prazo e de crédito agrícola, pecuário industrial ou predial.

A promulgação deste diploma permitirá dar seguimento a alguns pedidos já apresentados por bancos comerciais ultramarinos para a constituição de departamentos financeiros.

Porque se reconhece que a escassez de crédito a médio e a longo prazo no Ultramar constitui grave lacuna dos respectivos mercados financeiros serão publi-

cados simultaneamente dois outros diplomas, permitindo a constituição, em Angola e em Moçambique, de estabelecimentos de crédito do Estado, com funções semelhantes às da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, denominados «Institutos de Crédito».

Com a constituição de tais estabelecimentos de crédito aperfeiçoar-se-ão, naquelas províncias, o quadro actual de intervenção pública neste domínio da actividade financeira, que comporta a existência de uma instituição especializada na concessão de empréstimos à agricultura e de outra destinada a actuar junto dos restantes sectores da economia local.

Com efeito, os institutos de crédito agora regulados estão concebidos por forma a transformar-se em instituições financeiras poderosas, capazes de fornecer preciosa contribuição para o desenvolvimento económico das províncias onde vão exercer a sua actividade.

Os diplomas orgânicos a publicar contém disposições suficientemente largas e maleáveis para permitir uma gestão eficaz, adaptada às conveniências da situação local e das diferentes fases da conjuntura. Todos os tipos normais de operações próprias desses estabelecimentos tanto activas como passivas, se encontram explicitamente previstas — sem prejuízo da possível intervenção dos governados regionais.

Dá-se assim, um passo importante para o aperfeiçoamento dos mercados financeiros ultramarinos, que se espera virá a ter continuidade com a próxima promulgação de outras medidas legislativas, conducentes a melhorar a estrutura institucional dos referidos mercados.

Encontra-se igualmente pronto para publicação um outro diploma visando a instituição em Cabinda de um novo regime aduaneiro, estabelecendo condições mais favoráveis ao fortalecimento das relações com os territórios limítrofes.



PAULO QUINTELA

O PROF. PAULO QUINTELA NOVO CATEDRÁTICO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

Foi contratado para o exercício das funções de catedrático alemão do quadro (Filologia Germânica) da Faculdade de Letras de Coimbra, o prof. Paulo Quintela, que era até agora professor extraordinário da mesma secção, depois de ter sido, muito jovem ainda, professor auxiliar.

Licenciado e doutorado com elevadíssima classificação, antigo bolseiro e leitor de Português em Berlim, mestre de sucessivas gerações de germanistas, Paulo Quintela tem prestado como poucos a função docente. O seu contrato na qualidade de catedrático não é mais do que um reconhecimento tardio do invulgar trabalho produzido ao longo de trinta e seis anos, grande parte dos quais desdobrando-se na direcção artística do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra.

Estudioso profundo da matéria literária, deve-lhe já a «intelligentia» portuguesa muita novidade. Recordem-se, entre outras, as

Casacos a varrer o chão — moda para o próximo Inverno apresentada por costureiros italianos

FLORENÇA, 12 — (Por Brenda Rotzoll, da U.P.I. — exclusivo da A.N.I. em Portugal) — Vai ser um Inverno muito frio, o de 1980-70, a acreditar nos casacos apresentados nas passagens de modelos do pronto a vestir italiano.

Os maxicasacos chegam até ao chão e são debruados a pele ou confeccionados com elas, havendo ainda botas, chapéus e regatos de pele.

A «boutique» Caumont, de Milão, apresentou um casaco de cabedal para a chuva, que varria o chão, era apertado

por um cinto e debruado a pele de raposa vermelha. Caumont chamou à sua colecção «Expresso do Oriente», mas o aspecto era mais de «Transiberianos», com calças metidas em botas altas e jaquetas como as dos oficiais de marinha.

Para resistir às temperaturas albanianas, um fato de lã castanho aos quadrados, com um daqueles jaquetões, tinha a condizer uma capa a todo o comprimento, debruada de vison. Chapéus de pele de castor, golas de pele de castor e punhos da mesma pele apareciam noutros casacos. O escocês das mantas de viagem inspirou os padrões dos casacos, sempre enfeitados com pele.

Muitas cinzentas nos maxicasacos de estilo russo foi o que apresentou Lux Sport, de Parma.

Eguzquis, de Milão, gostou tanto dos «maxis» que a maior parte dos seus modelos eram desse género, e em preto, torrado e branco. Uma sala preta acompanhava um «bolero» torrado e uma blusa branca de mangas compridas.

Lívio Desmone apresentou um casaco que chegava aos tornozelos, num escocês de «vinyl» que, embora quase varresse o chão, e se usasse com botas altas, não se distinguia a climas frios.

Ao abrir o casaco, o modelo apresentou um dos mais mini-bikinis do dia. Uma das peças era quase exclusivamente um cinto largo de cabedal com uma fivela e a outra peça reduzia-se a dois

círculos pretos. Apresentou outros modelos explosivos: calças de «vinyl» crasse às riscas caramelo.

Necrologia

FALECIMENTOS

José Luis

Faleceu o sr. José Luis, de 77 anos, comerciante, natural de Bela (Monção), casado com a sr.ª D. Maria da Conceição Barbosa. O funeral, a cargo da Agência Seigada, realiza-se amanhã, às 9 e 30, da capela da casa mortuária do Hospital de Santa Maria, para o cemitério de Barbentim (Monção).

FUNERAIS

Mário Ferreira Moraes

ABRANTES, 12.—Foi muito concorrido o funeral do sr. Mário Ferreira Moraes, de 74 anos, sargento reformado do Exército, natural de Lisboa e que aqui constituiu família, no regresso da primeira grande guerra. Deixa viúva a sr.ª D. Maria da Conceição Correia Paulo Moraes; era pai da sr.ª D. Maria Manuela Paulo Moraes Monteiro, casada com o sr. Manuel Lourenço Monteiro, professores oficiais na freguesia de Comenda-Gavião, e avô dos estudantes Jorge Manuel e Maria da Conceição, e cunhado do sr. António Leitão dos Santos, casado com a sr.ª D. Maria Virgínia Correia Paulo dos Santos, comerciantes nesta praça.

Duas dezenas de concorrentes no «Rally» de Viseu

Uma vintena de inscritos começa esta tarde a disputar o I «Rally» de Viseu, prova organizada pelo Aero Clube de Viseu e cujos resultados contam para o Campeonato Nacional de «Rally».

A competição consta de um percurso de estrada de cerca de 700 quilómetros e de três provas complementares.

Os concorrentes saem de Viseu às 16 horas e seguem por Tondela (16 e 20), Mortágua (17 h), Caramulo (17 e 30) e Vouzela, onde termina a primeira etapa, às 18 e 32.

A segunda etapa inicia-se às 21 horas (média de 80 km/h), seguindo os automobilistas por Lamego (21 e 40), Armamar (22 e 35), Momenta da Beira (23 h), Régua (às 0 horas) e terminando em Viseu, às 2 e 11 de amanhã.

As 3 e 16, tem início a 3.ª etapa, por Mangualde (3 e 40), Aguiar da Beira (3 e 52) e Celorico da Beira, onde termina às 5 e 34.

A 4.ª e última etapa começa às 7 e 31, seguindo os concorrentes por Gouveia (7 e 50), Seia (8 e 13) e estando as chegadas a Viseu previstas para às 9 e 23.

As provas complementares realizam-se, respectivamente, em Viseu, no Parque Municipal de Fontelo, em Vouzela (subida da Senhora do Castelo) após a primeira etapa, e novamente em Viseu, no recinto da Feira de S. Mateus, após a chegada.

São os seguintes os concorrentes inscritos: 1. Américo Nunes, em «Porsche 911 S»; 2. Márcio de Albuquerque, em «Porsche 911 S»; 4. Francisco Romãozinho, em «Mor-

ris Cooper S»; 5. Polcarpo de Brito, em «NSU TTS»; 7. Fausto Martins, em «NSU TTS»; 8. Rui Souto, em «Austin Cooper S»; 11. Luís Neto, em «Austin Cooper S»; 12. César Torres, em «Austin Cooper S»; 14. Carpinteiro Albino, em «Saab V4»; 15. eng.º Hélio Moraes, em «Morris Cooper S»; 16. Adolfo Sampaio, em «Porsche 911»; 17. António Silva, em «Austin Cooper S»; 18. Eduardo

Old, em «Ford Cortina GT»; 19. Sarmiento Rebelo, em «NSU TT»; 20. Martins Teixeira, em «Austin Cooper S»; 21. Manuel Reis, em «Austin Cooper S»; 22. Francisco Santos, em «Cortina Lotus»; 23. Sousa Miranda, em «Austin Cooper»; 24. Artur Santos, em «Austin Cooper S»; 26. Lopes Rebelo, em Morris 850; 28. Hermínio Venâncio, em «Citroen Dyane».

Serviço PHILIPS

AS SUAS ORDENS PARA:

- Montagens de: Auto-Rádios
- Venda de: Acessórios
- Reparações Rápidas

CENTRO COMERCIAL DOS SERVIÇOS TÉCNICOS DA PHILIPS PORTUGUESA

Avenida Luís Silva, 85-A
Rua Pinheiro Chagas, 68
Telefone 88 02 00 — LISBOA

IRONWEED

Cortadoras eléctricas de plano inclinado com total aproveitamento de carnes

5 Modelos à sua escolha!

Lâminas de 220-250-275-300-350 mm de diâmetro

- Higiénicas
- Robustas
- Eficientes
- Rápidas
- Económicas
- Práticas

Se está comprador de uma cortadora, veja, examine, compare e... somente depois decidir!

Grandes facilidades de pagamento

Demonstrações sem compromisso

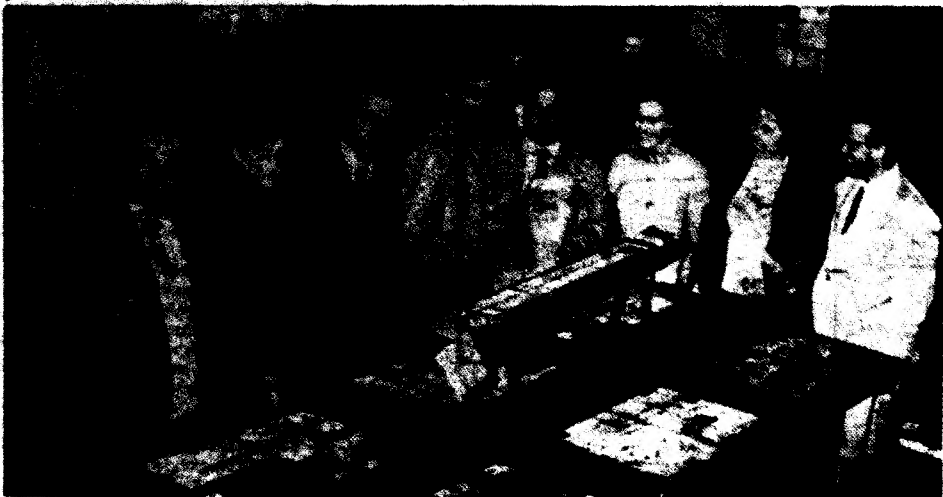
Distritores exclusivos:

Sr. de Rep. **SIDA-SUECA**, Lisboa

Rua de S. Nicolau, 16-17 **LISBOA**

CONFERÊNCIA SOBRE PROBLEMAS MONETÁRIOS INTERNACIONAIS

Noj, às 18 e 30, no Hotel Fátima, o sr. L. B. Tumbalá, administrador-delegado do Skandinaviska Banken, faz uma conferência sobre «The International Monetary Problems».



Os representantes do Clube Português de Buenos Aires na visita às oficinas do «Diário de Lisboa»

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS DE ANGOLA

LUANDA, 12 — (A. N. I.) — Foi distribuído o comunicado das Forças Armadas em Angola, referente à semana finda em 5 de Abril, com o seguinte teor:

«No Norte da provincia, os terroristas revelaram-se pouco activos, enquanto no Leste intensificaram a sua acção, sem, no entanto, terem produzido efeitos de relevo. As forças da ordem continuaram o esforço de vigilância e busca dos foras de lei, que constantemente e sistematicamente evitaram o contacto, pelo que não foram obtidos resultados volumosos».

No Cuanza Norte, as nossas forças, em simultaneidade com a actividade militar, desenvolveram medidas de vigilância e ordenamento em prol das populações, em especial na região do Quiqueto, nos dias 2 e 4.

Quanto ao distrito de Luanda, mencionam-se o ataque efectuado no dia 3, pelos bandidos aos trabalhadores de uma

fazenda situada na zona de Mucundo e aos elementos da guarda rural encarregados da sua protecção.

No Moxico, os bandidos montaram emboscadas às forças da ordem, no dia 30, perto de Cangombe; em 31, a Leste do Luso, e no dia 2, no itinerário Gago Coutinho-Ninda. Implantaram, também, um engenho explosivo a Oeste de Lova, que foi aceso por nossas tropas em 3. Finalmente, no dia 30, um bando de carrascos do povo assassinou uma pessoa nas proximidades de Gago Coutinho. As nossas forças, numa acção em 30 e 31, causaram um morto aos terroristas e destruíram um acampamento, a Norte de Luanda, e durante patrulhamento a 29, na região de Tempue, capturaram granadas de mão e recuperaram catorze pessoas.

No Cuando-Cubango, registouse, em 31, o rapto de duas mulheres e de três crianças, perpetrado a Sul de Mayinga. Em contrapartida, as forças da ordem, numa operação no dia 30, na área de Lapiira,

recuperaram mais de quarenta indivíduos.

As nossas tropas sofreram um morto e doze feridos, em combate, durante o período.

As milícias sofreram sete feridos, igualmente em combate, e verificaram-se ainda dois mortos e dois feridos entre a população civil».

Guarda da P. S. P. morto em combate em Angola

Morreu em combate, em Angola, no dia 8 do corrente, o guarda da P. S. P. Manuel Lopes da Neta n.º 3555, da 9.ª Companhia Móvel da Polícia, destacada da Metrópole, natural da freguesia e concelho do Sardoal, filho de António Lopes da Neta e de Joaquina Ventura.

O sr. Lopes da Neta, aludado na P. S. P. de Lisboa em 20-12-1967, seguiu para Angola em 29 de Junho do ano findo.

O CATITINHA FOI A ENTERRAR

Foi ao fim da tarde, em Avanca, que foi a enterrar, com 90 anos, o «Catitinha» — figura quase legendária para quantas crianças, nas praças, nas ruas, sentiram um dia a sua mão amiga, a sua presença carinhosa, algo insólita naquele corpanzil de bom gigante, há muito tempo com a farta cabeleira branca esvoaçando ao vento.

No préstito incorporaram-se muitas pessoas de profecção, e praticamente todas as crianças da vila, que sem exagero, e até sem lirismo, se poderia dizer que representavam todas as crianças portuguesas de hoje e de ontem, de todas estas décadas em que a infância teve no «Catitinha» o amigo mais singularmente devotado.

De seu nome António Joaquim Ferreira, nasceu em 1879 na freguesia de S. Tiago, concelho de Torres Novas, e faleceu ontem, de manhã, na casa do sr. António Moutinho, vitimado por doença cardíaca. Bastante doente desde há tempos, tinha ido para Avanca, manifestando o desejo de ficar enterrado a mesma sombra do que foi um seu grande amigo — o sábio prof. Egas Moniz.

Figura legendária, e lendária, parece que ao «Catitinha» lhe morrera uma pequena filha atropelada: e a partir daí o seu amor por uma criança que era sangue do seu sangue, transferiu-se para todas e a todas ele procurava no seu constante itinerário por terras de Portugal.

«ABRIL EM PORTUGAL» PARA 50 PORTUGUESES FIXADOS NA ARGENTINA

O Clube Português de Buenos Aires, movido pela saudade da terra distante e pela legenda turística do «Abril em Portugal», organizou uma excursão que, ontem, trouxe a Lisboa 50 portugueses fixados na Argentina.

Em colaboração com a TAP, este grupo de excursionistas deslocou-se, a partir da próxima segunda-feira, às seguintes localidades: Portimão, Faro, Coimbra, Figueira da Foz, Porto e Guarda, regressando a Lisboa no próximo dia 26, para visitar Queluz, Sintra, Cascais e os Estoril.

Pois foram os representantes do clube organizador que, ontem mesmo, visitaram o nosso jornal, onde, num acto de manifesta simpatia, entregaram, à direcção do «Diário de Lisboa», uma preciosa colecção do «Boletim del Club Português»: um curioso galhardete de seda, com destino ao Grupo Desportivo do «Diário de Lisboa»; e um belo exemplar do livro «Martin Fierro», poema clássico de José Hernandez, encadernado em couro dos Pampas.

Os visitantes eram acompanhados, além dos locutores da Voz do Club Português, sr.ª D. Norma Lugani e sr. José Carreira, pelo presidente do C. P., sr. Narciso Tomé, pelos vice-presidentes, srs. José Madeira e Francisco Rosa Gago, e pelo secretário, sr. Américo Dias.

Esta organização do Club Português pensa, segundo nos foi esclarecido, realizar periodicamente uma excursão semelhante a esta, agora, efectuada, pois, em toda a Argentina vivem entre 60 a 70 mil portugueses, dos quais 20 mil, exactamente, em Buenos Aires e outros

tantos em Comodoro, Rivadavia, perto da Antártida, a grande zona de petróleo argentina.

Frigorífico

PHILIPS



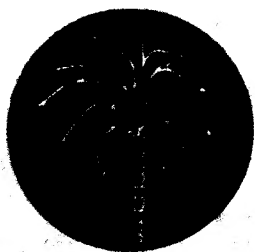
RM 2425
275 L

UM OÁSIS EM SUA CASA

O frigorífico que cabe na sua cozinha e no seu orçamento. Pequeno por fora, enorme por dentro. Nove modelos à sua escolha. Em todos eles a qualidade, o serviço e a garantia de uma marca famosa em todo o Mundo. Entre outras salientam-se as seguintes características:

- Economia de espaço e de consumo.
- Conservação ideal e por longo tempo dos alimentos.
- Distribuição racional e regular da temperatura desejada.

A refrigeração nos modelos «Combi», de duas portas, faz-se pelo sistema F-H (Frio Humido) que não permite a desidratação dos alimentos e dispensa a descongelação.



RM 2400 - 240 L

RM 2401 - 260 L

RM 2426 - 170 L

RM 2133 - 240 L

RM 2424 - 225 L

RM 2132 - 305 L

ANDARES VENDEM-SE

Em Benfica, Borna, Amadora, Alga, Linda-a-Velha, Carnaxide, Spadros e Parada, c/ 3 a 5 casas anexadas, 2 casas de banho, cozinha, roupeiros, etc.

TERRENOS C/ PROJECTO APROVADO
FACILITA-SE PAGAMENTO

JOÃO PROTÁSIO NALHA

Rua Luciano Cordeiro, 25-1.º-D.º — LISBOA
Telex. 539200, 2910079 e 785200

QUER RECEBER EM SUA CASA UM ESTUDANTE AMERICANO?

Para cumprimento dos programas de Verão e escolar do American Field Service em Portugal, estão abertas as inscrições para as famílias que desejem receber um/a estudante norte-americano/a durante o próximo Verão ou ano lectivo, respectivamente.

Os estudantes deslocam-se a Portugal por intermédio do American Field Service, com todas as despesas pagas, incluindo viagens e seguros. O seu tempo de estadia vai de 1 de Julho a 31 de Agosto, para o programa de Verão, e de 1 de Julho de 1969 a 1 de Agosto de 1970, para o programa escolar.

Os resultados obtidos ao abrigo destes programas têm sido animadores, quando aos sentimentos que despertam as consciências que esclarecem, e à boa-vontade que originam.

Procuram-se famílias amigas e generosas que queiram franquear o seu lar a estes embaixadores da Boa-vontade.

Todas as famílias interessadas deverão dirigir-se ou escrever para: American Field Service em Portugal, Av. Estados Unidos da América, 94, 13.º-C, Lisboa-5 (telefone 715056); ou para Delegação do Norte do American Field Service, Rua de Santo Ildefonso, 282-A, 3.º, Porto (telefone 24258).

O prazo das inscrições termina a 30 de Abril de 1969.

As expressivas homenagens à memória de João de Barros na cidade da Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 12 — A cidade prepara-se, como já dissemos, para prestar expressiva homenagem à memória do grande e sábio figueirense dr. João de Barros, poeta e escritor eminente, que foi ministro da República e figura de prestígio entre os nomes ilustres do «Diário de Lisboa».

A Câmara Municipal marcou o dia 1 de Junho para esta justa consagração. O programa inclui a inauguração do monumento a João de Barros, que provisoriamente, fica colocado no novo Parque Dr. Joaquim de Carvalho, na zona das Abadias, para, mais tarde, ser transferido para o novo edifício do Ciclo Preparatório, que tem o nome do poeta de «Anteus».

A Rua Dr. João de Barros, certamente inaugurada no mesmo dia, fica em frente do mar e da praia, na moderna

zona turística da Ponta do Galante.

II Encontro da Imprensa dos Beiros

Com o objectivo de se estudarem as possibilidades de decorrer aqui o II Encontro da Imprensa dos Beiros, houve, na sede da Comissão Municipal de Turismo, uma reunião de representantes da imprensa local, com o seu presidente, sr. Severo da Silva Bessa.

Após troca de impressões, foi resolvido considerar muito útil para a cidade conseguir-se o apoio do Município para a iniciativa. Foram julgados viáveis para o encontro os meses de Junho e Setembro, mas melhor o de Junho por coincidir com as tradicionais festas de São João.

Comando militar

O comandante da II Região Militar, sr. general Fernando V.otti de Carvalho, visitou oficialmente, os quartéis de Artilharia Pesada 3 e C.I.C.A. 2. A visita começou pela primeira daquelas unidades, na companhia do comandante, sr. coronel Lúcio Jacinto Nunes; seguindo-se a segunda, cujo comandante, sr. tenente-coronel António José Ribeiro, também com os seus oficiais, acompanhou o general, a quem foi oferecido um jantar de homenagem na messe do Regimento de Artilharia 3.

DAR TREZENTOS PARA RECEBER 30...

Há certas coisas que só vistas, contadas, ninguém acredita. Ou, se alguém acredita, é por obra e graça dos génios humorísticos, capazes de dourar a pilula com o ven do diáfano do Ego...

Aconteceu ontem, um dos mais importantes estabelecimentos bancários da nossa praça comunicava a certo cliente seu que devia efectuar o pagamento de três tostões (30 centavos), relativos à cobrança de uma renda.

Até aqui, nada a objectar. A correspondência de nota zelo no cumprimento de uma obrigação de forma nenhuma rendível. Certo.

Acontece simplesmente que na carta onde se participava um débito de três tostões gastou o estabelecimento em causa três escudos (300 centavos)...

Permanecem as razões para a troca de correspondência. Mas o zelo ultrapassa-se. Ao ultrapassar-se, muda de qualidade: transforma-se em excesso de zelo. E o excesso de zelo é uma das faces mais antipáticas desse bicho de mil caretas que se chama burocracia.

Para receber 30 centavos o banco emprega 300 em investimento de prestígio. O bom senso começinha, este que tem os pés assentes no chão difícil, pergunta se não haveria investimentos mais produtivos e razoáveis. Mas o capital tem razões que o puro simplório desconhece. — C.

JANTAR

DA TÁBUA RASA

No dia 16, às 20 e 30, a comissão delegada da Tábua Raza promove mais um jantar no Restaurante Hong-Kong, para o qual se encontram abertas as inscrições dos associados. É convidado de honra o embaixador da Venezuela, dr. Rafael Armando Rojas.

Projecto de um decreto-lei que regula as concessões para prospecção dos recursos minerais na plataforma continental

Reunem-se hoje, sob a presidência do dr. Luís Supit, o Conselho da Presidência da Câmara Corporativa, a fim de iniciar os trabalhos de apreciação do projecto de decreto-lei que regula as concessões para prospecção, avaliação e aproveitamento de recursos minerais nas plataformas continentais.

O preâmbulo do referido decreto-lei chamou a atenção para o facto de a Convenção de Genebra de 29

de Abril de 1958, a que Portugal aderiu, estender os limites da plataforma continental até onde a profundidade das águas su-perfícies permita a exploração dos recursos naturais.

A Lei n.º 2000, de 21 de Março de 1966, previu na sua Base II, dum modo genérico, concessões nas plataformas continentais até ao limite da linha de 200 metros de profundidade das águas, mas desde logo reservou lei especial dispondo de outro modo.

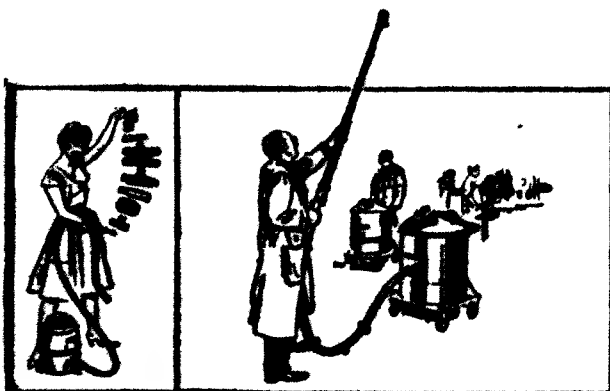
A moderna tecnologia frui já meios para a prospecção a profundidade que ultrapassa em muito o limite da batimétrica dos 200 metros, supondo-se que no presente ano se atinjam os 500 metros (report of the ad Hoc Committee to Study the Peaceful Uses of the Sea-bed and the Ocean Floor Beyond the Limits of National Jurisdiction, United Nations, página 263).

Estes avanços tecnológicos têm particular reflexo em matéria de recursos minerais, pelo que convém prever desde já, em lei especial, concessões para prospecção, avaliação e aproveitamento de alguns recursos para além do limite dos 200 metros de profundidade.

CONCURSO DE FOTOGRAFIA PARA ESCUTEIROS

A equipa cultural do 6.º do Agrupamento LXVII de Corpo Nacional de Escutas promove o II Concurso de Fotografia a quem podem concorrer elementos do Corpo Nacional de Escutas, da Associação dos Escoteiros de Portugal e da Associação das Guias de Portugal. Há três temas: Escutismo, Paisagem e Retrato.

Os trabalhos podem ser entregues até ao dia 15 de Maio. Qualquer esclarecimento e pedidos de boletins de inscrição podem ser feitos para II Concurso de Fotografia, Rua Capitão-Tenente Oliveira e Carmo, 6, 2.º, etc.



NILFISK



no dia que começa NILFISK recomeça!

recomeça a limpeza de cada dia no lar ou na fábrica

ASPIRADORES INDUSTRIAIS E DOMESTICOS

Fornecedores da Indústria Grandes Companhias, Hospitais, Hotéis, Escolas, Estado e Forças Armadas.

VALENTIM DE CARVALHO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA S.A.R.L.

RUA NOVA DO ALMADA, 95-97 LISBOA

No norte: VADECA - R. de S.ª Antónia, 240 - PORTO



Actualidade internacional

Tropas do Pacto de Varsóvia deslocadas para a Ásia?

(Continuação da 1.ª página)
 Je que os aliados da U. R. S. S. no Pacto de Varsóvia estão a enviar forças para a fronteira sino-soviética, onde se registam perturbações.

Este jornal conservador britânico publica um telegrama de Bonn, na primeira página, com o seguinte título: «A U. R. S. S. recruta tropas do Pacto para defrontarem a China».

George Vine, correspondente do jornal em Bonn, escreve ainda: «As tropas estão a seguir da Alemanha Oriental, Polónia, Hungria e Bulgária — os países que ajudaram a Rússia

na invasão da Checoslováquia no ano passado».

«Entretanto, circulam notícias em Bonn de grandes movimentos de tropas soviéticas na Europa Central. Relatórios dos serviços secretos ocidentais afirmam que os efectivos soviéticos na Checoslováquia foram reduzidos para 80 000 homens, formando sete divisões, em três meses».

Vine acrescenta que os movimentos de tropas foram revelados após o primeiro-ministro polaco Wladyslaw Gomulka efectuar uma viagem de surpresa a Berlim-Leste, durante o dia de ontem, a fim de se avia-

tar com o marechal Andrei Gretchko, ministro soviético da Defesa.

CANÇÃO RUSSA

MOSCOVO, 12 — (F. P.) — «Ele não esteve em Leninegrado, nem em Berlim, nem em Estalinegrado, mas aguentou firme como uma muralha, à beira do Ussuri, onde temos Damansky...» — assim começa a primeira canção popular soviética inspirada pelas lutas fronteiriças do Ussuri, que ontem foi solenemente apresentada num espectáculo de gala, realizado em Moscovo.

A canção foi interpretada pela cantora folclórica

Ludmilla Zykina, perante um auditório de seis mil pessoas, que assistiram no Kremlin às comemorações do «Dia da Cosmonáutica».

LOJISTAS FRANCESES MANIFESTARAM-SE COM OS SEUS CARROS

BOURGOIN (FRANÇA), 12 — (R.) — Cerca de 20 pessoas foram hospitalizadas a noite passada nesta

cidade, após a Polícia lançar granadas de gás lacrimogénico contra milhares de automóveis que bloqueavam Bourgoín durante uma manifestação dos lojistas locais contra o aumento dos impostos.

Os lojistas enfurecidos empregaram 3000 automóveis para bloquearem as entradas principais da cidade, situada a meio caminho entre Lyon e Grenoble. Mais de dois mil carros, seguindo para o norte, após férias da Páscoa prolongadas, aumentaram a confusão e a Polícia de choque foi chamada para intervir.

SONDAGEM ADEBGA DE DE GAULLE

PARIS, 12 — (R.) — Segundo uma sondagem publicada hoje, a maioria dos franceses gostaria que o general de Gaulle continuasse no Poder até ao fim do seu mandato, em 1972.

A sondagem, feita antes da entrevista concedida pelo general na Televisão, revela que 53 por cento são favoráveis à sua continuação no Poder até 1972, quando há dois anos havia apenas 49 por cento que manifestavam a mesma opinião.

O inquérito foi feito pelo Instituto Francês de Opinião Pública para o «France Soir».

O PLANO HUSSEIN É CRITICADO POR RÁDIO ARGEL

LONDRES, 12 — (A. N. I.) — O novo plano de paz do rei Hussein da Jordânia não passa de mais uma conspiração forjada no escuro, e inspirada pelo imperialismo norte-americano — afirmou Rádio Argel, em emissão captada em Londres.

A emissora declarou que o rei Hussein e os outros chefes de Estado árabes não têm o direito de falar em nome do povo da Palestina.

DOVIDAS

CAIRO, 12 — (F. P.) — Referindo-se ao plano de paz em seis pontos proposto pelo rei Hussein da Jordânia, o jornal «Al Ahram» contesta a autenticidade das propostas do soberano hachemita e acusa as agências de imprensa de quererem explorar declarações atribuídas ao monarca jordano.

TENHA UM FILHO NO AUTOMÓVEL...

KNOXVILLE, 12 — (R.) — Uma senhora do Tennessee teve uma criança no banco da frente do carro da família, um Volkswagen, ganhando por isso um prémio de 100 dólares, prêmio daquela fábrica para o nascimento de uma criança num dos seus pequenos carros.

Suicidou-se a bailarina supostamente envolvida no assassinio de Robert Kennedy

LOS ANGELES, 12 — (R.) — Uma mensagem a «baton», escrita por uma bailarina moribunda no espelho do seu quarto de dormir, encerrou nesta cidade outro capítulo do enigma do assassinio do senador Robert Kennedy.

Kathy Fulmer, de 23 anos, uma bailarina que dançava sem corpete, suicidou-se ingerindo uma dose excessiva de comprimidos num motel de Los Angeles, segundo comunicou ontem a Polícia.

Kathy Fulmer afirmou ser a rapariga misteriosa, com um vestido de pintas, que se disse ter sido vista a conversar com o alegado assassino do senador Bob Kennedy, pouco antes do crime, em Junho passado.

Contudo, a Polícia soltou-a, após a interrogar, quando um criado de hotel admitiu que mentira ao afirmar ter visto uma rapariga a conversar com o imigrante jordano Sirhan Sirhan. Foi formulada nessa altura a teoria de que Kathy Fulmer aproveitara o caso para arranjar publicidade para si própria.

A bailarina garantiu uma mensagem a «baton» no espelho do motel, pouco antes de morrer na quinta-feira, 4 noite. A mensagem dizia: «Deus — destine uma montanha e vou gostar de a subir». A comunicação da Polícia afirmou que Kathy Fulmer acrescentara: «é-lo-ei eu, na caixa de madeira».

os amigos
são para as
ocasiões...



Contamos com eles. No nosso trabalho ou quando temos que transportar uma profusão de embrulhos, as crianças e ainda o cão, encontramos um amigo prestável. O Ami 6. Com o seu grande espaço interior, é o carro que resolve todos os problemas de transporte múltiplo, e nos permite aproveitar inteiramente as férias, os fins de semana, a pesca, a caça, a simples ida às compras.

Agora também numa versão de luxo: **BREAK CLUB**

CITROËN
BREAK ou BREAK CLUB

ami
O AMIGO DE TODAS AS OCASIÕES



AGORA!
"UMA NOVA GERAÇÃO DE MOTORES"
MAIS RÁPIDOS
MAIS NERVOSOS
MAIS POTENTES

AUTOMÓVEIS CITROËN, S.A.R.L.

Avenida Praia da Vitória, 9-11
Avenida Fontes Pereira de Melo, 47-A
Rua Filipe Folque, 5

Husak critica os outros dirigentes checoslovacos

PRAGA, 12 — (R.) — Gustav Husak, o chefe do Partido Comunista eslovaco, atacou a noite passada a chefia do Partido e o Governo da Checoslováquia por permitir que «elementos irresponsáveis» utilizassem os serviços noticiosos para disseminarem opiniões contra o Estado.

Num discurso áspero que pronunciou numa sessão de funcionários de uma cooperativa agrícola em Nitra, no centro da Eslováquia, Husak disse ainda que os dirigentes do país tinham falhado em concretizar a política que tinham adoptado.

Após Janeiro de 1968, quando Alexandre Dubcek assumiu a chefia do Partido, fora permitido que forças anti-socialistas participassem na vida política, asseverou Husak, segundo comunicou a Ceteka, a

agência noticiosa checoslovaca.

O discurso do dirigente eslovaco seguiu-se à introdução, por insistência do Kremlin, de novas e seve-

Condições de Tito para cooperar com a U. R. S. S.

BELGRADO, 12 — (F. P.) — Foi anunciado esta noite nos meios jugoslavos bem informados que o presidente Tito afirmou a Ivan Benediktov, embaixador da União Soviética em Belgrado, que a Jugoslávia estava disposta a colaborar com a União Soviética sem renunciar aos seus princípios bem conhecidos sobre a interdependência e a soberania de cada partido e de cada país socialista.

ras restrições contra a imprensa, após as violentas manifestações contra os russos, no mês passado.

Essas manifestações, segundo disse Husak, levaram a Checoslováquia à beira da catástrofe e prejudicaram as suas relações externas.

Husak acentuou que a chefia checoslovaca reconhecia a liberdade de imprensa.

Voltando a referir-se à política externa, Husak reiterou que a segurança da Checoslováquia dependia dos seus elos com os Estados socialistas — «e especialmente com a União Soviética».



A sr.^a Nguyen Thi Bing, delegada da F. N. L. às conversações de Paris, presidiu há dias, na Trafalgar Square, em Londres, a uma manifestação contra a guerra do Vietnam, na qual participaram cerca de quatro mil pessoas.

Tentativa frustrada de golpe de Estado em Bangui

Segundo informa a Agência France Press, uma tentativa de golpe de Estado foi descoberta e neutralizada em Bangui, capital da República Centro-Africana, na noite de quinta para sexta-feira. A notícia foi divulgada pelo próprio presidente da República, general Jean Bedel Bokassa. De acor-

do com o presidente, a conspiração foi chefiada pelo tenente-coronel Alexandre Banza, ministro da Saúde, que foi preso.

A República Centro-Africana, que foi colónia francesa com a denominação de território do Ubangui-Chari, é um país de 617 000 km² e 2 000 000 de habitantes, integrado na Comunidade francesa. Pela sua situação, a 1800 quilómetros do mar, entre o Tchade, o Sudão, o Congo-Kinshasa, o Congo-Brazaville e os Camarões, é verdadeiramente, uma encruzilhada da África Central, e uma posição estratégica importante. Embora a principal actividade económica seja a agricultura, o subsolo é rico, nomeadamente em diamante e em urânio. Uma mina deste último minério, cujas reservas foram avaliadas em 5000 toneladas, foi objecto, em 1968, de um acordo entre a R. C. A. e a França. Uma fábrica com a capacidade anual de 500 toneladas de urânio entrará em serviço em 1972. Cinco fábricas de têxteis, com participação e capitais franceses, foram inauguradas recentemente.

BREJNEV E KOSSYGUINE VÃO À ROMÉNIA

—SEGUNDO UMA AGÊNCIA SUECA

ESTOCOLMO, 12 — (R.) — Os dirigentes do Governo soviético Leonid Brejnev e Alexei Kossyguine deverão efectuar em breve uma visita à Roménia, segundo comunicou a noite passada de Bucareste a agência noticiosa sueca Tete.

Um correspondente da Tete, que acompanha o primeiro-ministro sueco Tag Erlander numa visita oficial a Bucareste, afirmou que os dirigentes russos chegarão «após a partida de Erlander». O primeiro-ministro sueco regressa à Pátria na segunda-feira.

Os chefes soviéticos foram convidados a deslocarem-se a Bucareste pelo ministro dos Negócios Estrangeiros romeno, Corneliu Manescu, durante a sua visita a Moscovo no princípio desta semana, segundo declarou há dois dias uma fonte comunista bem informada. Acrescentou que nenhuma data fora fixada.

O correspondente da Tete anunciou que o primeiro-ministro romeno Ion Maurer afirmou num discurso pronunciado a noite passada num banquete em honra de Erlander que todos os países deviam ter o direito de decidir o seu próprio destino.

PRIMEIRO CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA ALEMÃO OCIDENTAL

ESSEN (Alemanha Ocidental), 12 — (R.) — O Partido Comunista alemão ocidental, recentemente constituído, realiza hoje nesta cidade o seu primeiro congresso, para eleger dirigentes e adoptar um programa que tem como exemplo o do Partido Comunista da Alemanha Oriental.

Indica-se com insistência para ocupar a presidência do Partido Kurt Bachmann, um jornalista de 59 anos, que iniciou a constituição do Partido em Setembro passado, após uma proibição de 12 anos imposta ao seu predecessor, o Partido Comunista da Alemanha.

O agrupamento original, que se encontra ainda bandido, era chefiado por Max Reimann, que mudou a sua residência de Düsseldorf para Berlim-Leste, no ano passado, e que se esperava que assumisse a chefia da

nova organização. Contudo, recusou-se até agora a aderir a ela.

Os objectivos principais do novo Partido, esboçados numa minuta de programa apresentada ao congresso, são seguir os princípios marxistas, dar ao trabalhador alemão um papel proeminente no Estado e criar a paz permanente na Europa.

Cerca de 700 delegados assistem ao congresso, mas ignora-se o numero de membros com que o Partido conta.

ANDARES CASCAIS

Vende com 3 assos. 235 contos, e/ 4 assos. 280 contos. Rua das Fontainhas, lote 14.

OPTIMISMO EM SAIGÃO QUANTO AO RESULTADO DA RETIRADA DE TROPAS DOS ESTADOS UNIDOS

SAIGÃO, 12 — (F. P.) — A retirada de 50 mil soldados do corpo expedicionário norte-americano do Vietnam não teria consequências muito sensíveis sobre o prosseguimento da guerra, pois o Exército sul-vietnamita está há muitos meses apto a aceitar o papel principal nas operações militares — afirma hoje o jornal saigonês «Dong Nai», citando fontes ligadas ao estado-maior sul-vietnamita.

Segundo essas fontes, não foi ainda marcada data para a retirada das tropas norte-americanas, nem sequer está determinado ainda o numero exacto dos soldados a evacuar.

NOVO ATAQUE A VINH LONG

SAIGÃO, 12 — (A. N. I.) — Durante a noite de ontem e a madrugada de hoje os «vietcongs» bombardearam com foguetões e granadas de morteiro vinte e cinco bases militares e povoações no Vietnam do Sul, mas, segundo o informador militar dos Estados Unidos, as baixas e os danos materiais sofridos foram «ligeiros».

Entre os pontos atacados figura a capital provincial de Vinh Long, no delta do Mekong, onde, ontem à noite, explodiram granadas de morteiros de 82 milímetros em redor da esquadra da Polícia, matando um civil e ferindo três.

Foi o segundo ataque efectuado contra Vinh Long, a 93 quilómetros de Saigão, no período de 15 horas.

Na madrugada de sexta-feira tinha sido bombardeada com 105 granadas de morteiros, que mataram 21 pessoas e feriram cem, no mais sangrento episódio da ofensiva inimiga desencadeada há sete semanas,

de acordo com o mesmo informador militar.

PROPOSTA REJEITADA POR THIEU

Entretanto, o presidente Nguyen Van Thieu rejeitou a proposta comunista para que fosse formado um «Governo de paz», de coligação entre os comunistas e o actual Governo.

«Como chefe do Estado, não posso aceitar tal proposta e como cidadão opor-me-ei, de armas na mão, a que ele se concretize» — afirmou.

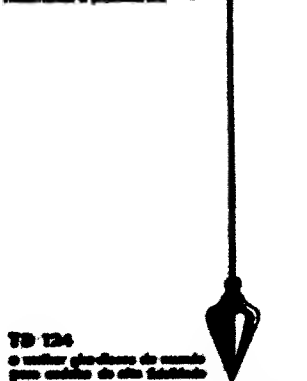
O «novo estilo» político português segundo um jornal de Nova York

NOVA YORK, 12 — (A. N. I.) — «O novo estilo político criado em Portugal por Marcello Caetano, a sua franqueza, a sua boa vontade, tudo isso se tornou evidente desde o primeiro dia da sua actividade como chefe do Governo» — escreve em crónica de Lisboa o «Long Island Press».

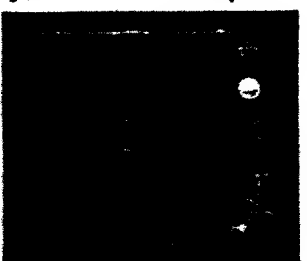
Na crónica salienta-se que Marcello Caetano «liberalizou a Imprensa quase imediatamente depois da sua chegada ao Poder» e que, mesmo quanto aos estudantes contestatários, ele adoptou «uma atitude flexível», em contraste com o rigor que anteriormente era norma.

Além disso — prossegue o «Long Island Press» — Marcello Caetano, através das suas «conversas à la-rela», tem-se esforçado por «estabelecer mais intimos contactos entre o Governo e a Nação», ao mesmo tempo que procura atrair capitais estrangeiros, «num esforço para elevar o nível da economia nacional».

THORENS



79 124
o melhor equilíbrio de preço
para o estilo de vida moderno



uma colecção
de 1200 peças em
estanho ao 99,99%
disponível em
estanho ao 99,99%
estanho ao 99,99%
estanho ao 99,99%

VESTIDA DE «CERISE» PELA FUTURA SOGRA

MARIA EMÍLIA PINTO (DEZOITO ANOS)
A 4 DE MAIO
É «MAJA DE PORTUGAL 1969»

A que horas terminou a noite romântica das embaixadas?

Ana Maria Cerqueira, mal terminou a eleição, subiu ao segundo andar do Hotel Fénix, despiu o vestido «prata», pôs a mala e as luvas, trocou de sapatos e partiu com a mãe: a conquista de Lisboa por uma portuguesa.

De braço dado com o irmão, militar em férias, Ana Maria Freitas Dória desceu a Avenida da Liberdade e comprou bilhetes para o cinema. «Não me torno a meter noutra», disse. (Ficou em sexto lugar, mas jogava com confiança absoluta).

Muito alta, esbelta, tranquila, habituada a desfilar pelos salões, Maria Fernanda Rodrigues Pereira — vestido verde, brinco de filigrana — teve de contentar-se com o segundo posto: um quase êxito arrancado ao «primo», em luta directa com Maria Helena Martins e Ana Maria Lourenço Marques.

Por falarmos em Maria Helena Martins, a ex-«Rainha do Sado» trazia o «furo» a tiracolo. Um rapaz baixinho, de barbilho e pé-

ra, Maria Helena (mini-vestido azul sobre blusa branca, meias cor-de-rosa) votou para Setúbal no barco das cinco para as onze. «Não tenho dinheiro para farras», explicou o acompanhante. Mas a apregoada falta de «massas» não o impediu de convidar um grupo de amigos da última hora para uma «matiné» em Setúbal, amanhã.

— *Levem mantimentos* — acrescentou. — *Aqui a Maria Helena não tem nenhum restaurante.*

— *Que faz ela no dia a dia?* — lembrou-se alguém de indagar.

O rapazinho da barbilho foi pronto e breve:

— *Agora que se desempregou é só concursista de beleza...*

As «estrelas» votaram

Explicamos, afinal, como se processou o sistema de eleição da «Maja de Portugal-1969». O «Diário de Lisboa» e a «Iberia (Linha Aérea de Espanha)» reuniram ontem, nos salões do Hotel Fénix, um grupo de convidados que funcionou como júri absoluto soberano.

Falinho Gouveia apresentou as candidatas ao magnífico passeio a Espanha, as raparigas que, ultrapassadas sucessivas eliminações, tinham atingido o último degrau para o título de «Maja de Portugal-1969». Falaram, por motivos particulares (noivas, namoros, negócios de «conversados») três das apuradas. Mas as doze que compareceram iam desfilar com extrema elegância e confirmar os méritos que as tinham levado até à jornada decisiva. E enquanto decorria o «cocktail» fazia-se a votação: o mais democráticamente possível.

Cada convidado (logo: cada votante) tinha ao seu dispor dez pontos que distribuía por um máximo de três candidatas. E os votos começaram a tombar na urna, perante os aplausos de quem gostou de ver, ali mesmo ao alcance de

um sorriso, o Soldado ou o José Viana, a Florbela ou a Milu, a Dora Leal ou o Américo Coimbra, o Tony de Matos ou o Carlos Cruz, a Maria José Balbo ou a Mafalda Sofia, o Carlos Lacerda ou o Fernando Lopes, Baptista Rosa ou a escritora Maria Judite de

A pontuação das concorrentes

Maria Emília Rodrigues Pinto conseguiu 180 pontos. Depois classificaram-se Maria Fernanda Rodrigues Pereira (89) e Maria Helena Martins (86). A pontuação máxima (10 votos) foi atribuída por sete convidados: uma vez a Ana Maria Lourenço Marques e duas a cada uma de três outras concorrentes — Maria Emília Rodrigues Pinto, Maria Fernanda Rodrigues Pereira e Maria de Lurdes Barata.

Além de ter obtido 180 pontos, Maria Emília Rodrigues Pinto foi também a candidata mais distinguida: recebeu votos de 39 membros do júri.

Carvalho, nossa camarada de trabalho.

— *Acho que vai ganhar a mocinha do xale* — previa Damasceno Covão. — *Jogou com uma arma que agrada aos convidados da «Iberia».*

Esta manhã a menina do xale dir-nos-ia não imaginar que no júri estivessem tantas individualidades espanholas. Desde o adido aeronáutico da Embaixada ao próprio conselheiro da Informação e Turismo, desde os correspon-

des em Lisboa de vários jornais espanhóis — «Ya», «Vanguardia», «Pueblo», «ABC», «Diário de Barcelona» — a uma delegação da Rádio Nacional e da TVE, desde o conselheiro económico da Embaixada à senhora de D. António Besada, director-geral da Iberia em Portugal. Dir-nos-ia a menina do xale:

— *Não me apetecia levar passaco. Por isso, quando ia a sair de casa, dei-lhe a mão ao xale.*

Até certa altura a «colisa» esteve intrincada. Mas de repente o arranque foi decisivo. E Maria Emília Rodrigues Pinto (nascida a 4 de Maio de 1951) foi eleita «Maja de Portugal-1969».

— *Quando ia a entrar no Hotel Fénix, de braço dado com o meu namorado (João Paulo, desenhador) tive um impulso para desistir. Achei que a reunião era muito «chique», que havia candidatas lindas. Cheguei a sentir vergonha. Afinal...*

Afinal Maria Emília entrou. O namorado ficou à porta. E a rapariguinha de Cascais (um metro e sessenta de altura, cabelos castanhos, olhos também castanhos) venceu o concorrentemente o concurso.

— *O vestido (de cor «cerise», não é como se diz?) foi feito pela minha sogra. Emenda rapidamente: — Futura sogra, o nome? Maria Fernanda Clemente Frazão dos Reis.*

A seguir:

— *Não caso tão cedo. Bem vê: o meu rapaz ainda nem foi à tropa...*

— *«E eu nem sequer jantei...»*

Maria Emília (55.700 kg) gosta muito de viajar, mas nunca andou de avião nem saiu do Continente.

— *Sonho com grandes*

passaios. Sou uma sonhadora...

Nunca tinha aparecido em concursos deste estilo. Quando a festa acabou, derreada, com dores de cabeça e um bocadinho nervosa, correu para casa, à Rua Joaquim Pereira, em Cascais, e meteu-se na cama.

— *A mãe não queria acreditar que eu vencera. O meu pai fartou-se de rir. E eu nem sequer jantei...*

Eles

Ana Maria Lourenço Marques (sapatos prateados, vestido florido). Ana Maria Ramires Ferreira (cabelo puxado para cima, mala prateada, vestido verde e sapatos cinzentos) e Maria de Lurdes Oliveira Barata (vendedora de livros da Bertrand: «denho de coloca» quarenta contos por mês) ficaram amigas e foram dar um pé de dança ao «Relógio». Ermelinda Maria Ferreira (brinco pingente de prata) ficou separada de Maria São José Melro (saia azul, blusa branca, figura fresca) e de Ana Maria Cerqueira apenas por um voto.

— *Chegar à final já é um pequeno triunfo* — dizia depois.

Maria Fernanda Rodrigues Pereira e Gisela Lariere Cardoso (cabelo cortado muito curto, penteado nada recomendável para o estilo de «Maja») fizeram grupo aparte:

— *Quando é que voltam a fazer outro concurso?* — interrogava Maria Fernanda. — *Não fiquei desanimada. Pelo contrário, talvez me torne recorrente...*

E abalou para a Avenida de Roma, enquanto Maria Luísa Martins (amarelo-laranja combinado com branco-branco) ficava um pouquinho desanimada:

— *Pensei que iam fazer*



D. Milagros Besada, esposa do director da Iberia, coloca a «peluca» e a mantilha de «Maja de Portugal-1969» em Maria Emília Pinto. Ao lado, as concorrentes classificadas nos lugares imediatamente inferiores: Maria Helena Martins (3.ª) e Maria Fernanda Pereira (2.ª)

«A CIDADE E AS SERRAS»
EM EDIÇÃO RENOVADA

A edição das Obras de Eça de Queirós, nos Livros de Eça de Queirós, prossegue em bom ritmo, para que o público não venha a sentir a falta desses volumes que marcam uma carreira literária magnífica, das mais altas de toda a nossa literatura.

«A Cidade e as Serras» foi a primeira obra publicada depois da morte de Eça de Queirós. Ele reviu-a apenas até determinada altura. Depois foi o amigo Luís de Magalhães, que seria ministro dos Estrangeiros com João Franco, que tomou, a pedido de Ramalho Ortigão, o encargo dessa revisão.

Os estudiosos e admiradores de Eça de Queirós recebem agora a surpresa de uma edição de «A Cidade e as Serras» revista cuidadosamente pelo original do autor. Por ele se verifica que a revisão dos amigos fora, em dados pontos, longe demais. «Mas será que a boa amizade dos seus companheiros não ficou só no preenchimento de lacunas, e alterou, no intuito de o melhorar, o próprio manuscrito?», pergunta a dr.ª D. Helena Cidade Moura na nota final aposta a esta edição.

O manuscrito existe, as edições anteriores também se encontram e a evidência impõe-se. Mas, finalmente, temos uma edição da autêntica obra de Eça de Queirós. Os editores juntaram-lhe uma carta de Eça de Queirós para a esposa, datada de Santa Cruz do Douro, de 2 de Junho de 1898, em que o escritor fala da sua Tormes, daquele ambiente que daria «A Cidade e as Serras».

Edição cuidada, graficamente, com a capa de Lima de Freitas.

NOVA EMBAIXADA
DA BÉLGICA
EM LISBOA

Chega a Lisboa, na segunda-feira, às 12 h 10, por via aérea, o sr. René Pauw, novo embaixador da Bélgica em Portugal.

O sr. Pauw, de 47 anos, era até há pouco, embaixador do seu país em Tunes, após uma brilhante carreira diplomática.

O DIA DE AMANHÃ NINGUÉM FOI VU
UMA JOIA E SEMPRE
UM VALOR
GRANDE OUVREIRA
DA MODA
RUA DA PRATA, 257



Tria e nove membros do júri distinguiram Maria Emília Rodrigues Pinto

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

«Um livro apaixonadamente vivo, recheado de esclarecedoras sequências e ilustrações, redigido em linguagem a que sem particular esforço acede o grande público»
DR. J. M. BARRA-DIUS

psicologia
recreativa por C. PLATONOV

Perfeito manual do saber moderno sobre a ciência da psicologia, este livro é um complemento indispensável a «As Prodigiosas Vitórias da Psicologia Moderna» do Prof. Pierre Daco

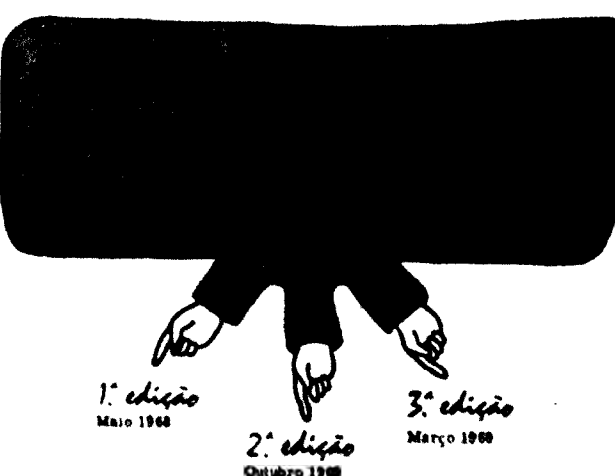
DO ÍNDICE

- ANIMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA
- TENSÃO E VIDA PSÍQUICA
- A PERSONALIDADE
- A MEMÓRIA
- AS EMOÇÕES
- A VIDA PSÍQUICA
- AS EMOÇÕES
- A VIDA PSÍQUICA

Vejamos publicados na Coleção
PSICOLOGIA, PEDAGOGIA

- Maria Montecori: — A CRIANÇA (em reimpressão) 4500
- Pierre Daco: — AS PRODIGIOSAS VITÓRIAS DA PSICOLOGIA MODERNA — I 6500
- AS PRODIGIOSAS VITÓRIAS DA PSICOLOGIA MODERNA — II 6500
- Nathalie Gervais: — O FILHO ÚNICO E O SEU AMBIENTE FAMILIAR 3600
- C. Platonov: — PSICOLOGIA RECREATIVA 8600

3 EDIÇÕES EM 10 MESES



MORAES editores

TODO O ANO À SUA DISPOSIÇÃO

A PRAIA E A PISCINA DO TAMARIZ

Instalações Balneares do Estoril

BALNEÁRIOS E CABINES com duchas de água quente e fria

RESTAURANTE • SNACK-BAR

Informações: telef. 261665-263512



José Viana e René Schaefer, dois dos mais populares intérpretes do grupo, recebem a chamada dos académicos delirantes: «E, entre os apóstolos da análise, correm o livro de Eça de Queirós»

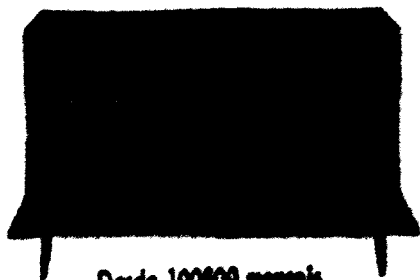


CHOCOLATES TABOIES
BARCELONA - LISBOA - QUELUS

RAIOS TUBOSONS CENSOSON DITAFONES RADIOS TELEVISIONES GRAYADONES

**Grande
Campanha
de Vendas**

GRUNDIG



Desde 100.000 monetas

A. OLIVEIRA

Av. Almirante Reis, 91-A

sem entrada • sem fiador

BANCO DE ANGOLA

S. A. R. L.

Capital Esc.: 275.000.000\$00

Sede — Rua da Prata, N.º 10

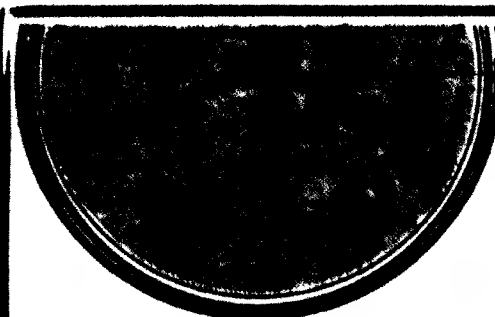
DIVIDENDO DO EXERCÍCIO DE 1968

10 %

Avisam-se os Srs. Accionistas de que, em todos os dias úteis a partir de 14 do corrente (incluivé) se encontra a pagamento o dividendo, em epigrafe, na Sede deste Banco-Serviço de Títulos — na Filial do Porto e em qualquer das suas Dependências na Metrópole.

Para regularidade do serviço, pede-se o favor de utilizarem recibos próprios consoante a natureza das acções e, no caso de acções ao portador registadas, as fazerem acompanhar do duplicado das declarações de registo em seu poder.

Lisboa, 11 de Abril de 1969



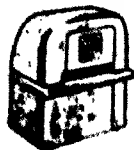
ITR

EQUIPAMENTOS DE CONTROLO DE TEMPO
PHOTOS DATAPRINTS DE PONTOS CURVAS
MÃO DE OBRA, ETC.

Anteriormente comercializados
sob a marca I B M

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
J. GONÇALVES, L.º

R. BRAAMFAMP, 19-A
TEL 11 53 32 70-4 70 06
LISBOA



COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Sede — Rua do Comércio, 85 — Lisboa

Capital 250.000 contos

DIVIDENDO DE 1968

São avisados os Srs. Accionistas que a partir do dia 14 de Abril e até 13 de Maio próximo, se encontra a pagamento o dividendo relativo ao exercício de 1968, na sede da Companhia e no Banco Totta-Alliança, Lisboa, em todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14,30 às 16 horas, excepto aos Sábados.

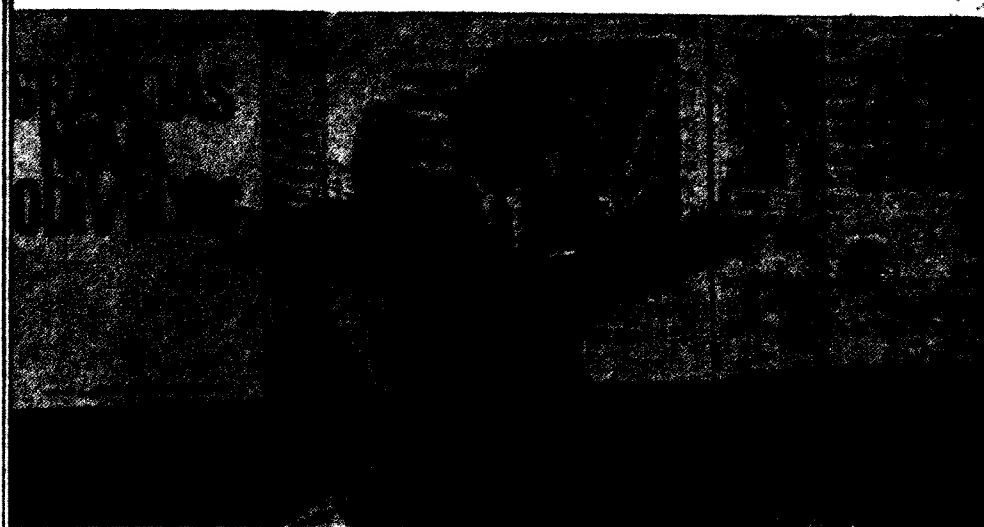
No Porto o pagamento efectuar-se-á na nossa Sucursal, Rua Infante D. Henrique, 63, e na Filial do Banco Totta-Alliança, na forma estabelecida.

Passado este prazo, os pagamentos só se efectuarão às Quartas-Feiras, nos serviços da Companhia, onde também são exclusivamente pagos os dividendos em atraso.

Lisboa, 10 de Abril de 1969.

A ADMINISTRAÇÃO

**Agora sim:
acabaram-se
os apertos
lá em casa!**



«Comprei uma GRANJA NOVA ODIVELAS, com 5 mil metros quadrados de terreno, mandei construir uma casa moderna e funcional, e agora minha família e eu nadamos em espaço e felicidade!»

— Faça como o sr. Alberto Gomes da Costa e tantos outros clientes da GRÃO-PARÁ que nestes últimos 20 dias adquiriram mais de 40 «Granjas» em NOVA ODIVELAS — e seja feliz a vida inteira!

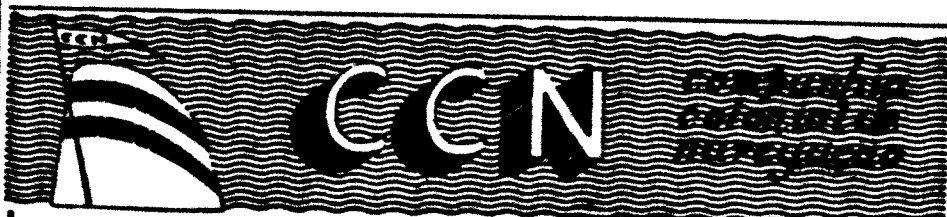
70 ESCUDOS POR M² PAGOS EM 4 LONGOS ANOS!

PARA VISITAS OU INFORMAÇÕES BASTA TELEFONAR PARA



IMOBILIÁRIA CONSTRUTORA **GRÃO PARÁ** S.A.R.L.

AV. INFANTE SANTO, 56-A • TELFS. 661036 - 661069 - 672953 • LISBOA



PARIDAS

DESTINOS

LINHA DE AFRICA

«LUANDA»

a sair em 24 de Abril

Com escala por LEIXOES para: S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO e MOÇAMBIQUE, Carrega de 17 a 22 de Abril.

«PÁTRIA»

a sair em 4 de Maio
às 12 horas

Com escala prévia por LEIXOES para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMBIQUE, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 25 a 26 de Abril.

«BENGUELA»

a sair em 6 de Maio

Com escala por LEIXOES para: CARBONDA, SAZANG, LUANDA, PORTO AMÉLIA, NOVO REDONDO, LOBITO, MOÇAMBIQUE e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega de 1 a 4 de Maio.

«LOBITO»

a sair em 17 de Maio

Com escala prévia por LEIXOES para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMBIQUE, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega de 11 a 15 de Maio.

«INFANTE
D. HENRIQUE»

a sair em 30 de Maio
às 12 horas

Com escala por FUNCHAL para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 24 a 26 de Maio.

LINHA DA AMERICA CENTRAL

«SANTA MARIA»

a sair em 25 de Abril
e em 27 de Maio
às 10 horas

Com escala por VIGO e FUNCHAL para: TENCENTE, PORTO ESPERANÇAS, GUANABÁ, S. JUAN, PUNTO MORE, LA GUAYRA e CUBACAN.

Chame-se a atenção dos Srs. Accionistas para o que está estabelecido sobre o transporte de bagagem.

LISBOA — Rua de S. João, 61 — TEL. 20016
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 63 — TEL. 20016

Diário DO PORTO

PRESIDÊNCIA DO MUNICÍPIO

Depois de alvitados muitos nomes para o cargo de presidente da Câmara Municipal, surge agora, mas com aspectos de verosimilhança, o de sr. eng.º Nuno Vasconcelos Porto, que trabalha na Hidroelétrica do Cávado.

Aparece também, assim, indigitado o nome de sr. eng.º Eduardo Ferreirinha, da firma do mesmo nome, para o cargo de vice-presidente. Parece, pois, que serão certas estas hipóteses.

Notícias diversas

Amanhã e depois, às 10 e 45 e 18 e 20, respectivamente, o Cine-Clube do Porto promove, no Cinema Batalha, mais duas sessões de cultura cinematográfica, com a projecção do filme «O Obcecado», de William Wyler.

— Por motivo de obras, vai ser impedido o trânsito de veículos, durante trinta dias, a partir de segunda-feira, pela Travessa Chaves de Oliveira; e, durante quinze dias, a partir da mesma data, pela Rua das Motas.

Artes plásticas

Hoje, às 21 horas, o artista Pinho, inaugura, no salão de festas do Coliseu do Porto, uma exposição de pinturas e desenho, que estará patente ao público até o dia 20, das 17 às 19 e 30 e das 21 às 0 horas.

FICARAM FERIDOS O ATROPELADOR E A ATROPELADA

SABUGOSA, 12 — Quando a menina Idália de Figueiredo Bastos de 13 anos, filha do sr. Manuel Bernardo Bastos e da sr.ª D. Maria do Céu de Figueiredo Bastos, acompanhada por uma sua amiga, em passeio pela estrada do Caramelo, notando a aproximação de uma motorizada conduzida pelo sr. Nelson Mendes de Carvalho, que levava como passageiro o sr. Carlos Monteiro, ambos da vizinha povoação de Monteiro de Frégues, inadvertidamente atravessou a rodovia e foi atropelada pelo veículo. Ficou muito ferida pelo corpo e na cabeça, bem como o condutor. Transportados, imediatamente, ao hospital de Tondela, ali foram socorridos ficando a pequena internada para observação.

AERO CLUBE DE FARO

FARO, 12 — A nova direcção do Aero Clube de Faro é constituída pelos srs. José Francisco Correia dos Santos (presidente), Manuel Cardoso de Sousa e Silva (secretário-geral), António Falcão Valente Dias Pires (tesoureiro) e Manuel Oliveira Miranda e José António dos Santos (vogais).

A I Exposição Internacional Metal-Mecânica no Palácio de Cristal (em Maio)

O presidente da Associação Industrial Portuguesa, sr. eng.º Mário Borges, reuniu-se com os representantes da imprensa, para lhes fazer uma importante comunicação sobre a I Exposição Internacional Metal-Mecânica-Industrial e Agricultura, que estará patente, de 11 a 26 de Outubro, no Palácio de Cristal.

A propósito, informou que o âmbito abrange toda uma série de domínios, tanto no sector metal-mecânico como no da agricultura; e que podem tomar parte as actividades relacionadas com máquinas e equipamentos para as indústrias extractivas e transformadoras, ensaio de

É preciso cumprir as regras do trânsito!

Entrou hoje em vigor, como anunciamos, a parte, aprovada na última sessão camarária, das novas disposições de trânsito cittadino. Para os automobilistas mais desatentos (a maioria), elas foram uma surpresa, ou vistas com indiferença.

Necessário se torna, porém, observar tais disposições, tanto mais que, em breve, outra parte do plano entrará em efectividade e progressiva e mensalmente assim irá sucedendo, até que o plano geral seja totalmente aplicado. E, naturalmente, que as respectivas autoridades farão cumprir o que for determinado.

Entretanto, uma das disposições que hoje começa — a proibição total de circulação ou de estacionamento sobre os passeios — continuou a ser letra morta em muitos pontos da cidade. Damos um exemplo verificado, ao fim da manhã de hoje: num dos passeios da chamada Avenida da Ponte, confiamos nós, com todas as rodas sobre o passeio, trinta e um automóveis e uma motocicleta!

Farmácias de serviço

ALVES, Praça Exército Libertador, 62 (Tel. 60002) e ALVES MOREIRA, Av. Rod. de Fronteira, 67 (Tel. 5-1899) e ANTIGA PORTA DO OLIVAL, Campo dos Mártires da Pátria, 22 (Tel. 24282) e AVENIDA, Av. do Boavista, 1016 (Tel. 6-0542) e BARROS, R. do Bonifácio, 292 (Tel. 4-2052) e BATALHA, Praça do Sol, 26 (Tel. 2-9524) e BOA NOVA, R. da Boa Hora, 80 (Tel. 2-8783) e CAMPOS, Pr. da República, 116 (Tel. 2-5116) e COELHO, L. de S. Domingos, 66 (Tel. 2-9563) e ESTACIO, R. da Bandeira, 20 (Tel. 2-2654) e MENDES DE LIMA, Pr. Dr. Pedro T. Pereira, 227 (Tel. 5-1764) e NAS VITÓRIAS, R. Nova Vitória, 723 (Tel. 490427) e SILVA PEREIRA, R. Costa Cabral, 298 (Tel. 40761) e FOZ, R. Serrador do Luz, 362-Foz.

REATA-SE UMA ROMARIA TRADICIONAL

VIANA DO CASTELO, 12 — Restando uma velha tradição, haverá hoje, amanhã e na segunda-feira, a reata em honra de Nossa Senhora das Dores, Novas e São João.

materiais, trabalhos da agricultura, secagem, refrigeração e desidratação de produtos agrícolas, obras públicas, remoção e elevação de materiais e máquinas de venda automática.

Depois de outras considerações de grande interesse, o sr. eng.º Mário Borges falou da exiguidade do recinto anexo ao pavilhão do Palácio de Cristal, o que — disse — muito prejudica a exposição de material, que necessita de espaço livre. A tal respeito, informou que o futuro parque da cidade, a Boavista, proporcionará uma maior expansão de iniciativas do género, até porque a implantação do novo pavilhão de exposições, a edificar pela Associação Industrial, será, em breve, uma realidade. E concluiu dizendo, que apenas se aguarda o cumprimento de certas formalidades para que o organismo que representa, possa promover o início dessa obra, tão necessária à região pelos serviços que prestará ao seu desenvolvimento económico, social e cultural.

Espectáculos Para hoje

TEATROS
ANTÓNIO PEDRO — As 21 e 45: «A Raposa e as Uvas» (17 anos)
CINEMAS
SAO JOAO — As 21 e 30: «Um homem para lva» (12 anos)
COLISEU — As 21 e 30: «Doutor... vamos a lva» (17 anos)
RIVOLI — As 21 e 30: «Gigantes em duelo» (17 anos)
SA DA BANDEIRA — As 21 e 30: «Deserto em chamas» (12 anos)
TRINDADE — As 21 e 30: «O desafio das águas» (12 anos)
BATALHA — As 21 e 30: «Quem tem medo de Virginia Woolf?» (17 anos)
OLIMPIA — As 21 e 30: «O vingador oltra á esquerda» (12 anos)
AGUIA DE OURO — As 21 e 30: «Noite de violência» (12 anos)
ESTUDIO — As 21 e 30: «Errando pelo caminho» (17 anos)
JULIO DINIS — As 21 e 30: «Para além das montanhas» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — As 21: «Os insaciáveis» e «Amor um desconhecido» (17 anos)
NUNALVARES — As 21 e 30: «O perfume do dinheiro» (17 anos)
ODEON — As 21 e 30: «Não sou digno de ti» (12 anos)
CINE-GAIA — As 21 e 30: «Os três super-homens» (17 anos)
VALE FORMOSO — As 21 e 30: «Os dez mandamentos» (12 anos)

Amanhã, à tarde

SAO JOAO — As 15 e 30: «Um homem para lva» (12 anos)
COLISEU — As 15 e 30: «Doutor... vamos a lva» (17 anos)
RIVOLI — As 15 e 30: «Gigantes em duelo» (17 anos)
SA DA BANDEIRA — As 15 e 30: «Deserto em chamas» (12 anos)
TRINDADE — As 15 e 30: «O desafio das águas» (12 anos)
BATALHA — As 15 e 30: «Quem tem medo de Virginia Woolf?» (17 anos)
OLIMPIA — As 15 e 30: «O vingador oltra á esquerda» (12 anos)
AGUIA DE OURO — As 15 e 30: «Noite de violência» (12 anos)
ESTUDIO — As 15 e 30: «Errando pelo caminho» (17 anos)
JULIO DINIS — As 15 e 30: «Para além das montanhas» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — As 15: «O magnífico estrangeiro» e «O filho do capitão Blood» (12 anos)
NUNALVARES — As 15 e 30: «Adversos Kelly» (12 anos)
ODEON — As 15 e 30: «Perseguição e um capão» (12 anos)
VALE FORMOSO — As 15 e 30: «Os dez mandamentos» (12 anos)

Confraternização anual dos empregados do B. N. U.

Com o mesmo objectivo dos anos anteriores (homemagear os empregados que completaram 40 e 50 anos de ser-

viço) realizou-se hoje a festa anual de confraternização dos empregados do Banco Nacional Ultramarino.

VIDA RELIGIOSA

Corimónias na III Igreja Evangélica Baptista

A Terceira Igreja Evangélica Baptista de Lisboa, Rua Filipe Folque n.º 38-39 (ao Saldanha), promove, no domingo, as seguintes actividades: às 10 horas, escola bíblica com classe para crianças, jovens e adultos; às 11, culto devocional e às 21 e 30, culto de pregação do evangelho, com mensagem pelo pastor da igreja e hinos pelo coro.

A entrada é livre.

Culto Evangélico

Na II Igreja Baptista de Lisboa, à Rua Pau de Bandeira, 22-A, efectua-se, amanhã, os seguintes serviços religiosos: às 10 horas, escola bíblica dominical; às 11, culto devocional e às 21 culto de evangelização, com mensagem pelo dr. José António Marques.

O programa começou a ser cumprido ao fim da manhã, com uma palestra do dr. Manuel Duarte Pereira sobre «O Centro Electrónico e a gestão das dependências». Ao princípio da tarde, realizou-se uma visita ao Centro Electrónico do B. N. U. que há dias foi inaugurado, seguindo-se missa na igreja de São Paulo, celebrada pelo rev. Francisco Antunes Santana, por alma dos membros dos corpos gerentes e dos empregados já falecidos.

A sessão de homenagem aos empregados mais antigos (38 no total, sendo 21 com 50 anos de serviço e 17 com 40) decorrerá ao fim da tarde, no Casino do Estoril onde, às 21 horas, se realiza também o jantar de confraternização.

Tomaram parte nas cerimónias da festa o governador e vice-governador do B. N. U., respectivamente, dr. Francisco José Vieira Machado e D. Luís Pereira Coutinho, assim como os membros do conselho fiscal e direcção e cerca de mil empregados.

O Benfica ao ataque na 4.ª etapa do «Prémio Riopele»

ESMORIZ, 12. — (Do nosso enviado especial) — Decorridos 45 dos 168 quilómetros da 4.ª etapa do Grande Prémio Riopele, os corredores passaram em Esmoriz em pelotão compacto. A etapa tem sido, no entanto, muito animada pelos constantes ataques do Benfica, aos quais o Sporting tem respondido bem.

Externato Sá de Miranda

Hoje, às 15 horas, a Direcção e o Corpo Docente do Externato Sá de Miranda reuniu-se com os Encarregados de Educação dos Alunos da Secção Primária. Esta reunião, que é a 3.ª do corrente ano lectivo, teve por fim dar conhecimento do rendimento escolar obtido e do plano de actividades escolares e circun-escolares para o 3.º período lectivo. Foram também discutidos outros assuntos de interesse para os alunos.

DE COIMBRA

As comemorações do aniversário do Coral dos Estudantes de Letras

Em prosseguimento das comemorações do XI aniversário da fundação do Coral dos Estudantes de Letras da Universidade de Coimbra, o director do afamado agrupamento artístico, sr. dr. Francisco de Faria, fez num anfiteatro da Faculdade de Letras uma conferência subordinada ao tema: «Possibilidades e alcance cultural de um coro universitário», que suscitou invulgar interesse.

Esta tarde, no Teatro de Gil Vicente, o Coral deu um

recital, oferecido a todos os estudantes pré-universitários seguindo-se uma reunião de confraternização entre antigos e actuais componentes do Coral, na sala de ensaios da Tuna Académica, na sede da Associação Académica.

O III Festival Internacional de Cinema Amador de Coimbra

O III Festival Internacional de Cinema Amador de Coimbra, organizado pelo Centro de Estudos Cinematográficos da Associação Académica, cuja inauguração estava marcada para amanhã, foi adiada para data oportuna.

O motivo do adiamento deriva do facto de com a posse a nova direcção da Associação Académica e consequente eleição dos corpos directivos do C.E.C., ter sido dissolvida a comissão organizadora, cujos problemas transitaram para a direcção do Centro.

Instituto de Anatomia Patológica

Na Quinta-feira, às 16 horas, haverá no Instituto de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina, mais uma das sessões das quintas-feiras, promovidas pelo sr. prof. Renato Trincão, durante a qual os srs. Luís de Lima e J. Pinto Mendes desenvolverão o tema: «Alguns Aspectos imunológicos do cancro».

Curso de Formação Musical

Promovido pelo Centro de Estudos Musicais da Associação Académica, em colaboração com a Juventude Musical Portuguesa, começou, no Conservatório Regional, um Curso de Formação Musical. Na primeira lição foram tratados os seguintes assuntos: «Música Renascentista», «Pré-Barroca» e «Barroca».

Reunião do Conselho do Distrito

Reuniu-se no dia 16, às 14 horas, o Conselho do Distrito de Coimbra, para ser apreciado, discutido e votado o relatório a gerência do ano transacto.

Espectáculos para hoje

SARAU
TEATRO GIL VICENTE — As 15 e 30: Coral dos Estudantes de Letras (6 anos).

CINEMAS
GIL VICENTE — As 21 e 30: «Escorregar e cair» (17 anos).

AVENIDA — As 21 e 30: «O desconhecido desejado» (17 anos).

SOUSA BASTOS — As 21 e 30: «Matt-Holm», agente muito secreto» (17 anos).

TIVOLI — As 21:30: «On-de estavas tu quando as luzes se apagaram?» (17 anos)

CIRCO
NEW-YORK CIRCUS — No Arnado, às 21:30 (6 anos)

Farmácias de serviço

PAIVA — Praça do Comércio (Tel. 23231).
SILVA MARQUES — Rua da Sofia (Tel. 23067).
SITALIA — Largo da 66 Velha (Tel. 23234).
DIAS FERREIRA — Rua do Brasil (Tel. 28046).

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

EMPRESA TERMOELÉCTRICA PORTUGUESA

S. A. R. L.

Sede: RUA DO BOLHÃO, 72-3.º — PORTO

Delegação: AV. INEANTE SANTO, 15-1.º — LISBOA

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

EXERCÍCIO DE 1968

SENHORES ACCIONISTAS:

Cumprimos o dever de apresentar à vossa consideração o Relatório, Balanço e Contas do exercício findo — e é esse um dever grato de cumprir quando, como neste caso acontece, o balanço e contas, e o relatório, podem registar simultaneamente uma situação actual consolidada e uma expansão promissora, uma e outra enquadradas no inteiro domínio da orientação da gestão.

1 — Concessão e autorização de estudo

Nos termos do caderno de encargos da concessão geral de produção térmica da empresa, aguarda-se o seu alargamento em 1969 à central de Rio Maior — que se projecta realizar em regime de integração vertical do complexo mina-central, o que está facilitado pela recente publicação do Decreto-Lei n.º 48528, de 2/1/68 — e também a próxima futura integração na concessão da primeira central nuclear cuja concretização, no seguimento da autorização de estudos dada à empresa, deverá agora verificar-se em relação com o plano de actividade geral promovido pela Junta de Energia Nuclear para o conjunto do sector.

Recorda-se também que a empresa detém já uma autorização de estudos para a segunda central térmica, a fuel-óleo, no Sul do País, a instalar em data oportuna em conformidade com as necessidades do planeamento da produção de energia eléctrica.

2 — Exploração

Foi a exploração da rede eléctrica nacional condicionada, em 1968, por uma fraca hidroabundância especialmente nos primeiros meses do ano: os coeficientes de hidroabundância relativos ao ano hidrologico e ao ano civil foram assim inferiores à unidade, cifrando-se respectivamente em 0,83 e 0,95, pelo que a produção térmica atingiu o maior valor de sempre. As centrais da empresa produziram no total 947,7 milhões de kWh — o que correspondeu a 11% da produção de energia eléctrica das empresas sob a disciplina do Repartidor Nacional de Cargas — cabendo 353,6 milhões de kWh à central da Tapada do Outeiro e 294,1 milhões de kWh à nova central do Carregado.

A primeira unidade desta central, com a potência de 125 MW, foi pela primeira vez ligada à rede em 26 de Janeiro de 1968 como anunciado no último relatório. Após um período de serviço experimental de certa duração, sempre necessário em instalações industriais complexas como são as centrais térmicas, foi o grupo posto à disposição do Repartidor Nacional de Cargas, em início de Abril para integração de apoio à rede nacional quando necessária, o que veio a verificar-se em Junho. A segunda unidade, também de 125 MW (a que adiante se fará mais desenvolvida referências), foi ligada à rede pela primeira vez em 11 de Outubro de 1968, tendo sido efectuados, desde então, os ensaios normais, e estando imminente, na ocasião de redigir este relatório, a sua entrega à disciplina de exploração do Repartidor Nacional de Cargas.

2.1 — Central da Tapada do Outeiro

O funcionamento desta central, como geradora, concentrou-se especialmente em dois períodos do ano: o primeiro, localizado nos meses de Janeiro e Fevereiro — em que se produziu cerca de 1/3 do montante anual da energia correspondente a esta central — e que foi motivado pela continuação da estiação severa que se vinha verificando já em 1967; o segundo, localizado nos meses normais de estiação (Junho a Outubro), em que se tornou igualmente necessário recorrer a esta central como medida para se poderem satisfazer os consumos com a necessária segurança. O tempo total de funcionamento da central, como geradora, elevou-se a 4177 horas.

A energia eléctrica emitida para a rede de transporte da Companhia Nacional de Electricidade atingiu o valor de 317 milhões de kWh.

Deve-se igualmente salientar o papel que esta central desempenhou ao fornecer energia reactiva à rede — ajudou assim a manter os níveis de tensão dentro de limites convenientes, contribuindo notavelmente para a melhoria da qualidade do serviço prestado — no montante global de 268 milhões de kVarh (valor da emissão) dos quais 180 milhões de kVarh emitidos aquando do funcionamento das máquinas como compensadores síncronos. Neste regime de funcionamento a central totalizou 4379 horas.

2.2 — Central do Carregado

A maior parte da energia produzida nesta central foi fornecida pelo 1.º grupo (284,8 milhões de kWh) tendo o 2.º grupo apenas fornecido 9,3 milhões de kWh. No funcionamento do 1.º grupo podem distinguir-se três períodos distintos:

- O primeiro período, desde o primeiro paralelo até inícios de Abril, foi determinado fundamentalmente pelos ensaios próprios do arranque e da instalação desta complexidade e consequentes afinações e regulações. A energia produzida — cerca de 7% da sua produção anual — não implicou, todavia, descarregamentos turbináveis nos aproveitamentos hidroeléctricos tendo servido para de apoio térmico antecipado.
- O segundo período (em que se produziram 267,4 milhões de kWh) iniciou-se em Junho e prolongou-se até Novembro e foi imposto fundamentalmente por necessidades de apoio à rede, tal como sucedeu com a central da Tapada do Outeiro.
- O terceiro período localizou-se no mês de Dezembro e embora com pequena produção — 3,4% da produção anual — o seu funcionamento foi determinado pela necessidade de apoiar a rede, e em especial a zona Sul do País, para efeitos de regulação de tensão e de cobertura da ponta do diagrama, problema que se reveste de acuidade nos meses de Dezembro e Janeiro.

De referir ainda que a energia útil emitida para a rede se cifrou em 277,3 milhões de kWh e que a energia reactiva produzida atingiu 83,5 milhões de kVarh.

3 — Central do Carregado — Construção

2.º Grupo

Concluiu-se a montagem no fim da estiação de 1968, como previsto no relatório anterior, tendo já sido atrás referida a data da sua primeira ligação à rede (11 de Outubro).

O primeiro acondicionamento do gerador de vapor fora feito em 8 de Agosto. O serviço experimental tem-se processado desde então, tendo sido facilitadas as condições de integração do grupo na rede, sempre nos períodos diurnos de maior carga, pela circunstância de, mesmo após findo o período de apoio em energia, ter sido necessária a contribuição da central do Carregado para melhorar as condições de regulação da zona Sul. Ficam por realizar as medidas de rendimento necessárias à recepção definitiva do equipamento que se adiará para a próxima estiação, porquanto, como já tem acontecido em diversos casos anteriores, não é oportuna a sua efectivação na estação húmida por se exigir um funcionamento contínuo demorado.

Ficaram assim praticamente concluídos os trabalhos de construção relativos à primeira fase (1.º e 2.º grupos), incluindo o caso do Tejo necessário à descarga do fuel-óleo a consumir na central.

Faz-se agora, em referência ao fim de 1968, uma comparação, quase definitiva, entre o custo real do investimento na primeira fase da central e o custo estimado em Junho de 1964, quando se elaborou o anteprojecto (forçamente que serviu de base aos contratos de financiamento com o Banco Mundial e foi estabelecida com

valores médios normais). Foi agora verificado que é reduzido o desvio em relação à estimativa inicial: encontra-se uma diferença da ordem de 5% a que merece registo pela envergadura do empreendimento e até porque nem todas as obras correram, na execução, lentas e de dificuldades.

Este resultado — dado que a comparação é feita com preços de 1964, como se disse — é significativo como confirmação do interesse da aplicação dos rigorosos critérios de gestão que têm vindo a ser seguidos.

3.º Grupo

Tendo sido decidida a execução do 3.º escalão da central, inscrito no 3.º Plano de Fomento, de harmonia com as necessidades de evolução do consumo, retomou-se o projecto do 3.º grupo e passaram-se as principais encomendas de equipamento electromecânico aos fornecedores que apresentaram condições de preço mais interessantes, tendo sido também possível obter boas condições de financiamento externo a longo prazo.

Apesar de o financiamento obtido estar directamente ligado às referidas adjudicações trata-se, na realidade, de um financiamento puro que, embora apresentado em concorrência antes da decisão de adjudicação, em nada condicionou os preços feitos no concurso previamente aberto (ainda sob as regras do Banco Mundial e cujos termos das propostas foram mantidos válidos com o acordo de todas as concorrentes).

Assim, não obstante ter havido alteração da origem do crédito — visto que anteriormente houvera financiamento do Banco Mundial, para a 1.ª fase da central — temos a grande satisfação de poder informar os Senhores Accionistas de que as novas condições financeiras, juros e amortizações, não são menos interessantes que as daquele Banco. Por outro lado, foi possível — dentro das regras de preferência constantes do concurso — incluir nos fornecimentos uma forte participação da indústria nacional, na prática a nível semelhante ao verificado em anteriores adjudicações como sempre tem sido critério, intransigentemente seguido, de procurar conciliar os interesses próprios da empresa com os interesses da economia nacional em geral.

A experiência adquirida com a 1.ª fase da central permitiu ampliar a intervenção da engenharia portuguesa no estudo e projecto da 2.ª fase, quer no que se refere aos serviços próprios da empresa, quer no que se refere a gabinetes nacionais especializados, facto que igualmente não apraz registar.

Adjudicou-se durante o ano a obra de construção civil correspondente à 2.ª fase da central cujos trabalhos tiveram início no mês de Agosto e se vêm desenvolvendo a ritmo satisfatório.

Foram também abertos concursos para as fundações especiais de mais dois reservatórios de fuel-óleo, de 20 000 t e para a estrutura metálica e de revestimento de sala das máquinas, relativa ao prolongamento da central.

De acordo com o programa de trabalhos estabelecido, em conformidade com o planeamento nacional de novos centros produtores, espera-se que a nova unidade possa entrar em serviço na estiação de 1971.

4 — Estudos de novas centrais térmicas clássicas

4.1 — Central de Rio Maior

Concluiu-se o estudo complementar do jazigo de lignite, tendo sido completada uma importante campanha de sondagens geológicas, conduzida sob a orientação e com activa participação da Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos. Efectuou-se também a correspondente campanha de análises de lignite, com a participação activa da Direcção-Geral dos Combustíveis.

Fez-se igualmente o estudo hidrogeológico da bacia mineira e o estudo geotécnico do terreno de fundação da central.

Efectuou-se em Outubro uma missão de estudo à Alemanha, com a participação de qualificados técnicos da Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos, a fim de se tomar contacto com os problemas ligados à exploração a céu aberto de importantes minas de lignite (que no referido País asseguram cerca de 30% da produção de energia eléctrica).

Conduziu-se um inquérito junto dos construtores de equipamento mineiro mais representativos, apoiado em visitas a fábricas e a minas em exploração.

Tendo em consideração, por um lado, as necessidades de novas centrais térmicas e, por outro, os condicionamentos ainda pendentes de resolução no que se refere à integração vertical das concessões mina-central térmica, pensa-se que a central de Rio Maior poderá vir a entrar em serviço na estiação de 1974. Nestas condições, vai dar-se seguimento ao respectivo programa de trabalhos.

4.2 — Ampliação da central do Carregado

A evolução dos consumos da rede eléctrica nacional tem-se feito, como é sabido, a uma taxa de aumento anual da ordem dos 10 a 11%, exceptuando o ano de 1966 que acusou nítida recessão. O planeamento de novos centros produtores deve acompanhar, consequentemente, a expansão do mercado energético e integrar centrais hidroelétricas e centrais térmicas dentro do equilíbrio energético-económico mais adequado (isto é, por razões técnicas, económicas e até financeiras).

Tendo em consideração pois as necessidades de expansão do sistema produtor térmico nacional daí decorrentes, preocupa-se a empresa com o seu próprio planeamento e procura estudar soluções que técnica e economicamente sejam as mais vantajosas.

Nestes termos, tendo em vista as necessidades de expansão a curto prazo, estão os Serviços Técnicos da empresa a concluir o estudo da possibilidade de ampliar a central do Carregado para 6 grupos geradores, totalizando 750 MW, ampliação essa que representa pela mais 50% da potência instalada em relação à potência inicialmente programada. É importante notar que a referida ampliação, pelo que aproveita das infra-estruturas actuais (designadamente terreno, acessos, escritórios, armazéns, oficinas e circuito hidráulico bem como facilidades e infra-estruturas correspondentes ao abastecimento de fuel-óleo e à ligação à rede eléctrica nacional) representará uma solução de veras economias, sobretudo quando comparada com o investimento global necessário à construção de uma nova central térmica que venha a ser instalada em outro local do País.

A convicção do interesse económico da ampliação da central agora em estudo (a homologar oficialmente em termos de extensão da concessão da central, o que se irá requerer) é outro motivo de satisfação no exercício da função informativa do relatório para os Senhores Accionistas — e por isso se desejou que a notícia fosse revelada, em primeira mão, por este meio — e é certamente motivo de êxito dos Serviços Técnicos da empresa, em especial ao seu Director, que aqui nos apraz retribuir.

4.3 — 2.ª central térmica a fuel-óleo do Sul

Concluíram-se os estudos de prospecção do local da Ponta das Corvoas, perto da Base Naval do Alentejo, o qual se reconhece com interesse para a implantação de uma futura central térmica com características semelhantes às da central do Carregado. Na devida oportunidade se concretizarão as diligências necessárias à realização do empreendimento, na sequência das conclusões já estabelecidas com o Estado-Maior da Armada.

5 — Estudos com vista à primeira central nuclear

No prosseguimento do inquérito feito ao mercado internacional para uma central de 300-350 MW, fez-se uma primeira análise das propostas recebidas, estando em curso de elaboração o respectivo relatório.

(Continua na página seguinte)

EMPRESA TERMOELÉCTRICA PORTUGUESA

(Continuação da pág. anterior)

Como nos anos anteriores, deu-se particular atenção às relações, neste domínio, com entidades especializadas estrangeiras, tendo-se acompanhado com assiduidade a actividade do grupo de trabalho nuclear da UNIPEDR.

Prevê-se que a colaboração com a Junta de Energia Nuclear se venha a acentuar ainda mais, no âmbito da esclarecida orientação que presidiu à sua recente reorganização. Já a empresa foi chamada a colaborar nos estudos que estão a ser empreendidos pela Junta, e agora há motivo para prever uma concretização — designadamente com base no relatório entregue em 1966 para apreciação superior — da realização da primeira central nuclear que deverá caber à empresa na oportunidade adequada, em função das necessidades da rede eléctrica e demais condicionamentos de ordem nacional.

6 — Tarifas, receitas de exploração

Os consumos permanentes de energia eléctrica, que até Outubro se vinham a processar a uma taxa de crescimento, relativamente ao ano anterior, da ordem dos 11,2%, vieram a registar uma quebra no último trimestre pelo que, no conjunto dos doze meses, o acréscimo se cifrou em 10%, superior portanto ao verificado no ano transacto (9%).

Tal como no ano anterior, a partilha das receitas da venda de energia pelo «pool» das empresas da rede primária foi estabelecida por despacho do Senhor Secretário de Estado da Indústria de 31 de Janeiro de 1968, por força do estabelecido no § 2.º do art. 4.º do Decreto-Lei n.º 46917, de 27 de Março de 1966.

7 — Abastecimento de combustíveis

7.1 — Central da Tapada do Outeiro

Por despacho do Senhor Secretário de Estado da Indústria de Junho de 1968, foi fixada em 200 GWh a produção mínima da central da Tapada do Outeiro no ano de 1968, tendo sido, possível consequentemente acordar com as minas abastecedoras um contingente de 170 000 toneladas para o ano transacto. A recepção cifrou-se, no fim do ano, em 155 200 toneladas, das quais 79 700 toneladas foram entregues pela Companhia das Minas de Carvão de S. Pedro da Cova e as restantes 75 500 toneladas pela Empresa Carbonífera do Douro.

Em face dos consumos verificados (283 600 toneladas), a reserva do parque baixou das 491 700 toneladas no início de 1968 para as 363 300 toneladas no fim do ano.

Para 1969, e apesar de os contratos com as minas terem sido denunciados já em 1966 pelas empresas fornecedoras, prevê-se que o abastecimento se venha a cifrar em 170 000 toneladas dentro das regras estabelecidas nesses contratos as quais continuamos a aplicar sem prejuízo da sua denúncia.

7.2 — Central do Carregado

O abastecimento de fuel-óleo à central do Carregado, que se cifrou em 76 600 toneladas, processou-se em 1968 ao abrigo dum regime provisório que permitiu a intervenção do Fundo de Abastecimento na regularização do preço daquele combustível. Consumiram-se na central 71 100 toneladas, entrando o restante na composição da reserva existente.

Em Agosto de 1968, por despacho conjunto dos Senhores Secretários de Estado do Comércio e da Indústria, foi definido o princípio de concessão duma autorização de importação de fuel-óleo a esta empresa e esclarecido que seria extensivo a outras centrais da empresa o sistema de preço que vigorasse para a central do Carregado.

Finalmente, por despacho de 18 de Dezembro de 1968, o Senhor Ministro da Economia determinou que cessasse a intervenção do Fundo de Abastecimento na regularização do preço de fuel-óleo devendo no entanto providenciarem-se no sentido de os preços que vierem a ser praticados não onerarem os encargos variáveis da produção térmica. Em face destas disposições oficiais, já requereu esta empresa — e obteve — alvará para importação especial de fuel-óleo, nos quantitativos previstos como necessários para 1969, estando a procurar conseguir condições de abastecimento que se enquadrem na orientação estabelecida, por via legal e administrativa, quanto à política nacional da energia, designadamente com vista à não oneração dos custos de produção.

Apraz-nos registar neste lugar a boa colaboração prestada pelas empresas fornecedoras do fuel-óleo, SACOR e SONAP, a qual permitiu — não obstante o carácter provisório do regime vigente em 1968 — que fossem supridas as dificuldades a ele inerentes.

8 — Financiamento de 1968

Ao dar-se nota, no relatório anterior, da previsão do financiamento para 1968, indicou-se um valor de 390 000 contos que, por uma questão de ordem, visava igual montante do investimento.

Este, porém, sofreu uma redução por causas já apontadas noutros pontos do relatório e assim não foi necessário que os financiamentos para investimentos atingissem o montante previsto. Houve com efeito uma diminuição do ritmo de utilização dos empréstimos do Banco Mundial por não se ter chegado à verificação das condições necessárias para efectuar a recepção provisória dos equipamentos electro-mecânicos do 2.º grupo da central do Carregado.

Em Outubro, foi assinado um contrato de empréstimo da ordem de 2 600 000 libras, ou seja cerca de 190 000 contos, com a organização Lazard Brothers & Co., Ltd., de Londres, em representação dum grupo de bancos britânicos, para efeito do financiamento, em condições interessantes, da parte principal do equipamento electro-mecânico — gerador de vapor e turbo-alternador — do 3.º grupo do Carregado. No exercício não chegou, porém, a ser feita qualquer utilização deste empréstimo.

Os financiamentos efectivamente realizados foram, segundo as suas fontes, os seguintes:

Ações — Procedeu-se à emissão prevista do 7.º aumento de capital de 120 000 contos, realizado em duas prestações de 50% cada uma.
Crédito externo — A utilização dos dois últimos empréstimos do Banco Mundial foi de 138 460 contos.
Autofinanciamento — As subvenções recebidas para investimento, nos termos do Decreto-Lei n.º 46031, atingiram 18 183 contos e dos fundos gerados internamente foram utilizados, para igual efeito, 24 777 contos.

Desta forma, o financiamento total do ano foi de 301 420 contos.

9 — Plano de financiamento para 1969

Como habitualmente, indica-se o programa de investimentos para 1969, com base no qual se prevê e estabelece o recurso aos meios financeiros.

Os empréstimos a realizar e os respectivos valores a investir, foram calculados conforme a seguir se indica, depois de tidos em conta os mais recentes estudos do planeamento da produção de acordo com a evolução dos consumos:

Central da Tapada do Outeiro:

3.º grupo (conclusão de pagamentos) 17 000 contos

Central do Carregado:

1.º grupo (pagamentos em relação com as recepções definitivas) 72 000 contos

2.º grupo (pagamentos em relação com recepções provisórias) 71 000 contos

3.º grupo (construção civil e equipamentos) 112 000 contos

Central de São Mateus:

Estudos e estudos 8 000 contos

Total 280 000 contos

Estudados os meios de fazer face ao investimento acima referido estabeleceu-se um programa de financiamento composto da seguinte forma:

Ações (utilização, no exercício, da emissão a efectuar no valor de 120 000 contos)	80 000 contos
Crédito externo	151 000 contos
Autofinanciamento (subvenções para investimento nos termos do Decreto-Lei n.º 46031 e utilização de fundos próprios)	46 000 contos
Total	280 000 contos

10 — Colaboração nos órgãos colectivos da Indústria

Continuou a empresa a dar a sua colaboração activa aos órgãos colectivos da indústria, que, no ano findo, desenvolveram franca actividade no sentido de uma coordenação dos problemas comuns.

Continuou o Repartidor Nacional de Cargas — de que esta empresa é membro da Comissão Directiva — a desempenhar com acerto e eficiência o seu papel de coordenador da exploração das centrais da rede eléctrica nacional. Igualmente, no âmbito da rede primária, é de registar um intenso esforço, e sensíveis progressos, no sentido duma mais eficiente acção de convergência de propósitos, como é indispensável, o que, no ano findo, se pode traduzir designadamente pelo bom entendimento verificado no seio da Comissão Técnica de Exploração da Rede Primária e pelo estudo e conclusão dum plano de contas comum para as respectivas empresas que vai passar a ser adoptado, já em 1969.

Também foi notável a actividade desenvolvida pelo Grémio Nacional dos Industriais de Electricidade em especial no que se refere às negociações que levaram, no fim do ano, à assinatura, em conjunto com os sindicatos interessados, do Contrato Colectivo de Trabalho do Pessoal da Indústria da Electricidade. Deste documento, que consagra princípios inovadores nesta matéria no nosso País e que foi fruto de demoradas e laboriosas negociações, muito há a esperar, no futuro, no que se refere às relações, que se desejam harmoniosas, entre as entidades patronais e os seus empregados.

Continuou também a sua acção altamente meritória o Centro de Formação Profissional tendo sido lançados os cursos de aperfeiçoamento profissional do 2.º grau.

11 — Acção Social

Dentro do espírito de plena coordenação que consideramos indispensável firmar na rede primária, concretizou-se uma forma de acção social, do maior alcance para o pessoal, com a criação dos serviços médicos da empresa enquadrados na organização já existente. Com efeito, com a melhor compreensão da Hidro-Eléctrica do Cávado e da Companhia Nacional de Electricidade, optou-se pela extensão dos seus serviços médicos ao nosso pessoal, respectivamente na zona Norte e na zona Sul, em lugar de criar toda uma nova estrutura de serviços privativos, solução que permitiu, além de outras vantagens, atingir os objectivos de ordem social em vista com sensível economia, no aproveitamento, aliás, dos esquemas da Previdência Oficial.

Fica assim o pessoal a contar com um apoio clínico e de enfermagem e de assistência medicamentosa e hospitalar, em condições mais favoráveis — dada a participação da empresa nos encargos.

12 — Balanço e resultados do exercício

Ao proceder à apreciação das contas é sempre aconselhável dispor de algumas notas de esclarecimento de certas rubricas e valores e do critério seguido quanto à sua apresentação. (*)

Começa-se por referir o aspecto de equilíbrio económico com que se desenvolveu o exercício e também a solidez da situação financeira que resulta da análise das contas, parecendo oportuno dizer que os compromissos e encargos imediatos da empresa encontram, nos saldos das contas de Caixa e Bancos, os meios necessários para lhes fazer face. O desenvolvimento do programa de financiamento apresentado atrás — obedecendo como habitualmente a uma política de utilização de meios adequados às necessidades que se vão apresentando — permite encarar com tranquilidade, embora atentamente, as naturais preocupações que se suscitam sempre na realização dos programas anuais duma empresa, como esta, em fase de marcada expansão e intensa actividade.

No Activo Disponível apresenta-se um valor de 89 959 contos.

Dado o elevado valor que representa a conta de Existências, e segundo na esteira dos relatórios anteriores, impõe-se a necessidade de dar a conhecer as principais parcelas em que se desdobra e que, fundamentalmente, respectam ao considerável volume de combustíveis em parque e ao custo das peças de reserva que a natureza do serviço das centrais obriga a ter a disposição.

Assim temos:

— Carvão	60 157 contos
— Óleos combustíveis	26 376 contos
— Peças de reserva	7 088 contos
— Material de consumo corrente e diversos	8 536 contos

Parece de interesse salientar, por comparação com o balanço anterior, a subida verificada no montante do Activo Imobilizado, como significativo da marcha da empresa nas suas realizações de investimento e da correspondente intensidade de trabalho realizado.

O acréscimo verificado de 354 180 contos, que eleva o investimento a 1 990 355 contos, está em relação com a aproximação da conclusão da 1.ª fase da central do Carregado (1.º e 2.º grupos).

No Passivo Exigível a Curto Prazo, figura em Contas Correntes (saldos credores) um montante bastante elevado em relação ao exercício anterior. A diferença corresponde essencialmente à última prestação das encomendas de equipamento e empreitadas para o 1.º grupo da central do Carregado, cujo vencimento tem lugar na data da recepção definitiva, isto é, decorrido o prazo de garantia, depois das instalações terem sido entregues à empresa. O valor correspondente a estes pagamentos será coberto na sua maior parte pela utilização de empréstimos a longo prazo, visto que se trata de investimentos financiados pelo Banco Mundial.

A posição dos empréstimos revela, por comparação com o balanço anterior, a amortização de 13 876 contos dos empréstimos internos, conforme previsto nos respectivos planos, e a elevação de 138 460 contos nos empréstimos externos (Banco Mundial) correspondente à utilização destes, no decurso do exercício em apreciação. No mesmo período pagaram-se as anuidades de amortização de empréstimos anteriores da entidade financiadora referida, no montante de 13 513 contos.

A necessidade de cobertura de impostos respeitantes ao exercício, ainda não liquidados, leva à constituição da provisão de 3 500 contos, valor que se teria que considerar insuficiente se a utilização da provisão anteriormente constituída não tivesse deixado o saldo de 1 429 contos. A necessidade da provisão resulta, aliás, mais evidente se compararmos o desenvolvimento da conta Lucros e Perdas de 1967 e 1968 em que se nota uma redução no pagamento de impostos daquele para este ano.

Também em virtude do intenso trabalho a que foram submetidas as novas instalações de produção de energia da Tapada do Outeiro e do Carregado, impõe-se a constituição de uma provisão de 4 000 contos para conservação e reparação. Esta provisão é indiscutível em face da natureza dos encargos da produção térmica, tal como se encontram oficialmente considerados: é através dos encargos variáveis (e não dos fixos) que têm de ser pagas as despesas de conservação e reparação e,

(*) Como já se referiu nos relatórios anteriores, as contas da empresa estão a ser examinadas pelos auditores Barton & Mayhew & Co. que acompanharam os nossos serviços com regularidade.

(Continua na página seguinte)

EMPRESA TERMOELÉCTRICA PORTUGUESA

(Continuação da pág. anterior)

portanto, é do maior ou menor funcionamento das centrais que resulta a obtenção dos meios para efectuar os trabalhos necessários que normalmente têm de se realizar durante o exercício seguinte.

Aparece este ano no balanço a conta Subvenções Recebidas para Investimento que substancialmente representa a que tem figurado como Dotação para Investimento nas contas respeitantes a exercícios anteriores. Trata-se de uma alteração de designação em seguimento da orientação definida no estudo da uniformização dos planos de contas das empresas da rede primária, a que atrás se fez já referência. O montante desta conta atinge 143 336 contos, cabendo ao exercício findo a quantia de 18 183 contos. Deixam de figurar no balanço os valores da compensação de reintegração e de reconstituição do investimento visto que a conta de Subvenções Recebidas passa a figurar pelo seu valor líquido por débito da própria conta, das compensações devidas.

O saldo da conta de Exploração é de 102 572 274\$33.

A conta de Lucros e Perdas acusa o lucro líquido de 50 325 242\$24 que, adicionado ao saldo de 476 733\$92 que transitou do exercício anterior, perfaz o total de 50 801 976\$16.

Entende-se que deverá ser de 8% o dividendo a distribuir, dentro das possibilidades do apuramento dos resultados e na compreensão do que constitui, na conjuntura actual, uma justa remuneração do capital accionista numa empresa da natureza da nossa.

Nestes termos, temos a honra de propor que ao akto da conta Lucros e Perdas seja dada a aplicação seguinte:

— Para Fundo de Reserva Legal	2 517 000\$00
— Para Dividendo (80\$00 por acção — capital de 600 000 contos)	48 000 000\$00
— Para Conta Nova	284 976\$16

13 — Considerações finais

Antes de concluir este relatório, aprezentamos deixar registado quanto nos congratulamos por que se tenham desenvolvido em inteira normalidade os importantes acontecimentos ocorridos na vida política do País, no ano findo, no seguimento da grave doença do Senhor Presidente Oliveira Salazar cujo sofrimento todos sentimos e por cujas melhoras formulamos os nossos votos. Ao Senhor Presidente do Conselho de Ministros apresentamos na ocasião da investidura, e aqui reiteramos, a expressão da confiança que depositamos no exercício da sua acção governativa.

Ao manifestarmos ao Governo da Nação o nosso reconhecimento por todo o apoio dispensado à empresa, é-nos grato destacar o interesse com que a nossa actividade foi seguida, mais directamente, por razões de ordem funcional, pelos Senhores Ministros de Estado e das Finanças — actuais e anteriores titulares das pastas — e pelos Senhores Ministro da Economia e Secretário de Estado da Indústria, assim como pelo Senhor Subsecretário de Estado do Tesouro, não esquecendo igualmente o anterior titular deste alto cargo. Merece referência especial a visita que o Senhor Secretário de Estado da Indústria se dignou fazer à central do Carregado, após a ligação à rede do seu 2.º grupo, em demonstração concreta do seu muito interesse pelo nosso trabalho.

Agradecemos também aos departamentos oficiais, com que mais directamente contactamos, todo o apoio dispensado, sendo de individualizar, em relação ao ano findo, na Presidência do Conselho, o Secretariado Técnico e a Junta de Energia Nuclear (designadamente através da novel Direcção-Geral dos Combustíveis e Reactores Nucleares Industriais), e igualmente, as Direcções-Gerais dos Serviços Eléctricos, dos Combustíveis, de Minas e Serviços Geológicos, a Inspecção-Geral dos Produtos Agrícolas e Industriais e outros departamentos do Ministério da Economia, e também a Inspecção-Geral de Crédito e Seguros e outros departamentos do Ministério das Finanças, e ainda os principais departamentos dos Ministérios das Obras Públicas, das Comunicações e das Corporações e Previdência Social.

Destacamos também, com reconhecimento, as facilidades concedidas pelo Banco de Portugal quanto à orientação das operações de crédito externo e bem assim todo o apoio prestado pelas instituições da Banca Comercial com que trabalhamos.

Ao Conselho Fiscal desejamos significar os nossos agradecimentos pelo criterioso e franco apoio que sempre nos dispensou.

A terminar, é inteiramente justa uma palavra de louvor pela dedicação dispensada pelo pessoal e pela sua compreensão, cada vez mais necessária, do verdadeiro conceito de empresa.

Porto, 7 de Março de 1969

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Fernando Ivo Gonçalves — Presidente
Francisco Alberto Corrêa Figueira, pela C.ª EL.ª do Alentejo e Algarve — CEAL
Pedro Manuel de Oliveira Reis, pela C.ª Nacional de Electricidade
Armando Stichini Vilela, pela Sociedade Anónima Concessionária da Refinação de Petróleos em Portugal — SACOR

BALANÇO, RESULTADOS DO EXERCÍCIO E CONTA DE EXPLORAÇÃO

Balanço em 31 de Dezembro de 1968

ACTIVO

DISPONÍVEL

Caixa	1 289 056\$90	
Bancos	88 670 865\$59	89 959 921\$49

REALIZÁVEL

Participações Financeiras	1 306 800\$00	
Contas Correntes (Saldo Devedor)	57 460 944\$84	
Existências	102 157 598\$71	160 985 143\$55

IMOBILIZADO

FIXO

Valores Afectos à Concessão:		
Central da Tapada do Outeiro	812 262 365\$90	
Central do Carregado	805 327 734\$14	
	1 617 590 100\$10	

Reintegrações:

Central Tapada do Outeiro	110 900 084\$39	
Central do Carregado	15 959 374\$70	
	— 132 859 459\$59	1 484 720 640\$51

Valores não Afectos à Concessão:

Edifícios	14 283 814\$30	
Material de Estaleiro	2 812 021\$30	
Material de Transportes	1 936 941\$30	
Móveis e Utensílios	9 881 342\$42	
Biblioteca	619 646\$50	
Instalações	998 297\$90	
Outras	49 131\$50	
	30 351 214\$92	

Reintegrações:

Edifícios	285 676\$79	
Material de Estaleiro	443 223\$30	
Material de Transportes	683 587\$32	
Móveis e Utensílios	2 720 635\$05	
Biblioteca	151 960\$58	
Instalações	134 683\$78	
Outras	8 939\$81	
	— 4 739 085\$42	85 623 140\$00

DE TRANSIÇÃO

Imobilizações em Curso	340 626 434\$58	
Estudos para a Central de Rio Maior	2 177 156\$89	
Estudos para a 1.ª Central Nuclear	8 264 498\$57	
Estudos para Novas Centrais Produtoras	358 372\$10	
	351 434 453\$04	1 861 708 242\$95

2 112 713 107\$90

CONTAS DE ORDEM

Cauções Estatutárias	300 000\$00	
Garantias Bancárias	158 905 960\$68	
Material Encomendado	570 596 637\$30	
Créditos Abertos	300 942 892\$75	1 030 615 490\$63

O CHEFE DA CONTABILIDADE

Julio Ribeiro

PASSIVO

EXIGÍVEL A CURTO PRAZO

Contas Correntes (Saldo Credores)	150 773 134\$22	
Juros de Obrigações a Pagar	3 105 888\$95	
Obrigações Sorteadas	3 334 000\$00	
Dividendos a Pagar	273 774\$47	157 486 897\$34

EXIGÍVEL A MÉDIO E LONGO PRAZO

Obrigações	144 030 000\$00	
Financiamentos:		
— Empréstimos Internos	128 735 964\$20	
— Empréstimos Externos (Banco Mundial)	727 308 133\$41	
	856 044 097\$61	1 000 064 097\$61
		1 157 550 994\$95

SITUAÇÃO LÍQUIDA

INICIAL

Capital	720 000 000\$00
---------------	-----------------

ACUMULADA

Fundo de Reserva Legal	9 334 000\$00	
Fundo de Estabilização de Dividendos	11 500 000\$00	
Reconstituição do Investimento	8 155 464\$96	
Provisões:		
— Conservação e Reparação	7 205 464\$98	
— Impostos	4 929 000\$00	
	12 134 464\$98	41 023 929\$94

CONDICIONADA

Subvenções Recebidas — Para Investimento	143 336 206\$94
--	-----------------

ADQUIRIDA

Lucros e Perdas:		
Saldo de 1967	476 733\$92	
Lucro do Exercício	50 325 242\$24	50 801 976\$16
		955 162 113\$04

2 112 713 107\$90

CONTAS DE ORDEM

Credores por Cauções Estatutárias	300 000\$00	
Credores por Garantias Bancárias	158 905 960\$68	
Credores por Material Encomendado	570 596 637\$30	
Credores por Créditos Abertos	300 942 892\$75	1 030 615 490\$63

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Fernando Ivo Gonçalves — Presidente
Francisco Alberto Corrêa Figueira, pela C.ª EL.ª do Alentejo e Algarve — CEAL
Pedro Manuel de Oliveira Reis, pela C.ª Nacional de Electricidade
Armando Stichini Vilela, pela Sociedade Anónima Concessionária da Refinação de Petróleos em Portugal — SACOR

Continuação na página seguinte

EMPRESA TERMOELÉCTRICA PORTUGUESA

Desenvolvimento da Conta «LUCROS E PERDAS»

EXERCÍCIO DE 1968

DÉBITO

Despesa Geral	5 137 087\$03	
Taxas, Contribuições e Impostos	6 391 471\$29	
Encargos Financeiros	39 234 850\$81	
Provisões (Constituição):		
— Impostos	3 500 000\$00	
Reintegração de Valores não Afectos à Concessão:		
— Edifícios	285 676\$70	
— Móveis e Utensílios	1 019 711\$19	
— Biblioteca	69 571\$90	
— Instalações	94 830\$14	1 449 779\$74
Saldo de 1967	476 733\$93	
Lucro Líquido do Exercício	80 335 242\$34	50 801 976\$16
		106 504 964\$33

CRÉDITO

Saldo de 1967	110 133\$93	
Exploração Eléctrica — Saldo	102 572 274\$33	
Resultados Diversos	559 496\$37	
Provisões (Utilização):		
— Impostos	2 821 000\$00	
Transportadores de Carvão c/ Exploração:		
— Peção e Instalação de Desvio — Saldo	75 058\$32	
		106 504 964\$33

O CHEFE DA CONTABILIDADE

Júlio Ribeiro

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Fernando Ivo Gonçalves — Presidente
 Francisco Alberto Corrêa Figueira, pela C.ª El.ª do Alentejo e Algarve — CMAA
 Pedro Manuel de Oliveira Reis, pela C.ª Nacional de Electricidade
 Armando Stichini Vilela, pela Sociedade Anónima Concessionária da Refinação de Petróleos em Portugal — SACOR

Desenvolvimento da Conta «EXPLORAÇÃO ELÉCTRICA»

EXERCÍCIO DE 1968

DÉBITO

Combustíveis	103 627 695\$18	
Despesas Gerais de Exploração	18 430 118\$53	
Despesas de Conservação e Reparação	5 873 524\$34	
Provisões (Constituição):		
— Conservação e Reparação	4 000 000\$00	
Reintegrações:		
— Central da Tapada do Outeiro	19 756 046\$00	
— Central do Carregado	14 305 437\$20	34 121 483\$20
Reconstituição do Investimento	2 736 673\$52	
Subvenções Recebidas:		
— Para Investimento	18 182 538\$90	
Saldo	102 572 274\$33	
		289 544 306\$50

CRÉDITO

Participação na Receita do «Pool»	289 544 306\$50	
		289 544 306\$50

O CHEFE DA CONTABILIDADE

Júlio Ribeiro

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Fernando Ivo Gonçalves — Presidente
 Francisco Alberto Corrêa Figueira, pela C.ª El.ª do Alentejo e Algarve — CMAA
 Pedro Manuel de Oliveira Reis, pela C.ª Nacional de Electricidade
 Armando Stichini Vilela, pela Sociedade Anónima Concessionária da Refinação de Petróleos em Portugal — SACOR

PARECER DO CONSELHO FISCAL

SENHORES ACCIONISTAS:

No cumprimento das disposições estatutárias o Conselho Fiscal verificou, regularmente, as contas da empresa, tendo encontrado tudo em perfeita ordem.

A acção da Administração da empresa durante o último exercício caracterizou-se pela continuidade na realização, sem margem para reservas, das políticas e dos objectivos previamente fixados.

Deve assim concluir-se que a gestão tem sido conduzida em termos da maior eficácia em obediência aos interesses da empresa e ao interesse geral do País.

A forma clara e circunstanciada como o Conselho de Administração apresenta o seu relatório leva o Conselho Fiscal a entender dispensável assinalar qualquer facto em especial de entre aqueles que poderão ser considerados como mais significativos na vida da empresa.

No entanto, não deseja o Conselho Fiscal deixar de secundar inteiramente as considerações oportunas e judiciais constantes do relatório do Conselho de Administração quanto às naturais preocupações suscitadas pela doença do Senhor Presidente Oliveira Salazar.

Em conclusão, o Conselho Fiscal dá a sua concordância ao Relatório apresentado pelo Conselho de Administração e tem a honra de propor:

- a aprovação do Relatório, Balanço e Contas;
- que seja aprovado um voto de apreço pela acção do Conselho de Administração no período correspondente ao último exercício;
- que seja consignado um voto de louvor ao pessoal da empresa tendo em atenção o interesse manifestado no desempenho das suas funções;
- que se aprove a aplicação do saldo da conta de resultados proposta pelo Conselho de Administração.

Porto, 7 de Março de 1968

O CONSELHO FISCAL

Presidente
 Agnelo Galamba de Oliveira
 Vogais

José Nicolau Pires Correia — (Hidro-Eléctrica do Douro)
 Manuel Magalhães Mexia — (Comp.ª das Minas de Carvão de S. Pedro da Cova)

INDICE BORGES & IRMAO

COTAÇÃO DAS AÇÕES (Base Dez. 05-100)

	2/4/68	11/4/68	Variação %
GERAL	111,9	112,3	+ 1,6
REPRESENTAÇÃO	112,1	112,4	+ 1,2
RENTAS	112,0	112,5	+ 1,4
RENTAS	112,0	112,5	+ 1,4
RENTAS	112,0	112,5	+ 1,4
RENTAS	112,0	112,5	+ 1,4
RENTAS	112,0	112,5	+ 1,4
RENTAS	112,0	112,5	+ 1,4
RENTAS	112,0	112,5	+ 1,4
RENTAS	112,0	112,5	+ 1,4

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO HISTORIADOR FORTUNATO DE ALMEIDA

NELAS, 12 — A Câmara Municipal deste concelho e a Junta de Turismo das Caldas de Felgueiras, em colaboração com o governador civil do distrito, promovem, no dia 15, cerimónias comemorativas do centenário do nascimento do historiador dr. Fortunato de Almeida.

As cerimónias de honra e exaltação são presididas, respectivamente, pelo ministro da Educação Nacional e pelo presidente do Município.

Do programa constam: em Nelas, às 15 horas, conferência, no salão nobre da Câmara Municipal, pelo prof. dr. Manuel Lopes de Almeida; em Vilar Seco, às 16 e 30, descerramento de um busto e de uma lápida comemorativa na casa onde viveu e morreu o historiador; às 18 e 30, missa na Igreja matriz e romagem ao túmulo do homenageado; e às 20 e 30, jantar no Hotel Urgeirica.

Os Serviços Florestais e a morte da caça em Castro Verde

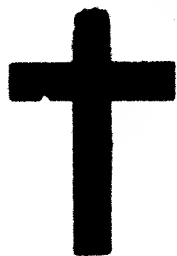
CASTRO VERDE, 11. — Segundo os técnicos dos Serviços Florestais, que aqui operam, o produto utilizado na desinfectação dos montados desta região é susceptível de se tornar mais tóxico com o aumen-

to da humidade causado pelas chuvas.

Essa seria a explicação para a morte da caça que aqui assinalamos em notícia que levou aqueles técnicos a procurar o correspondente local do «Diário de Lisboa», esclarecendo que há já vários anos que empregam o produto em idênticas operações e desinfectação, sem que a respectiva toxicidade se tenha manifestado excessiva.

EXONERAÇÃO

Foi exonerado da presidência da Câmara Municipal de Alcoutim o sr. Luís Cunha.



DON FÉLIX GONZÁLEZ DEL RIVERO Y SANZ

(FÉLIX GONZÁLEZ DEL RIVERO, JUNIOR)

MASTER OF ARTS PELA UNIVERSIDADE DE EDIMBURGO

DIRECTOR GERAL DE DUN & BRADSTREET LUSITANA, LDA. (R. G. DUN & CO.)

PARA PORTUGAL CONTINENTAL E ULTRAMARINO

FALECEU

NO DIA 1 DE ABRIL DE 1969 EM CASABRANCA (MARROCOS)
VÍTIMA DE ACIDENTE DE AUTOMÓVEL

Seus afligidos pais Don Félix González del Rivero y Kiffer (director-geral jubilado de R. G. Dun & Co. para Portugal Continental e Ultramarino) e Doña Juana Sanz García de González del Rivero, sua irmã Doña M.ª del Carmen González del Rivero y Sanz de Olivé e marido Dr. Don Manuel Olivé González e filhas M.ª de Las Mercedes e M.ª del Carmen Olivé e González del Rivero, seus tios Don Francisco Sanz García e esposa, primos e mais família, os Altos Directivos de Dun & Bradstreet, Inc., de New-York, U. S. A. e o pessoal dos Escritórios em Portugal e Espanha e respectivos Directores e Gerentes cumprem o doloroso dever de comunicar a seus amigos tão triste acontecimento e que o funeral se realiza no domingo, dia 13 de Abril de 1969, às 11 horas, da Igreja de São João de Deus, Capela A, para jazigo no cemitério de Alto de São João. As 10,30 horas será rezada missa de corpo presente no referido templo.

AGENCIA SALGADO

MONÇÃO



JOSÉ LUÍS

FALECEU

Maria da Conceição Barbosa e família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido marido e parente e que o funeral se realiza amanhã, dia 13, pelas 9,30 horas, da Capela da casa mortuária do Hospital de Santa Maria, para o cemitério de Barbeta (Monção).

AGENCIA SALGADO



COMENDADOR

MANUEL JOSÉ CARVALHO

Confortado com os Sacramentos da Santa Madre Igreja
FALECEU

Sua família, participa com profunda mágoa o seu falecimento e que o funeral se realiza, amanhã, às 10 horas, da Igreja de S. João de Brito para o cemitério de Carvalheira — Terras do Bouro.

AGENCIA MAGNO — TELEF. 534167

Um folheto da C. P.
sobre circuitos
turísticos

A C. P. acaba de publicar um folheto alusivo aos serviços que a rede «Europa-bus» pode proporcionar aos turistas na presente temporada onde consta, além de uma descrição pormenorizada das excursões e circuitos portugueses, a relação de todas as linhas, circuitos e excursões nos outros países.

Peça folheto e esclarecimentos nas secções de informações de Lisboa, Porto e Coimbra, nos despachos centrais e nas agências de viagens.



GUILHERMINA DA SILVA INÁCIO

FALECEU

Ana da Silva Inácio da Costa, seu marido, filhas e restante família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua muito querida mãe, sogra, avó, irmã e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 13, pelas 12 horas, da Igreja de Santos-o-Velho, para o cemitério de Benfica.

AGENCIA BAPTISTA (FILHO)
Calçada da Tapada, 2 — Telef. 638138-638584



DR. FÉLIX GONZÁLEZ DEL RIVERO JR.

FALECEU

O Presidente, a Direcção e os Sócios do Rotary Clube de Lisboa têm o desgosto de anunciar o falecimento do seu querido Amigo, consócio e membro da Direcção, Dr. Félix González Del Rivero Jr. e que o seu funeral se realiza amanhã pelas 11 horas da Igreja de S. João de Deus para o Cemitério do Alto de S. João.



COMENDADOR

MANUEL JOSÉ CARVALHO

Confortado com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

PASTELARIA MARQUES, participa o falecimento do seu sócio-gerente, Ex.º Sr. Comendador Manuel José Carvalho e que o funeral se realiza amanhã, às 10 horas, da Igreja de S. João de Brito para o cemitério de Carvalheira — Terras do Bouro.



COMENDADOR

MANUEL JOSÉ CARVALHO

Confortado com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

OS EMPREGADOS DA PASTELARIA MARQUES, participam com profundo desgosto o falecimento do seu patrão e amigo, Ex.º Sr. Comendador Manuel José Carvalho e que o funeral se realiza amanhã, às 10 horas, da Igreja de S. João de Brito para o cemitério de Carvalheira — Terras do Bouro.



dia a dia

HOJE PODE VER...

O FUGITIVO: UM CASO DE AMNÉSIA

APÓS UM INTERREGNO motivado pela *Semana Santa*, «O Fugitivo» volta à R. T. P., personificado, como se devem lembrar, por David Janssen na pele do dr. Richard Kimble. Neste episódio, que será transmitido cerca das 23 e 15, e se intitula «Um caso de amnésia», o dr. Kimble é vítima de uma explosão e é levado para um hospital, onde se verifica que tinha perdido, temporariamente, a memória. Um psiquiatra convence-o de que podia ter sido ele o assassino da esposa. Richard Kimble hesita: irá entrepar-se às autoridades, ou continuará a perseguir o verdadeiro criminoso? Jerry Hopper, o realiza-



David Janssen é (toda a gente o sabe) o fugitivo dr. Richard Kimble. Esta noite, o problema é a amnésia.

dor desta série, reuniu, ao lado de David Janssen, os actores de Hollywood Betty Garrett, Ivan Dixon e Barry Morse.

2.º PROGRAMA

TRANSMITE-SE esta noite o 3.º episódio de «Silvia dos Três Ulmeiros», com Evelyn Dandry, Hélène Mausson, Frédéric de Pasquale, Paul Ville e Patricia Jeanette, nos principais papéis. E termina a emissão de hoje com um concerto, já transmitido em 7-3-1968, pela Orquestra de Camara Gulbenkian sob a direcção do maestro Alvaro Cassuto. É solista Lila Lalavni. Inclui: de Mozart, Sinfonia n.º 18 e Concerto em lá maior para piano e orquestra; de Joly Braga Santos, Variações concertantes para orquestra de arcos e harpas; e ainda de Mozart, Sinfonia n.º 19, em lá maior. Este concerto foi realizado na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, por Luis Andrade.

canal da crítica

A TELEVISÃO DESTE PAÍS FALA AOS PAIS SEM TELEVISÃO

Na rubrica «Nós e o Público», apêndice de «Cartas TV», referiu-se «Nós», aos esforços desenvolvidos por um grupo de pais no sentido de se melhorarem os programas infantis e juvenis.

«Nós» declarou que a produção de tais programas constitui grande preocupação da RTP. Elementar regra da convivência convida-me a respeitar aquela declaração. No entanto, não deixaria de ser boa tática suportar a mesma declaração com suficientes provas. O que, infelizmente, não se fez. Por esquecimento, estou em crer. Que não tardará a ser oportunamente remediado.

Entretanto, a RTP acha que deve já principiar a adotar responsabilidades. E eis que salta «Nós», na convicção sem mácula que o caracteriza, com a afirmação de que a responsabilidade pertence aos pais: estes é que devem decidir do que os pequenos devem ou não devem ser permitido ver...

Os pais, ao tomarem a iniciativa já conhecida, não enjuntam a responsabilidade, e por isso procuram levar à melhoria de programação. Com a sua argumentação, porém, a RTP, pela boca de «Nós» (confim, cada qual das suas boas e más que entenda), pretende dizer aquilo que, incluindo em termos de coragem e verdade, não tem coragem de dizer, sempre nos

pais deixá-lo ou não ao alcance dos pequeninos...

Na verdade, é isto que há longos anos acontece. E é por estes e por outras que muitas famílias não querem televisar em casa. Será esta a opção que a R. T. P. deseja suscitar?

O mais estranho é que tal argumento parte de quem possui o exclusivo da utilização da TV; parte de quem suporta dezenas de milhares de contos de lucro ao fim do ano, podendo, por isso, exercer uma relevante acção educativa; parte de um organismo do qual a nação portuguesa é, de longe, o principal acionista...

A RTP, porém, vai mais longe no seu provincianismo discriminatório. Ainda pela boca de «Nós», declara que

o juízo das crianças nem sempre coincide com o dos adultos, acontece que rubricas condenadas pelos adultos são do agrado infantil ou juvenil...

Que se pretende com isto? Procura-se a assinatura das crianças para que lhes sejam fornecidos elementos prejudiciais à sua alma, ao seu carácter, ao seu sentimento estético. Isto é tanto mais grave quanto é reconhecido por lei, a nulidade dos compromissos assumidos por menores. Quando apenas aos 21 anos se reconhece ao cidadão o direito e escolher os seus representantes no parlamento, como se declara o menininho capaz de escolher os seus heróis, os seus programas, as suas histórias televisivas?

Não oferece discussão que as preferências, as tendências das crianças não-de ser estudadas e avaliadas — mas sempre com o propósito de defendê-las e nunca com o fim de as explorar e prejudicar. Nós sabemos como os gostos infantis se desenvolvem em função do meio em

(Continua na página seguinte)

HARMONIA E BOM GOSTO

PELAS 18 E 50, France de Vasconcellos estará no pequeno «écran» com o seu programa de decoração «Harmonia e bom gosto». Hoje teremos imagens relativas à decoração e arranjos efectuados, nas Aldeias Melhoradas de Trás-os-Montes. Além disso, a autora-apresentadora do programa extrairá daí sugestões para a decoração de habitações das aldeias da região.

CIÊNCIA COLECCIONISMO AVENTURAS E FESTA BRAVA

«ENCICLOPÉDIA» versará o «Projecto Mohole», ou seja, o sistema de preparação na crosta terrestre para reconhecimento dos segredos do nosso planeta.

Logo de seguida, vem «Clube dos Coleccionadores», um programa coordenado e orientado por Jaime Pinto Coelho que, desta vez, escolheu a interessante colecção de postais ilustrados de um coleccionador lisboeta.

Pelas 18 e 25, com «Nos Bastidores da Aventura», seguiremos a preparação de cavalos para o Concurso da Escola de Guias de «Alta-Montanha». Cerca das 19 e 50, os aficionados da Festa Brava terão o programa «Barreira de Sombra» com amplo noticiário, reportagem da primeira tourada desta temporada no Campo Pequeno e outros temas de interesse. Coordenação e orientação de João Moreira.

A anteceder a 2.ª edição do Telejornal, vem um filme de aventuras de filiação germânica. Trata-se de mais

um episódio da série «Rinaldo Rinaldini». «Serpentino», sucessor do marquês de Cavalcanti, utiliza Julietta como sua cúmplice e espiã para captar a simpatia de Rinaldo para o vender ao ambicioso general.

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — As 8 e 5. Teledeporto: 8 e 25. Nos Bastidores da Aventura: 8 e 50. Harmonia e Bom Gosto: 19 e 20. Diálogos de Sábado: 19 e 30. Telejornal: 19 e 50. Barreira de Sombra: 20 e 10. Vida Sá em Corpo Sá: 20 e 30. TV 7: 21. Série de Aventuras «Rinaldo Rinaldini»: 21 e 30. Telejornal: 22. Reportagem do Exterior: 23 e 5. Série Dramática «O Fugitivo»: 0 e 5. Telejornal e Fecho.

II Programa — As 21 e 30. Telejornal: 21 e 50. Folhetim «Silvia dos 3 Ulmeiros»: 21 e 30. Concerto pela Orquestra de Camara Gulbenkian: 23 e 45. Telejornal e Fecho.

— TELEVISORES — GRUNDIG

AMANHÃ — I Programa — As 12 e 15. Telejornal: 12 e 30. Missão de Domingo: 13 e 25. Concerto para Jovens: 4 e 0. Expedição: 14 e 45. Dia do Senhor: 15. Telejornal: 15 e 10. Desenhos Animados: 15 e 35. TV Educativa: 16. Doktor: 16 e 50. Passatempo Infantil — Grassal: 17 e 55. TV Educativa: 18 e 20. Informação Desportiva: 18 e 30. Folclore: 19. TV Rural: 19 e 30. Telejornal: 19 e 50. TV Mundo: 21 e 30. Telejornal: 21 e 55. Folhetim «David Copperfield»: 22 e 15. Variedades: 23 e 25. Domingo Desportivo: 23 e 50. Telejornal Matutino e Fecho.

II Programa — As 21 e 30. Telejornal: 21 e 50. TV 7: 22 e 15. Os Camponês: 23 e 10. TV Clube: 23 e 40. Telejornal e Fecho.

TUDOR

PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 6: Em de semana, 18 e 05. Música de filmes, 18 e 15. Emissão Infantil, por Madalena Patóchio: 8 e 45. Vedetas Pop: 19 e 50. Música só música: 20. Diário sonoro: 20 e 20. Actualidades musicais: 20 e 40: 35. Episódio do Folhetim: «A História da Cruz»: 21. Jornal de actualidade: 21 e 30. Música ligeira: 21 e 40: 2.ª Parte de um Serão realizado em Grandola: 22 e 30. Poesia, Música e Sonho, por Miguel Trigueiros: 23 e 05. Programa da noite: 2.º Fecho.

2.º Programa — 397 m — 735 kc/s — As 17: A Flor de pedra, suite de bailado (Prokofiev). Orquestra da Suíça Francesa dirigida por Silvio Varviso: 18. Abraço da distância, por Goulart Nogueira: 18 e 20. Música de festa: 19. O maestro Paul Kletzki — «Sinfonia Manfredos», op. 58 (Tchaikovsky). Orquestra Filarmónica: 20. Diário Sonoro: 20 e 20. Música de Arco: 20 e 30. Ciclo de Melodias — Cinco Poemas de Maria Stuart, opus 135 (Schumann) — solistas: 20 e 43. Poesia Sinfónica: 21. Concerto preenchido com obras de Schubert, que tem a colaboração do soprano Jennifer Smith, do trompetista António Pestana, e do pianista Helena Matos: 21 e 31. Romance op. 11 para violino e orquestra (Dvorak) — Isaac Stern e Orquestra de Fidelidade sob a direcção de Eugene Ormandy: 21 e 45. «O gosto pela música pelo dr. João de Freitas

Rádio — 5. Música coral sinfónica: 23. A Voz do Ocidente: 23 e 5. Fecho.

2.º Programa (Cultural MF 2) — 943 m — As 23: Mão de Versalhes de 1968 — em gravações feitas pela Radiodifusão — Televisão Francesa: 23 e 23. Intervalo — 2.ª Canções de Schubert pelo tenor Hugues Cuénod: 23 e 36. 2.ª parte — Obras de Purcell, Britten, Vivaldi, Corelli e Stamitz: 0 e 5. Música de Piano — Sonata n.º 3 em lá maior op. 20 (Schubert) — André Krust: 11. Fecho.

RADIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s — As 19 e 10. Rádio Universidade.

RADIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 18: Ela e o seu mundo: 8 e 20. A. L. Nyfrance: 18 e 30. Lisboa à tarde: 19 e 15. Robbalo: 19 e 30. Teatro trágico: 19 e 45. Rádio-Jornal: 20. Nota de abertura: 20 e 15. Orquestras famosas: 20 e 30. Jornal das Espectáculos: 20 e 45. Vozes que são êxito: 21 e 07. Sucessos: 21 e 5. Música tradicional e pastrina religiosa: 21 e 32. Impacto: 22 e 30. Quando o telefone toca: 23 e 08. Grande rádio: 0 e 02. P. B. X.: 2.º Contacto: 3 e 02. A noite é nossa: 6 e 02. Diário rural: 7 e 03. Talismã. Modulação de frequência: 97,4 m/s — As 16. Da Philips para si: 16 e 15. Programa C. D. C.: 17 e 57. O nosso programa: 19 e 04. Em órbita: 21 e 02. Boa noite em FM: 22 e 02. Programa 6 G6 G6, 0 e 02. Alta Fidelidade Philips: 1 e 03. Banda sonora: 2.º FM 67 e Fecho.

Rádio — 5. Música coral sinfónica: 23. A Voz do Ocidente: 23 e 5. Fecho.

RADIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s — As 19 e 10. Rádio Universidade.

RADIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 18: Ela e o seu mundo: 8 e 20. A. L. Nyfrance: 18 e 30. Lisboa à tarde: 19 e 15. Robbalo: 19 e 30. Teatro trágico: 19 e 45. Rádio-Jornal: 20. Nota de abertura: 20 e 15. Orquestras famosas: 20 e 30. Jornal das Espectáculos: 20 e 45. Vozes que são êxito: 21 e 07. Sucessos: 21 e 5. Música tradicional e pastrina religiosa: 21 e 32. Impacto: 22 e 30. Quando o telefone toca: 23 e 08. Grande rádio: 0 e 02. P. B. X.: 2.º Contacto: 3 e 02. A noite é nossa: 6 e 02. Diário rural: 7 e 03. Talismã. Modulação de frequência: 97,4 m/s — As 16. Da Philips para si: 16 e 15. Programa C. D. C.: 17 e 57. O nosso programa: 19 e 04. Em órbita: 21 e 02. Boa noite em FM: 22 e 02. Programa 6 G6 G6, 0 e 02. Alta Fidelidade Philips: 1 e 03. Banda sonora: 2.º FM 67 e Fecho.

Rádio — 5. Música coral sinfónica: 23. A Voz do Ocidente: 23 e 5. Fecho.

Emissor de Miramar — 183,6 m — 1637 kc/s — As 16: Programa C. D. C.: 18. Depois do chá: 18 e 30. Ela e o seu mundo: 18 e 45. Presença Singer: 19 e 03. Miscelânea: 19 e 17. Sonata: 19 e 30. Robbalo: 19 e 45. Vozes de Ilídio: 20 e 07. Rádio Placard: 20 e 21. Norte da a dia: 21 e 02. Conjunto: 21 e 15. Só Rádio: 21 e 30. Produções Rádio Tupi: 21 e 45. Hora Luterana: 22 e 02. A orquestra dos 22 e 15. O mundo de amanhã: 22 e 40. Presença combrá: 23 e 04. Clube da Juventude.

RADIO RENASCENÇA — 234,2 m — 1286 kc/s — As 6: Radiograma: 18 e 05. Programa Sumol: 19 e 05. Música seleccionada, do S. C.: 19 e 30. Página 1: 20 e 55. Meditando: 21. Verdade e Vida: 21 e 30. Música para o seu fim-de-semana: 21 e 45. Grande Plano: 22. Quando o telefone toca: 22 e 30. Cartas a ninguém: 22 e 45. Música variada: 23. A 23.ª hora: 23. Fecho.

Estação do Porto — 266,6 m — 1169 kc/s — As 6: Radiograma: 18. Sonopar: 18 e 30. Terço da Basilica dos Múrtres, em Lisboa: 19 e 05. Música seleccionada: 19 e 30. Página um: 20 e 55. Meditando: 21. Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 m/s — Rádio Peninsular — Das 7 às 8 e das 14 e 30 às 19 e 30. Rádio Voz de Lisboa — Das 8 às 10 e das 19 e 30 às 22. Clube Radiofónico de Portugal — Das 10 às 12 e das 22 às 2. Rádio Graça — Das 12 às 14 e 30.

Posta-Restante

Nova abertura da nossa «caixa do correio». Mais respostas a leitores, às suas perguntas e reparos:

A. V. P. (Viseu) — «Pode-me explicar porque razão o programa «Nós e as mulheres» inclui rubricas de medicina, quando a R. T. P. tem o dr. Ramiro da Fonseca em «Vida sã em corpo sã»?»

Não está a ser justa. Atente bem nos temas que são focados nessas rubricas. Repare, também, que essas rubricas acabam sempre com o conselho sensato «mande chamar o médico...». E, além disso, não reparou, ainda, na razão fundamental e evidente da existência de tais rubricas?!

J. C. L. (Porto) — Não temos conhecimento de que se realizem nos estúdios do Porto quaisquer audições para novos valores da música ligeira portuguesa.

Inscriva-se directamente, por carta, no Serviço de Programas de Variedades, Alameda das Linhas de Torres, 95, Lisboa - 5. Esteja onde estiver, na sua devida altura será chamada.

A. N. C. (Lisboa) — Embora o leitor não aprecie a «Feira Literária» há outros que apreciam esta rubrica. Ao que parece, a R. T. P. tem de contar com outros telespectadores, além dos A. N. C. Não concorda conosco? Os autores, pelo menos, são desta opinião. Claríssimo!...

C. G. P. (Lisboa) — Tenha esperanças, que muito em breve (é quase certo) terá no emissor de UHF o folhetim que tanto apreciou: «David Copperfield».

L. C. S. P. (Porto) — Lenita Gentil estará, qualquer dia, no «TV Clube». Baírrista, hem? Até lhe podemos dizer que ela can-

tará, e muito bem, duas canções de êxito. Sabe quais são? «Céu de estrelas» e «Tu és quem és».

F. V. O. (Lisboa) — Ainda bem que gostou. Podemos dizer-lhe que a cenografia desse programa foi de Eduardo Lemos. Pode escrever-lhe directamente para a R. T. P. e felicitá-lo, como deseja.

M. T. P. (Santarém) — Num «play-back» não é forçoso dispensar-se a orquestra. Muitas vezes, por necessidade de realização, é necessário recorrer-se ao «play-back», todavia, anteriormente recorreu-se aos serviços dos músicos que gravaram os seus números e ganharam o seu «cachet» como se estivessem presentes no estúdio. Como vê, o «play-back», aparentemente detestado por certos artistas, não rouba «pão» ao músico português.

**J
P
I
M
E
N
T
A**

JANDARES

AMADORA PAÇO D'ARCOS
FRENTE A ESTAÇÃO DO C. P.
REBOLEIRA ESPARGAL
LINDA VISTA DO MAR

LINHAS DE SIN-
TRA E CASCAIS
ESPECIALMENTE
AMADORA, VEN-
DA NOVA E PAÇO
D'ARCOS

Apartamentos Mobilados

190 CONTOS RENDEM-LHE 1.187\$50 MENSAIS

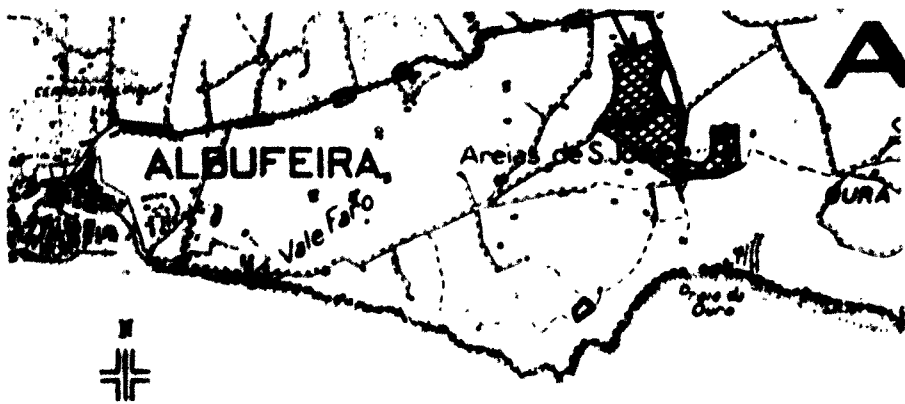
Garantido no acto de escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar.
Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente.

ARMAZENS E GARAGEM DE RECOLHA
REBOLEIRA E VENDA NOVA — VENDA OU ALUGUER

Só vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização.
Informe-se nos nossos escritórios, porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 80 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 98 36 70

SARI



ALGARVE

Na Aldeia Turística das Areias de S. João em Albufeira a 200 metros da magnífica praia da Oura

ALUGAM-SE VIVENDAS E APARTAMENTOS MOBILADOS



APARTAMENTOS

APARTAMENTOS PARA VENDA

Compre um apartamento na zona mais valorizada do País. Explore a sua conta ou arrende à Organização obtendo um rendimento de 5,5% a 6% gozando ainda gratuitamente um mês de férias por ano

Preços desde 175.000\$00

RESTAURANTE-BAR

SELF SERVICE

CAMPO DE TÊNIS

PISCINA

SAUNA



VIVENDA



PRAIA DA OURA



PISCINA



SALA-RESTAURANTE

Tratar directamente com ALGARVE DEVELOPMENTS (Portugal) — EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS, LDA. — Telefone 39 — Apartado 7 — ALBUFEIRA

E ARTUR RAMOS NO COLÓQUIO DO ABC

Na sede do ABC Cine-Clube de Lisboa (Rua Conde de Redondo, 20, 3.º, dir.) há hoje, pelas 18 e 30, o anunciado colóquio sobre o filme «Quem tem medo de Virginia Woolf». Intervém como orientadores os cineastas António de Macedo e Artur Ramos

Canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

que vivem. Mas há normas, princípios, que podem ser tomados como podendo servir útilmente ao maior número das crianças.

Certo que, ficámos a saber, os programas infantis e juvenis constituem grande preocupação da RTP. Isto significa haver na RTP departamento especializado e responsável pela programação em causa. Muitos dos mal-entendidos desaparecerão no momento em que os componentes desse departamento se dispõem a, publicamente, discutir as bases da sua actuação. Os pais com televisão em casa ficarão decerto muito satisfeitos seoubessem a quem poderiam dirigir-se.

Variedades (desculpem, não sei dizer «variedades» em alemão)

Do sector ocidental de Berlim nos veio ontem aquilo a que se chamou «a segunda parte» da grande gala do disco.

Chamem-lhe o que quiserem: segunda parte, ou primeira, ou nenhuma. Por mim, em velocidade adquirida, prefiro chamá-la «TV Clube alemão federal», «TV Clube» com alguns grandes nomes da pequena canção, que apareciam e desapareciam no esplendor mentiroso do seu meteorismo de 45 rotações.

Durante a primeira emissão desta «gala do disco» ou lá o que era, criticou-se áperamente a televisão portuguesa por não se dignar prestar-nos o menor esclarecimento. Este julgamento tem de ser rectificado. Ontem, houve esclarecimento, houve legendas, houve tudo. É claro que as legendas, tal como os esclarecimentos, também eram em alemão. Lucramos muito com a legendação alemã das nomes das canções. Tem tanta graça, tanta, tantinha, a língua germanica! Fica tão bem nos nossos televisores. Ai são tão decorativos...

Finda aqui o meu sério. Ainda vi essa miséria em episódios que dá pelo nome de «O Grande Vale», esse monumento à mais elementar falta de inteligência, de gosto, de originalidade. Será esta uma daquelas séries que «Nós» diz possuir grande audiência universal?

Vi essa miséria mas finjo que não, de-o de la-go. Crítico honrado não tem olhos. M. C.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Em MAFRA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no café e confeitaria Sabão Faria, 18-A. Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Lago, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhido, Estação da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituinte, Praça da República, Est. Ram. e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-restaurant do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

ELEIÇÕES NO BENFICA

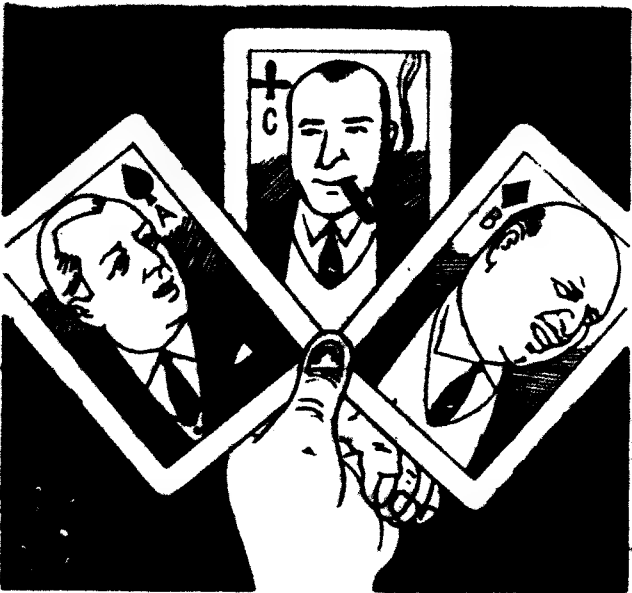
HOJE, DAS 15 ÀS 22 HORAS

A partir das quinze horas de hoje o Benfica passou a escolher — com os seus sócios a exercerem o legal direito de voto — a direcção que, durante dois anos, irá guiar os destinos do clube.

Três listas se apresentam a sufrágio, todas encabeçadas por nomes respeitáveis e prestigiosos de dirigentes, acompanhados por outros homens que a selectividade, na grande maioria, conhece bem e admira. Dr. Borges Duarte, Fernando Martins e Romão Martins, são os candidatos em causa.

Depende, agora, dos sócios a sua eleição ou o seu afastamento.

O Benfica, com todas as suas responsabilidades de grande clube, passará, através dos associados, todos os prós e contras. Depois, decidirá.



Cartas na mesa: qual das (casas) será o de «drunfo»?

«Nacional» de basquetebol

Sporting e Desp. L. Marques — primeiros vencedores

Foi um êxito, a primeira jornada da fase final do campeonato nacional de basquetebol, que se realizou no Pavilhão da Ajuda, perante um público numeroso e entusiasmado.

O primeiro jogo da noite pôs frente a frente os campeões de Moçambique e Angola, jogo esse que não teve história dada a supremacia dos moçambicanos em toda a partida. Sinceramente o desequilíbrio verificou-se entre a equipa angolana e as demais equipas participantes, pelo que nos foi dado observar, é muito acentuado.

Árbitros — A. C. Silva e Orlando Rebelo.

Ao intervalo: 39-23.

DESPORTIVO L. MARQUES (71) — Lopes (6), Ruana (14), Pedro Carvalho (11), Lima (5), Alencar (7), Morgado (2), Vicente (17), Cruz (2), Alves (4) e Aurélio (3).

SPORTING LUANDA (39) — Carvalho (6), Barbosa (4), Guimarães (2), José Maria (2), Cardona, Macedo (4), Santos (2), José Santos (15), Barros (2) e Guerreiro (2).

Belo jogo, o que se disputou entre o Sporting e a Académica, iniciando a de-

fender homem-a-homem os «leões» começaram por adquirir ligeira vantagem, para depois os estudantes equilibrarem a partida. Assim, o marcador passou de 2-0 favorável aos «leões» para 4-0, 4-2, 4-4, 7-7, 9-9 e 11-11, até ao quarto de hora, altura em que o Sporting se adiantou ligeiramente, acabando a primeira parte a vencer por 33-29. No resto do tempo, a dúvida quanto ao desfecho da partida persistiu até final: se bem que quase com o Sporting sempre no comando, apesar de não estar a efectuar um bom jogo. Até que aos 10 minutos a Académica que vinha sendo a equipa mais certeira, conseguiu adiantar-se no marcador, com realce para Baganha e Guy, dois elementos que tiveram grande influência, na reviravolta, passando a vencerem por 56-50, 56-51 e entraram nos 5 minutos finais a vencerem por 57-51. O Sporting sentindo o perigo nessa altura reagiu, e conseguiu passar para 57-56. A arbitragem lisboeta (não se percebe porque capitaram árbitros de Lisboa) que até então tinha

tido bastantes irregularidades que prejudicaram ambas.

(Continua na página seguinte)

ATLETISMO

SANCIONADO O REGULAMENTO GERAL COMPETIÇÕES E SUA ORGANIZAÇÃO

O subsecretário de Estado da Juventude e Desportos, dr. Etmano da Cruz Alves, sancionou as alterações ao Regulamento Geral «Competições e sua Organização», aprovadas no último Congresso Extraordinário da Federação Portuguesa de Atletismo.

tido bastantes irregularidades que prejudicaram ambas.

(Continua na página seguinte)

COMPREENSÃO PARA UM «RÉU»

Jacinto, futebolista e pai

Está concluído o inquérito instaurado pela direcção do Benfica ao jogador Jacinto que depois da «falsa partida» da equipa para o Brasil se afastou dos companheiros, não comparecendo, vinte e quatro horas depois, no aeroporto. E o Benfica seguiu sem o Jacinto, prevendo-se para este, severo castigo. Ao que parece, no entanto, as razões muito respeitáveis apresentadas pelo jogador (que é homem e é pai) serão tidas em devida conta.

Ontem, ao fim da tarde, Jacinto contactava aos seus companheiros da selecção:

«Autorizado pelo sr. Otto, tinha ido levar a família ao Porto. Quando lá cheguei a minha filha adoeceu, com certa gravidade. Fiquei preocupadíssimo e assim continuei quando voltei para Lisboa a fim de entrar no estágio. Fomos para o aeroporto para seguir para o Brasil, mas houve aquela coisa da partida adiada. E como andava nervoso, cheio de preocupações, quando dei por mim já a caminho do Porto...»

Jacinto disse-nos depois: «Confio na compreensão dos dirigentes do Benfica. Reconheço que não agi imediatamente, pois podia ter tratado do



Nenê, de Académica, voltou a ser figura destacada no treino das selecções nacionais. Aqui o vemos a conduzir um ataque da equipa de «Esperanças».

ENSAIO PARA DUAS SELECÇÕES

A DÚVIDA CHAMA-SE TORRES

EXCESSO DE FUTEBOL DE «MEIO-CAMPO» E POUCO FUTEBOL DE ATAQUE

Ao fim da tarde (mas ainda com um sol quente, quente de anúncio de Verão) houve ensaio para as duas selecções nacionais de futebol que vão estar em acção na próxima quarta-feira: a equipa principal, que defrontará os suíços em Alvalade, e a de «esperanças» (jogadores com menos de 23 anos) que em Corentry (Inglaterra) terá de bater-se com as «esperanças» inglesas.

Pode dizer-se que teve aspectos agradáveis este ensaio de treino, no Estádio Nacional. Houve bons lances de futebol de uma e outra equipa; jogadores em evidência, num e noutro lado; desequilíbrio, quase sempre, entre as duas selecções que começaram por formar assim:

SELECÇÃO A — Damas; Conceição, Humberto, José Carlos e Hilário; Rolando, José Maria e Peres; Eusébio, Figueiredo e Jacinto João.

«ESPERANÇAS» — Fonseca; Barros, Caló, Murça e Murças; Mário Campos, Pavão, Vítor Baptista e Nenê; Camolas e Nelson.

Foi assim numa primeira parte em que a selecção principal marcou três golos, por Rolando, Figueiredo e Eusébio.

A nota saliente foi, todavia, o excesso de futebol de meio-campo e a penúria de lances de ataques. Isto aconteceu principalmente em relação à selecção de «esperanças», que se apresentou com quatro jogadores (que rolos jogadores, sem dúvida, numa linha intermediária, deixando muito a sós na frente Camolas e Nelson. Poderá traçar-se de um plano que tem em conta a capacidade do futebol inglês, pretendendo-se «amarrar» o jogo a

meio-campo. E é possível que dê bom resultado pelo que se aceita com naturalidade essa ideia, para tal equipa e para tal jogo.

Simplemente, parece estar a enraizar-se em todas as nossas equipas a tendência para esse futebol de muita gente junta, em joguinhos de pontos sem no Bonitas jogadas, agradáveis triangulações, começam e acabam aí, a meio-campo, sem o raio respectivo, o golpe subido a caminho da baliza. É verdade que há falta de bons avançados, mas mesmo quando eles lá estão... também recuam para o meio-campo. Onde, durante muito tempo, ficam agradavelmente entretidos a passar a bola uns para os outros.

Até na selecção principal, viu-se que Jacinto João também esteve muito preocupado com o meio-campo, e raramente foi o extremo que pode e sabe ser.

Na segunda parte do treino (menor significativamente) houve alterações. Nas «esperanças», Rodrigues, o de Guimarães ocupou a baliza (que não tardou a ceder a Vítor Cabral) passando a defesa a jogar com Murças, Caló, Adriano e Murça, o meio-campo com Toni, Pavão e Nenê, passando o ataque a ser de três: Diamantino, Nelson e Chico.

A selecção A passou a apresentar: Armando; Pedro Gomes, Pinto, Joaquim Jorge e Carrico; Jacinto, Calado e Peres; Simões, Figueiredo e Jacinto João.

Em relação ao ataque da equipa que defrontará a Suíça, o problema chama-se Torres, lesionou-se no Brasil, não se treinou ontem e não se sabe quando o poderá fazer. Outro ausente foi Manuel António, devido às suas obrigações militares. Parece que não haverá problemas com os extremos: Simões e Jacinto João são duas «gamas» capazes de abrir qualquer defesa. Isto se o angolano do Vitória não for desviado dessa posição para reforçar mais... o meio-campo. Esperemos que não aconteça.

M. Z.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilizam os comboios eléctricos.



«Quando dei por mim já a caminho do Porto...»

assunto de outra forma. Mas há momentos em que não é fácil ser sensato.»

O Jacinto-futebolista está conflagrado num «castigo leve». E o Jacinto-pai voltou a sorrir: A miúda felizmente, já está melhor.

Conta Juventude

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

1.º GRANDE PRÉMIO RIOPELE

O SPORTING DOMINA — OS OUTROS ACEITAM...

O bom e ninguém do óptimo. Ontem, o Sporting demonstrou isso mesmo. Conseguiu o bom na véspera — a vitória no Estádio das Antas e a camisola amarela para Emiliano Dionísio, mas a partir daí ficou-se na defesa legítima, dos seus interesses e esqueceu o óptimo: de aproveitar esta corrida em terrenos sempre planos para habituar os seus homens a um ritmo mais consistente com as suas reais possibilidades, e até com as exigências que certamente para alguma coisa, vão ser feitas, na próxima Volta a Espanha. Porque, em boa verdade, quer os 130 quilómetros do Porto até Coimbra percorridos durante a manhã como os 110 que ligam a cidade do Mondego a Aveiro foram vencidos mas em jeito de cicloturismo do que verdadeiramente com o

ar de competição velocipedica.

É claro que o Sporting pela voz dos seus responsáveis poderá argumentar que a equipa apenas cabe defender a posição conquistada e que um ritmo de ataque irá provocar o maior desgaste entre os seus estradistas e poderá até dar azo a despiques internos sempre desaconselháveis.

E poderemos, em princípio aceitar como válida essa presumível tese dos «cozinhos». Mas e os outros? Sim os outros, aqueles conjuntos que como o Benfica e o F. C. do Porto se têm votado ao mais completo conformismo ante a hegemonia evidenciada pela equipa verde-branca?

Com efeito nas duas tiradas de ontem, quer os benfiquistas como portistas apenas se limitaram a seguir uma rodada dos quatro, cinco e por vezes seis corredores sportingistas que normalmente pedalavam na «cabecinha» do pelotão. Nenhuma iniciativa, nenhuma rebeldia, antes uma crença profunda de impossibilidade, completamente inadmissível no desporto em geral e no ciclismo em particular.

E gloriosamente os «cozinhos» que se têm observado na caravana devem-se, na generalidade, aos amadores da Coelima, o que levou um nosso camarada a observar muito judiciosamente, em Aveiro,

perspectivas que se deparam aos mais cotados no plano internacional, mas reprováveis no que esse comportamento encerra de desperdício de oportunidades para um autêntico aquirilar de possibilidades de resistência a aturados esforços.

O que convenhamos ao muito dificilmente os corredores do Sporting, no momento actual serão coagidos ao sacrifício. E pode dar-se o caso de que essa falta de hábito no sofrimento lhes venha a ser funesta nos despiques com outros estradistas mais experimentados.

Reportando-nos às duas etapas de ontem não será difícil ao leitor, depois do que deixamos atrás, aperceber-se da forma como as mesmas decorreram: domínio total do Sporting sem réplica adequada. Tiradas, portanto, sem uma verdadeira história. Esperemos que hoje tudo seja diferente. Será melhor, cremos, para todos...

De salientar na etapa da tarde de ontem a desistência do benfiquista Américo Silva. Numa competição que tem decorrido sob o signo da monotonia, que se passa com o vencedor da última Volta a Portugal?

Também no Sangalhos se verificou na mesma tirada a desistência do corredor Luís Santos.

A partida para Guimarães as classificações eram as seguintes:

- 1.º E. Dionísio, Sp. 6 38 26
- 2.º L. Miranda, Sp. m. t.
- 3.º J. Agostinho, Sp. m. t.
- 4.º João Roque, Sp. m. t.
- 5.º Vítor Rocha, Sp. m. t.
- 6.º F. Bernard, Sp. m. t.
- 7.º S. Pácos, Sp. m. t.
- 8.º M. Correia, Sp. m. t.
- 9.º José Vieira, Sp. m. t.
- 10.º Vítor Ten., Sp. m. t.
- 11.º N. Timóteo, Sp. m. t.
- 12.º F. Mendes, Bf. 6 38 41
- 13.º Pedro Mor., Bf. m. t.
- 14.º Fern. Vieira, Bf. m. t.
- 15.º João Pinhal, Bf. m. t.
- 16.º Aug. Fortes, Bf. m. t.
- 17.º P. Rodrigues, Bf. m. t.
- 18.º V. Cardoso, Bf. m. t.
- 19.º A. Cardoso, Bf. m. t.
- 20.º H. Niel, Porto... 6 38 45
- 21.º J. Leão, Porto... m. t.
- 22.º C. Oliveira, P. m. t.
- 23.º J. Azevedo, P. m. t.
- 24.º M. Silva, Porto m. t.
- 25.º J. Leite, Porto m. t.
- 26.º Sousa, Porto 6 38 52
- 27.º J. Andrade, Sg. 6 38 55
- 28.º C. Oliveira, Sg. m. t.
- 29.º J. Fonseca, Sg. m. t.
- 30.º H. Oliveira, Sg. 6 39 59

Seguem-se mais 38 corredores.

Por equipas

- | | H. M. S. |
|-----------------|----------|
| 1.º Sporting | 19 35 18 |
| 2.º Benfica | 19 36 08 |
| 3.º F. C. Porto | 19 36 15 |
| 4.º Sangalhos | 19 36 45 |
| 5.º Távira | 19 37 18 |
| 6.º Ambar | 19 37 48 |
| 7.º Coelima | 19 38 08 |

— Isto não é uma corrida de profissionais que admite amadores; é antes uma competição de amadores que envolve profissionais.

E' que apesar das facilidades do traçado em que pare-

ce ter havido a preocupação de fugir aos terrenos acidentados — Jorge Lara afirmou ainda no Porto que, em sua opinião, os ciclistas portugueses precisavam era de rolar, pois nunca haviam ficado para trás na montanha, isto em relação à Volta a Espanha — os participantes chegaram a Aveiro com assinalável atraso sobre a hora prevista, não cumprindo a média exigida de 38 km horários, em estradas, que alguns troços mais pareciam pistas.

Volando ainda aos homens do Sporting, inegavelmente que estes têm comandado a corrida a seu bel-prazer. Primeiro por equipas, individualmente e até na classificação das metas volantes, os sportingistas limitaram a sua acção a impor o ritmo mais conveniente. Nada de aventuras nem de audácia. Economia de esforço? Acreditável, de considerarmos as

- ZONA SUL**
- Montijo-«Os Leões»
 - Lusitano-Oriental
 - Almada-Torriense
 - Barcelonense-Sesimbra
 - Alhandra-Luso
 - Peniche-Seixal
 - Portimonense-Sintrense

VOLEIBOL

O TÉCNICO RENOVOU O TÍTULO REGIONAL

A contar para o campeonato regional de voleibol, em seniores, o Técnico venceu o Nacional de Ginástica por 3-0 (15-4, 15-13 e 15-10), completando-se assim a 1.ª jornada da 3.ª volta.

Sob a direcção de Oliveira Dias e Alfredo Silva, as equipas alinharam:

TÉCNICO — Carlos Canas, Costa Reis, Raul Carregoso, António Correia, Luís Briz e Cunha Pereira.

NACIONAL — José Custódio, Vilar Moreira, José P. M. P. P., Manuel Andrade, João Silveira, Manuel Pires e António Resende.

A ausência de alguns titu-

lares fez com que as duas equipas actuassem abaixo das suas possibilidades, sendo no entanto justo o triunfo da equipa do Técnico pelo seu maior entusiasmo e aplicação na defesa.

Apenas no 2.º seta a equipa da Costa do Sol conseguiu equilibrar o encontro depois de uma recuperação notável mas insuficiente para levar de vencida os engenheiros.

Com esta vitória e faltando ainda disputar dois encontros, o Técnico é desde já virtual campeão regional.

Para o campeonato de reservas, o Técnico venceu também o Nacional por 3-0 (15-6, 15-9 e 15-3).

NOTAS A MARGEM

ORA, BOTAS!

A direcção do Sport Lisboa e Benfica, com a vista um dos clubes desportivos mais famosos em todo o mundo, declarou guerra (neste caso) à Federação do Futebol. Sabe-se porquê: toda aquela malandragem histórica do jogo Sangalhos-Benfica. E também se sabe que, inconformados com os padrões de justiça federativos, os dirigentes da colectividade «concordada» tomaram as seguintes decisões, como república: negar a selecção nacional e seu estádio para o jogo Portugal-Suiza, bem como negar ao seu treinador e managers autorização para colaborar com qualquer das diversas equipas nacionais de futebol. O Benfica, aliás, a direcção do Benfica, está no seu direito? Pois está. Mas também não, se que efectivamente gostamos de desporto e frequentemente o analisamos, e grande clube, estamos, no direito de considerar todas estas representações como desprezíveis. E nada de harmonia com a tal grandeza (inegável) do clube.

Mas a coisa ainda fica mais fina. O Benfica, isto é, a direcção do Benfica, não pôde (ah, se pudessem...) negar às selecções os seus futebolistas. Mas recusam-lhes as botas!

É verdade: os jogadores benfiquistas que vão desfrutar a Suíça e um ou outro que possa vir a jogar pela equipa de «concordada» em Inglaterra não poderão utilizar as botas a que estão habituados. E sabe-se, como não é importante para um jogador de futebol. Aliás, idêntica medida foi tomada em relação aos juniores, e os do Benfica que jogaram em Itália tiveram a mesma proibição.

Francamente nos parece que, mesmo não se tratando de botas mas sim de altitudes, há coisas no desporto português que já não têm conserto. O que não nos impedirá de um desabafo desaprova-

P. L. M. nos quatro jogos mais importantes da 2.ª Divisão

Produções Lança Moura apresentam amanhã, com a habitual colaboração do «Diário de Lisboa», os relatos directos e integraes dos seguintes encontros:

Almada-Torriense — através do emissor de Lisboa de Rádio Clube Português.

Barcelonense-Sesimbra — pelos Emissores Associados de Lisboa.

Penafiel-Boavista — no horário dos Emissores do Norte reunidos.

Famalicão-Gouveia — pelo emissor do Porto de Rádio Clube Português.

Desta forma, P. L. M. estará presente nos quatro mais importantes encontros do Campeonato Nacional da Segunda Divisão, agora em fase decisiva, pois em qualquer desses encontros se joga o primeiro lugar das respectivas séries e, portanto, o ingresso na Divisão principal.

Como habitualmente, durante estes relatos, P. L. M. estará em permanente contacto com a redacção do nosso jornal, de onde serão fornecidas frequentes e completas informações de toda a actividade desportiva do dia, tanto do País como do estrangeiro, resultados em cima da hora dos jogos que se efectuam nos outros campos e, ainda, a chave do Totobola.

No intervalo, será irradiada

da mais uma edição da rubrica «O Caso da Semana», amanhã a cargo do comentador desportivo Vítor Ferreira de Melo.

BASQUETEBOL

(Continuação da pág. anterior)

as equipas, teve neste período final deslizes, que prejudicaram altamente a Académica, e assim, quando faltavam apenas 30 segundos para o jogo terminar e as equipas se encontravam igualadas 62-62, os árbitros deixaram passar em claro uma falta flagrante de Sobrinho sobre Baganha, quando este driblava isolado, para o cesto. Esse momento, foi culminante, para o desenrolar do jogo, pois os «leões» aproveitaram-se do facto, rapidamente fizeram o contra-ataque, e marcaram os dois pontos da vitória.

No final geraram-se várias manifestações, por parte dos estudantes, contra a nomeação de árbitros de Lisboa para este jogo, quando a dupla de arbitragem deveria ser neutra.

Árbitros: Angelo S. Agado e A. Cardoso.

SPORTING (64) — José Mário (8), Encarnação (8), Sobrinho (19), J. Valente (11), Sousa (4), Augusto (4), Monteiro (8) e Guimarães (2).

ACADEMICA (62) — Reis Pires (10), Baganha (16), Guy (24), Gomes (2), Hilário (10) e Sequeira.

A segunda jornada realizou-se hoje com os seguintes resultados: Sporting-Lusitano (64 e 59), Penafiel-Lusitano (52 e 59), — T. L.



Leonel Miranda, do Sporting, ganha em Aveiro

Nacional da II Divisão

Faltam dois domingos e está tudo por decidir...

A duas jornadas do seu termo, o Campeonato Nacional da II Divisão nas suas questões essenciais (as que sobem e as que descem) ainda só tem uma resolução: a do Sporting da Covilhã, que nem nada, nem ninguém, pode evitar que baixe à III Divisão.

Quanto ao resto, subsistem fortes dúvidas, havendo, até, a ideia (muito de aceitar) que o caso dos dois «ceitos» — os que subirão à I Divisão — só fique resolvido na ronda número vinte e seis...

Quanto aos últimos é que o caso está, francamente, elucidado.

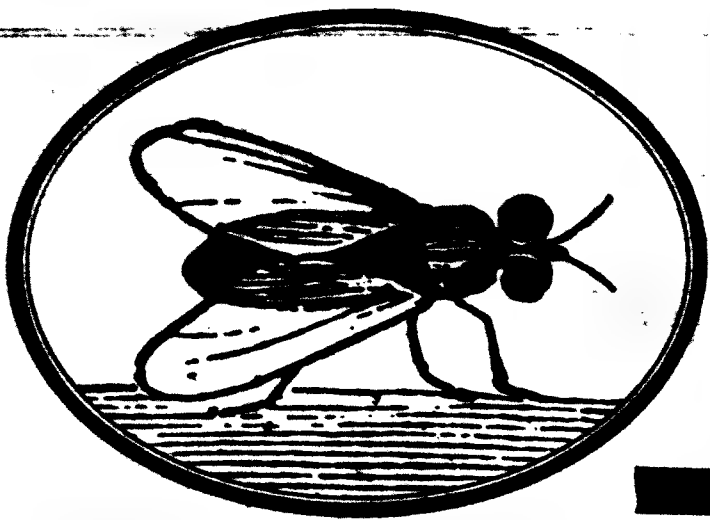
Há muitas cidades em situação delicada: Vale-cambrense, Almada, Oriental, Sp. Espinho, Alhandra e Sintrense, estão no tremendo declive que os pode fazer escorregar em definitivo.

Anotemos os encontros de amanhã:

- ZONA NORTE**
- Penafiel-Boavista
 - Salgueiros-Torres Novas
 - Beira-Mar-Tramagal
 - Famalicão-Desp. Gouveia
 - A. Viseu-Vale-cambrense
 - Sp. Covilhã-Tirrense
 - Sp. Espinho-Leça

Para lencois

coelima



Ola, moscas
de
todas as partes!

A M O S C A

ERA numa esquina escura e ele segurava o jornal desportivo da véspera, dobrado como se fosse um tabuleiro. Duas cartas tapadas, muitos olhos fixos neles e uma voz a dizer forte, do meio do grupo: «Ponha lá duzentos a ver o que dá agora». Jogou e perdeu, aquela voz forte com coragem de 200 escudos numa esquina do bairro velho da cidade.

Ele é alto, anguloso, usa óculos escuros graduados, vai aos bailes do clube do sítio, cuja principal actividade desportiva é o boxe. «Chamam-me Fernando, mas as pequenas são mais meiguinhas: Fernandinho».

Das dez da noite às três da manhã percorre as ruas mais estreitas e escuras e escusas do velho bairro, sem jamais se afastar do seu centro, que conhece desde que, criança ainda, fugia aos polícias, por andar ali a jogar à bola.

«Fugi sempre e por causa do jogo. Dantes a bola. Agora as cartas. É giro fugir à Polícia. Também é jogo. E jogar é das coisas mais porreiras que um homem pode fazer, além de ter uma mulher e tomar uns copos.»



o Casino na rua

reportagem de
Joaquim Letria

Encosta-se em cada esquina e o corpo fica-lhe inclinado para fora, para a berma do passeio, ombros e um pé a fazerem força na parede. Estende a mão esquerda com o jornal dobrado como os sacristães nos adros. Desafia as pessoas molemente, com voz delicada, sem despertar fúrias.

«Então não sabe a parada? Isto aqui é para homens...», e sorri. É um sorriso de vendedor amável e um sorriso de gozador consciente. Ri-se para se insinuar, para levar a água ao seu moinho (apostas mais elevadas); ri-se dos «pates» que lhe aparecem para «depenar»; ri-se esquecido pelo gozo de desafiar a Polícia, jogando a três prédios de distância de um agente, sem se verem pela esquina.

«Não tenham medo, meus senhores. O de hoje conheço eu. É bom tipo, não há azar. Quem faz o seu jogo?»

«Claro que trabalho. Sou soldador. Estive dois anos em África na guerra e arranjei trabalho numa boa casa. Mas eram uns chatos

e acabei por desistir. Não é difícil arranjar-se trabalho com a minha profissão. Não, não faço isto só para ganhar dinheiro. Faço, principalmente, porque gosto. É giro, um tipo andar aqui de cartas na mão. E depois sempre dá qualquer coisa. Perdi muito dinheiro antes. Era como eles: via um tipo com cartas e alinhava. Quando da-

va por mim estava de penado. Fiquei teso muitas vezes antes de começar a jogar. Sempre me deu a mania de ser banca. Arrisca-se mais se dá para o torto. Mas safa-se mais se as coisas vão bem. Sempre tive a mania das grandezas...

«Oh, vizinho! Não digas isso que a gente ainda se chateia. Aqui

é jogo limpo, toda a gente sabe. As cartas é que mandam. Tão a ver este? Joga, perde e depois a gente é que o atura... Quem não pode não se mete em cavalarias altas... Fazam o seu jogo, então não há aí ninguém com eles para isto ir mais alto? Olhem que é a terceira vez que perco!

(Continua na página seguinte)

O CASINO NA RUA

(Continuação da pág. anterior)

e o cavalheiro, agora, joga ou fica de fora?»

«Não, amigo. Ponha lá que nunca faço bofote. O Fernando nunca faz bofote. As cartas é que mandam... Claro que nem sempre volto para casa com a massa que trouxe. Mas há sempre um dia a seguir. Saio de casa para aí com uns quinhentos paus. Se dá para o torto, acabou-se. Depois

ainda dou por aí umas voltas a tomar uns copos ou vou dançar no «Gingão» com umas pequenas amigas. São umas companheiras, essas pequenas. E um tipo sempre precisa de massa. A rua é dos homens...»

É um jogo simples, sobre um jornal normalmente desportivo que serve de pano verde. As pessoas rodeiam o «croupier»-banca ambulante e fazem o seu

jogo do lado contrário ao candeeiro que ilumina uma esquina mais sombria e escusa. Normalmente podem ouvir-se viras e música do Norte que soem de uma taberna de um minhoto que põe a vitrola bem alta até à meia-noite.

É um jogo simples que exige poucas cartas. Nem pensar num baralho. As pessoas passam, param, espreitam, arriscam, perdem e põem-se na alheta. Atrás delas fica uma voz trocista mas delicada — sempre delicada — de um homem que se chama Fernando e usa óculos escuros graduados. «Façam o seu jogo»...

«Umaz vezes é o sete-e-meio, mas nunca nada mais demorado. O ideal é isto: duas cartas. Vira-se uma, vira-se outra e já está. Vê-se o que elas dão...»

E pelas esquinas escuras, escusas do bairro velho da cidade. Ou junto ao velho elevador onde a inclinação da calçada deixa embalar a fuga na descida.

«Senhores, façam o seu jogo». Convide de alguns, para outros, nas esquinas nocturnas da cidade.

A MOSCA

MAGAZINE SEMANAL DO

Diário de Lisboa

O CASINO NA RUA • LISBOA, RENDEZ-VOUS DE ESPIONAGEM • UM ENGANO • POLANSKI INQUIETO • QUE SE PASSA CONTIGO, NATHALIE? • OS SIMULADORES • PRONTO-A-VESTIR CANTAR A MORTE • NÃO VALE • JOAN BAEZ OS ASTROS • PORQUE SER PRESIDENTE? • ANGUILLA EM CINCO PONTOS • E ETC., ETC., ETC.

COLABORAÇÃO DE JOAQUIM LETRIA, PEDRO ALVIM, OLIVEIRA PINTO, MARIA AURORA, JOÃO PAULO GUERRA, SAM, CID DOS SANTOS, JOÃO RIBEIRO, SALVADOR RIBEIRO, LOBO PIMENTEL, JOSÉ TAVARES, VAREJEIRA, ETC., ETC., ETC., ETC.

O FOTÓGRAFO ESTAVA LÁ...



Quando este lobo siberiano da pequena cilindrada começou o primeiro touriste que avançasse



a Varejeira

«Uma varejeira não pede licença: abusa — Dom Fues, — carta dos Nazarenos» I-XIV

CADA animal colectivo tem a sua varejeira própria e cada varejeira — já se sabe — tem a cor local dos restos do colectivo. Isto é indiscutível e não se desportina porque é que se culpa a varejeira pelo simples facto de existir, quando a culpa está no resto, ou seja, no animal que a alimenta fingindo que não tem nada com isso.

Que se saiba só os chineses continentais se lembraram de pensar neste problema e a prova é que puseram setecentos milhões de cidadãos a acabar com as moscas, o que, diga-se de passagem, não foi totalmente conseguido. Como resultados dessa depuração, milhares desses insectos expatriaram-se para Taipé ou para as Novas Índias Ocidentais, aburguesando-se a tal ponto que cresceram, engordaram e tomaram a forma de varejeiras. É esta uma fatalidade das sociedades de consumo que muito preocupa os sociólogos: o aburguesamento da mosca em varejeira.

O FACTO é compreensível e está ligado directamente à produção industrial. Quanto mais moscas, mais lucros para a indústria de insecticidas. Quanto mais abundância, mais restos e mais chagas onde a varejeira possa debicar. Portanto, a culpa é do resto, nunca da varejeira. Pelo contrário, esta é um valiosíssimo radar animal para se detectar o podre mais distraído. «Segue a varejeira e descobrirás a maroa do homem» escreveu, segundo informações fidedignas, Contúcio-o-Alquimista. E por esses séculos fora a verdade mantém-se.

BZZZZZZ... Varejeira. BZZZZZZ... Moscalhona odiosa, esverdeada, que marra contra os vidros das janelas. BZZZZZZ... Insecto repugnante que vive da palavra humana (qualquer mot de Cambonne, avantajado ou raquítico, já duro e ressequido ou ainda macio e fumegante lhe serve de almoço e de jantar) BZZZZZZ... Companheira Nel do homem — tão Nel como o cão que o morde, o gato que o arranha, o mosquito que o não deixa dormir ou o bacilo que o põe a dormir definitivamente. BZZZZZZZZ... Varejeira que acusam de feita de escrupulos, Boeing 707 dos insectos, armazém alado de veneno. BZZZZZZZ...

Dizia, ou diz-se que se dizia (o que no país das moscas vem a dar ao mesmo) — Brito Camacho que as moscas é que mudavam, mas que o resto permanecia... Passados anos desde que Brito Camacho comentou a vida, pela última vez, é ilícito admitir que o contrário também corresponda à verdade, isto é, que se possa afirmar serem as moscas sempre as mesmas embora o resto mude de quando em quando.

A questão tem pouco interesse — cada um que escolha as moscas e os restos.

Já segundo os seus princípios da divisão do trabalho, uns produzem e outros consomem, a varejeira que hoje se apresenta nestas colunas vai dedicar-se exclusivamente ao consumo dos restos alheios. Isto porque a varejeira é, por natureza, um animal de consumo e não de produção.

A VAREJEIRA vai aparecer regularmente nas colunas deste jornal para contar o que viu e ouviu no decorrer dos seus voos. A secção da varejeira podia intitular-se, portanto, «Notas da varejeira», «Diário da varejeira», «Confissões da varejeira», «Ao ouvido da varejeira», «Onde a varejeira poisa», «Em casa de Mariquinhas» e um sem-número de outras coisas que lhe dariam um certo tom. Acontece, porém, que a varejeira não tem propriamente um tom que mereça ser escrito em itálico.

Para a semana, por exemplo, a varejeira vai a Portugal-o-Velho assistir às cortes da mul lei vil de Sentados-Estamos-Vendo-Passar-o-Tempo-lá-Fora a fim de fazer o relato das sessões em que falaram os distintíssimos cavaleiros e oradores D. Tancredo Palo Parvus e D. Fues Roupinha de Nilon. O tom da varejeira terá, portanto, de ser castanho-escuro, ressequido, queimado pelo tempo, coberto de assinaturas de moscas do passado e, sobretudo, côncavo, porque o tom em que se deve falar do passado tem de ser côncavo. Quanto mais côncavo, melhor.

Isto é um facto — o resto é palavreado.

E está apresentada a varejeira.

Aí para a semana.

BZZZZZZZZZZ...

RENDZ-VOUS DE ESPIONAGEM

Numa guerra, as capitais dos países neutros são o entroncamento das grandes linhas da espionagem. Mas em Julho de 1940 a operação mais espectacular dos serviços secretos de Hitler tinha como alvo um palacete de Lisboa onde se hospedava o Duque de Windsor.

R EINHARDT HEYDRICH, chefe dos Serviços de Segurança do Reich, teve nos últimos anos de guerra um poderoso concorrente na hierarquia das eminências pardas do regime. Chamava-se Walter Schellenberg e era licenciado em Direito, depois de haver vagamente cursado Medicina na Universidade de Bonn. Himmler, o todo-poderoso mestre da Gestapo reparou nele quando ainda mal começava a trabalhar nas repartições da SS. «Temos ali um jovem audacioso e peripicaz», escreveu o tenebroso político ao Oberführer Müller, da Gestapo. E em 1939 Schellenberg, com 29 anos apenas, ocupava o temido e onnipotente cargo de chefe da Contra-Espionagem nazi. Canaris, Sorge, Vlettinghoff e muitos outros campeões do xadrez da alta espionagem, cruzaram-se nas malhas complicadas da sua organização e foi ele quem, por ordem de Ribbentrop, preparou a célebre «Operação Duas Capelas», destinada a raptar o Duque de Windsor.

O PRÍNCIPE PRISIONEIRO

«Ribbentrop recebeu-me de pé, atrás da secretária, braços cruzados, ar grave», — conta Schellenberg nas suas memórias. «Explicou-me que o Duque de Windsor era

um dos ingleses mais esclarecidos que ele conhecia, espírito aberto às questões sociais e de ideias muitíssimo sãs. Isso principalmente desagradava ao Governo do seu país, que procurava neutralizar...»

A interpretação de Ribbentrop, como ministro dos Negócios Estrangeiros tinha a autoridade dum decreto. Schellenberg não desconhecia o drama do Duque de Windsor, que onze meses depois de ter subido ao trono abdicava em favor de seu irmão, Jorge VI, para casar com uma senhora americana, Mrs Wallis Warfield Simpson, hoje duquesa de Windsor. A resignação causara escândalo mundial, provocando uma profunda crise na corte do Império Britânico, e realmente, Walter Schellenberg tinha um conhecimento — não apenas histórico — desse facto. Nalgumas visitas que o irmão do rei da Inglaterra fez à Alemanha, antes do começo das hostilidades, Hitler dispensou-lhe as honrarias mais cordiais e, mesmo nos dias mais acesos da guerra, o Duque de Windsor foi sempre considerado como uma carta de lealdade a utilizar numa grande jogada.

Pois bem, era o momento. Hitler e Ribbentrop sabiam que o Duque era vítima da mais estreita vigilância dos serviços secretos britânicos



e que esse assédio o incomodava profundamente. Sabiam que o cargo de governador das Bermudas, para que o irmão o acabava de nomear, era considerado pelo ex-rei como um exílio forçado, e sabiam que era a altura decisiva de lhe prestar o serviço de uma libertação. Desde 1936 — segundo declarações de Ribbentrop — que Hitler pensava acolher o duque à esfera de protecção alemã. Agora ele estava em Lisboa e preparava-se para partir Tejo

e que esse assédio o incomodava profundamente. Sabiam que o cargo de governador das Bermudas, para que o irmão o acabava de nomear, era considerado pelo ex-rei como um exílio forçado, e sabiam que era a altura decisiva de lhe prestar o serviço de uma libertação. Desde 1936 — segundo declarações de Ribbentrop — que Hitler pensava acolher o duque à esfera de protecção alemã. Agora ele estava em Lisboa e preparava-se para partir Tejo

PEDRAS E FLORES

Schellenberg partiu para Madrid, via Marselha-Barcelona, e na capital espanhola mandou comprar um carro americano que fizera seguir para ali juntamente com um outro, mais rápido, dos Serviços Secretos. Depois foi a vez de ele próprio atravessar

a fronteira acompanhado de dois guarda-costas.

Os relatórios da contra-espionagem descrevem minuciosamente os seus passos. Visitou logo à chegada um amigo japonês, com quem actuara anteriormente em Dakar, o qual lhe prometeu obter informações precisas acerca da residência do Duque de Windsor, numero de entradas de casa, criadagem, medidas de segurança utilizadas, etc. Gastou nesse encontro o

resto da tarde. Seguidamente deu uma volta a pé pela capital onde, de resto, já tinha estado uma vez «A noite» — escreveria ele mais tarde no seu livro de memórias — «dei um passeio pela cidade e subi à colina onde estava instalada a Embaixada da Alemanha, e de cujas janelas se desfrutava uma vista maravilhosa sobre o porto e o estuário do Tejo...»

Cinco dias depois, o

(Continua na 14.ª página)



UM ENGANO

Conto de MIKHAIL ZOCHTCHENKO

QUE DIA é hoje? Parece que é quarta-feira. É quarta-feira, claro. E a coisa aconteceu na segunda. Na segunda-feira a nossa malta esbarrigou-se toda a rir. Foi uma coisa diabólicamente gira. Quero eu dizer: o engano.

O problema é que a malta da fábrica está toda alfabetizada. Acordem qualquer homem a meio da noite, se quiserem, e obriguem-no a escrever o nome — escreve mesmo, ora essa.

Porque a nossa «troika»? o nosso Comité Anti-Analfabetização, aquilo era gente terrível. Acabou com o analfabetismo em três meses. Os cabeças de abóbora, claro, ficaram como dantes. Baralhavam os nomes. Gusev, por exemplo, baralhava tudo. Punha um «s» onde não havia «s» nenhum, ou fazia um rabiço fora do sítio, para depois se esquecer dum «g». Mas o restante da malta sabia-se bem.

Vamos por partes: apesar deste nível médio tão alto, imaginem, surge então um caso insignificante.

E quem havia de topar esse caso senão o caixa Jeremy Mironovitch! Digamos no sábado, dia de pagamento. Ora bem, na segunda o caixa vai conferir os livros, a ver se não se enganou, pega até na régua de cálculo e de repente, claro, topa uma cruz na lista. Assinaturas por todo o lado, mas aqui, dá-me licença, uma cruz...

— O quê, uma cruz! — O caixa dá volta ao miolo sem perceber. — Ora esta, uma cruz!

E realmente porquê aquela cruz, se o analfabetismo tinha sido liquidado de uma vez por todas e a malta em peso já sabia escrever o nome?

O caixa olha com mais atenção e vê que a cruz está à frente do nome Chlebnikov.

Vai falar ao guarda-livros:

— Já viu? Uma cruz!

O guarda-livros passou palavra ao secretário. E o secretário soprou a revelação mais para cima.

Tanto bastou para que as oficinas comessem a discutir: o que tem andado a fazer a «troika»? A «troika» não podia acabar com o analfabetismo, ora dá-me licença, em três meses apenas!

O «predsavcom» (chefe do «comité adjunto») corre à tesouraria, pede as folhas. A «troika», claro, também apareceu. E esbugalharam todos os olhos. E não há dúvida nenhuma, está uma cruz à frente do nome Chlebnikov!

— Quem é esse senhor Chlebnikov? — perguntam aos da «troika». — Porque não se alfabetizou esse senhor Chlebnikov? Porque é que toda a gente sabe ler e escrever e só o Chlebnikov vagueia como alma solitária no escuro? Co-

mo é isto possível? O que é que a «troika» andou a fazer? Onde tinha a «troika» a cabeça?

E os da «troika» ficam por ali a encolher os ombros e a estregar os pés no chão.

Até que mandam chamar o Chlebnikov. O Chlebnikov anda a praticar para mestre marceneiro. Vem de muito má vontade.

Perguntam-lhe:

— Estás alfabetizado?

— Estou, sim, senhor: responde o Chlebnikov.

— Sabes assinar o nome?

— Sei, pois! Aprendi a ler e a escrever em três meses.

O «predsavcom» olha a cena de cabeça perdida. Os da «troika» encolhem os ombros. O caixa vai buscar o livro.

Passam o livro para as mãos do Chlebnikov. E perguntam-lhe:

— Quem fez esta cruz?

Chlebnikov apura a vista, apura...

— Pois é — diz —, a letra é minha. Fui eu que fiz esta cruz. Devia estar com um grande pito, não conseguia escrever outra coisa...

A gargalhada foi geral. Desatarem logo a apertar a mão ao Chlebnikov.

— Pronto, pronto — disseram —, isso tira-nos um peso enorme das costas! Porque chegámos a pensar, pensámos de facto que tu vaguearas todo este tempo como alma solitária no escuro...

No sábado seguinte, à hora do pagamento, o



Chlebnikov — apesar da sua alfabetização — mais uma vez assinou com uma cruz muito bem bebida. Mas desta feita ninguém fez qualquer reparo. Estava tudo habituado já à ideia. E o Chlebnikov, ora essa, o Chlebnikov sabia ler e escrever!

POLANSKI INQUIETO

por OLIVEIRA PINTO



Polanski, a pomba e Françoise Dorléac num intervalo da rodagem de «Cul de Sac»

ALGUÉM com o hábito (mania) de catalogar e gostando de prodigalizar alcunhas chamou-lhe «o Rubiense da realização» (cinematográfica, entendá-se). Sim, foi isso. E porquê? Porque lhe perguntara o que pretendia ele (dizer) com os seus filmes. E ele respondeu:

— Isso também eu queria saber, ficava bem contente se o soubesse. Mas não sei. Olhe, faço um filme, tal como Nureyev dança ou como Rubiense amava as mulheres.

(Ele era (é) Roman Polanski, polaco talentoso, nascido em Paris (1933), realizador de «Rosemary's baby» — A se-

mente do diabo», obra notável há pouco estreada em Lisboa e que muitos lamentam não ter visto. (Mas o filme vai voltar, poderão vê-lo então). O encontro dava-se em Berlim, durante o Festival Internacional do Filme-1966. Polanski concorria com «Cul-de-Sac» — O Beco, representando a Grã-Bretanha. E Berlim (o Festival) é porto amigo: Um ano antes concedera-lhe o prémio especial do júri — «Elbern Bär» — Urso de Prata — graças a «Repulsion», com que igualmente representara a Grã-Bretanha. Em 1965, «Cul-de-Sac» veio a ser o grande vencedor, repon-

do o «Golden Bär» — Urso de Ouro, prémio maior do certame. Conheci-o então. Brilhante, irónico, culto. Atrevido. Inteligente e com requintes. Desapiedado, matreiro e inquieto. Olhar vivo, raciocínio pronto, palavra lívida, cortante. Um «poderoso libertino», como diria Baptista Bastos...).

Os críticos têm razão quando gostam dos meus filmes

Outras perguntas da mesma procedência: — Qual a corrente, em que estilo se podem incluir os seus filmes?

— Não sou nenhum crítico.

— O que é que detesta mais: críticos ou entrevistadores?

— Ambos (pausa). Excepto, você, naturalmente...

— Desagradam-lhe as interpretações intelectuais dos seus filmes?

— Sempre detestei tiradas pomposas e gente importante, «inchada».

O tiroteio continuou. Depois acabou, com vitória de Polanski. Absoluta. Total.

Mais tarde, tive uma longa conversa com ele e gravámos uma entrevista breve (tinha de ser):

— Os seus filmes são, portanto, uma imagem da vida, não é assim?

— Pretendo expressar as minhas ideias, dar uma visão da vida, a minha imagem da vida, mas também uma visão real, trabalhando com as dezenas de pessoas que compõem a minha equipa. Pessoas que levo, que «forço» a compreenderem a minha ideia, a segui-la e a concretizá-la. Não tenho outro objectivo. Assim, se há numa película minha as tais ideias «mensagens», elas aparecem aí naturalmente, automaticamente. Não são proclamadas por mim.

— E quanto ao êxito dos seus filmes? Existe efectivamente? (Há países que os desconhecem em grande parte, tanto nas curtas-metragens, como nos filmes de fundo que interpretou e que dirigiu...).

— Na verdade, os meus filmes têm tido êxito, têm obtido boa recepção. O que muito me satisfaz.

(Continua na 15.ª página)



Eurozumbido

OS TRAIIDOS DO FESTIVAL

SIMONE não está só. Simone tem a pulsar com ela toda a indignação dos corações portugueses de áquem, além-mar e ilhas adjacentes. Simone foi vítima indefesa dos microfones secretos. Mas Simone não foi a única traída. Nos círculos da eurocanção começam a descortinar-se outras vítimas ocultas da grande cabala.



A CANTORA MOSCA

excluída por limite de idade. Canta pela pauta alfandegária qualquer coisa como 25 mil cruzados-ouro de excesso de bagagem. «Para mim a grande vencedora do festival foi Amália» — declarou ela aos repórteres.

Lulu Mosca admira igualmente Estêvão Amarante e o sargento Meireles



«Cuidado, que ela não gosta de tortal»
(«Cartoon» de Cid)



EL ABUELO

Intérprete e autor da música e letra de «Avô, Por Aqui me Sirvo...» foi excluído do Festival por ter ultrapassado o tema permitido (que só vai até à geração dos pais e das mães).

El Abuelo (baritono de carga reduzida) foi avaliado em 14 cigarros diários de marijuana.



QUE SE PASSA CONTIGO, NATHALIE?

1969 — dizem os especialistas em cinema — será o ano de Nathalie Delon. Previsão fácil: não só porque a loura actriz está rodando filme após filme, mas porque também há muita curiosidade à volta desta esplêndida rapariga de silhueta enigmática e modos desenvoltos.

Há pouco tempo ainda Nathalie era uma estrelinha como tantas outras, que depois se tornou conhecida porque casou com um senhor chamado Alain Delon, em Agosto de 1964. Quatro meses depois nascia Anthony, o filho do casal.

Aparentemente Nathalie era uma rapariga meiga, sem ambições, ou pelo menos assim foi durante três anos. Em 1967, contra a vontade do marido, surge como atriz em «A Face de um Anjo». Pouco depois Alain pede o divórcio. Separam-se, tornaram a viver juntos e de novo se dividiram.

«O casamento falhou, mas os nossos sentimentos são sempre os mesmos», explicava Nathalie a quem lhe perguntava como «aquilo» acontecera. E dizia coisas ainda mais desconcertantes, como por exemplo: «Quando encontro um homem que me agrada, se posso passar um mês ou uma semana ou uma hora maravilhosa com

ele, faço-o. Ninguém pode viver a vida sem sentimentalismo».

Em Outubro de 1968 explode o «caso Markovic». Stepan Markovic, secretário e guarda-costas de Alain Delon, é encontrado transformado em simples cadáver num depósito de lixo dos subúrbios parisienses. Como o seu antecessor, era também jugoslavo. E os dois jugoslavos tiveram outro traço comum: foram assassinados poucas semanas depois de se despedirem do serviço de Delon.

Durante três anos Markovic viveu sob o tecto dos Delon e partilhou com ambos da vida mundana que levavam, cheia de «parties» (muitos deles duvidosos), jogos de azar, férias em Saint-Tropez e em Mégève.

Investigando o assassinio de Markovic, a Polícia descobriu uma pequena agenda com nomes proeminentes — senhoras da sociedade, actores e actrizes famosos, cançonetistas e até políticos importantes. No meio deste ramalhete interessantíssimo havia figuras da notória má-vida francesa, principalmente de traficantes clandestinos que constam de registos policiais.

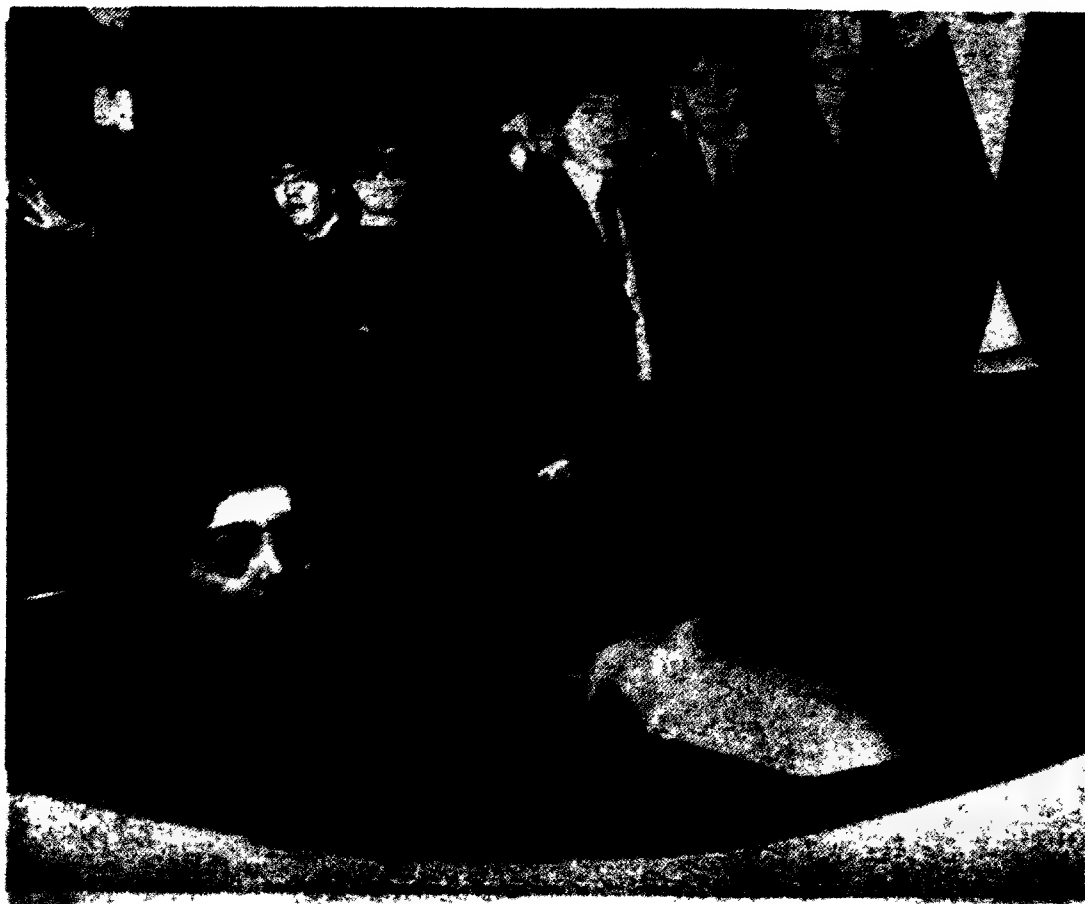
«A agenda é minha», declarou Na-

(Continuação da 15.ª página)



O CARRO VERMELHO ultrapassou o azul na recta, aproxima-se da curva em boa posição, pelo lado de fora. O condutor acelerou já a curvar e não segurou mais a direcção. A frente levantou-se, as rodas giraram sem nada por baixo, o carro voltou-se rápido no ar para tombar pesadamente na berma da pista. Três outros carros curvaram nesse momento e perderam-se na recta uma vez mais. Não houve pânico na multidão nem gritos histéricos isolados. Apenas um adolescente berrou, irritado: «Vira-me lá isso depressa pá»

Os olhos dos que esperam vez poisam-se impacientes nos volantes: habituaram-se à escala menor dos «Fórmula 3» e a ilusão é quase perfeita. Pode chover à vontade que as pistas não se inundam nem os pilotos se queixam da falta de estabilidade.



«Durante dias e dias pode queimar-se tempo vendo os carros a correr ou a comandá-los». Gente jovem a preencher a vida de qualquer maneira: até que se olhe para o relógio.

OS SIMULADORES

Não há paragens para reabastecimentos nem para apertar uma roda, nestas corridas de «Fórmula 3». As pistas não têm «boxes» para as meninas de calças e lenços nos cabelos se sentarem, fumando, por detrás dos óculos escuros.

Os assistentes não necessitam de binóculos. As pistas são visíveis em toda a sua extensão e as curvas não importa que sejam apertadas, pois não cobrem a visibilidade.

Durante dias e dias pode queimar-se tempo vendo carros a correr ou (melhor) a comandá-los por detrás de volantes, sem gastar gasolina.

Lisboa e arredores têm diversos locais onde se pode fazer tudo isto dum modo que não envolve toxicidade de escapes nem ruídos de motores potentes. Esta nova forma de divertimento é a réplica-69 aos matraquilhos e ao «snooker» de há quinze anos. Para se gozar o prazer de conduzir um carro a alta velocidade numa pista é preciso pagar. Por isso há quem também chame, a estes locais, «antros de modernos e diferentes caça-níqueis», apesar de aqui se pagar unicamente em troca de momentos de divertida e estúpida emoção. É uma emoção menor, falsificada, mas uma emoção: principalmente se houver possibilidade para competir.

Jovens sem idade para ter carta conduzem potentes bólides nas pistas ou sentem as atribulações de um percurso difícil, penalizado por uma luz vermelha sempre que os reflexos falham.

Também há menos jovens que ocasionalmente substituem um «whisky» num bar pela desopilante «aventura» de volante nervoso.

Isto são os simuladores. Salas com pistas de mini-carros conduzidos à distância através de um volante, semelhante em tudo ao de um carro desportivo. Simuladores são os que simulam,



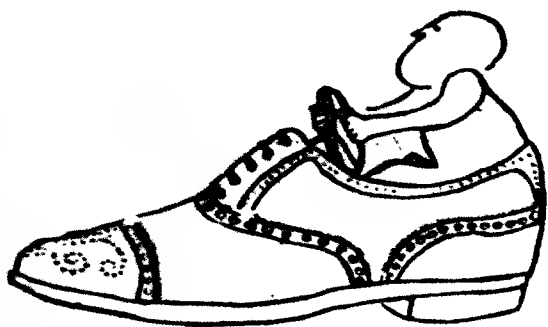
«Esta nova forma de divertimento é a réplica-69 aos matraquilhos e ao «snooker» de há 15 anos». Mas é preciso pagar para se gozar o prazer de conduzir um carro a alta velocidade numa pista.

E estes, assim chamados simplesmente, são a perfeita simulação das situações que podem emocionar um homem conduzindo uma máquina em movimento. Não há muitos centros de simuladores. Mas há os suficientes para uma clientela seleccionada por um determinado «standard» de preços. Os jovens estão lá. Porquê?

PERFIL DE UM VOLUNTARIO-TIPO DA SIMULAÇÃO

Se por acaso encontrássemos um jovem frequentador de simuladores disposto a falar de si próprio, ele fala, certamente, como a «Mosca» vai escrever, depois de os seus repórteres terem volteado, como mosquitos durante dias, nos simuladores.

— Tenho 17 anos, ando no sexto ano porque já chumbei um. A coisa este ano não vai mal. Os meus amigos lá de casa chamam-me Piconé, mas o meu pai tem um nome muito mais bonito e conhecido, que é também o meu, mas que eu não digo por ser muito conhecido. Gramo à brava os simuladores. Acho que este tempo que aqui passamos é bestialmente divertido. Os meus pais não se importam que eu venha cá. Só se chateiam quando gasto massa de mais nisto. De resto, o que se pode fazer quando não se estuda e se põe a chover? Claro que não é só quando chove ou não tenho de estudar que venho para aqui. Os simuladores entraram já nos meus horários. De manhã tenho o colégio, à tarde os simuladores. Estudar? Bom, estudo de noite, às vezes. Este ano não tenho exame,



portanto não há grande problema. O que me rouba mais tempo são as explicações. Leituras?! Sim, leio de vez em quando. Mas não gosto muito. Ah, claro! Claro que vou ao cinema. O pior é que gosto de filmes policiais e de «cow-boyadas» e muitas vezes não há. Agora os simuladores são mesmo uma coisa porreiros. Então para mim, que sou doido por corridas de automóveis! Não perco uma em Monsanto e vou muitas vezes à Granja do Marquês. Leio o «Motor» e compro revistas estrangeiras de automobilismo. O meu pai disse-me que quando entrar para a Universidade me deixava tirar a carta e me dava um automóvel. Quero ver se o convengo a comprar-me um «Cooper», mas ele ri-se e a minha mãe diz que tem medo. O que eu gramava era um «Cooper» ou um «Honda» de «sport». Mas por enquanto entretenho-me com isto, que é bestial. Já faço o percurso do «Lotus» sem penalidades. Não, correr, propriamente



«Tire o pé da embraiagem e acelere devagar»

não gostava muito. Mas queria ter um carro com dois carburadores, bem afinado e a puxar bem. Já pensaram nas garotas que um tipo arranja assim? Os meus pais é que não me deixam emancipar já para tirar a carta. Mas guio às escondidas,...

O ambiente do mais conhecido centro de simuladores lisboeta é confortável. Um bar num canto, «maples» em volta. Dá para conversar, beber e aguardar sem impaciências. Que se bebe mais? Sem dúvida que «bicas» e refrigerantes. Destes, o «spur» leva vantagem. Café e cola batem, portanto, os «records». Whisky e «brandies» espreitam das prateleiras. Mas só de noite estes têm maior consumo, pelos clientes de idade e bolsas mais adultas. À tarde os frequentadores são demasiadamente «teen-agers».

O «LOTUS» DA ILUSÃO QUASE PERFEITA

Quem vai a uma sala da periferia da Praça do Chile — a mais conhecida de Lisboa — tem duas maneiras de se divertir: ou conduz minicarros, volante ligado a um contador-taxímetro que fecha a «ignição» depois de quatro minutos que valem cinco escudos, ou se senta numa autêntica carroçaria de um «Lotus» fórmula três.

«Tire o pé da embraiagem e acelere devagar, «diz a menina que ajeita os candidatos à ilusão quase perfeita de conduzir um bólido. E o «écran» rasteiro mostra uma pista cheia de cartazes anunciadores de pneus e mocos de óleo, porém vazia de público. E ali vai o novo Fângio cor-



«Um bar num canto, «maples» em volta. Dá para conversar, beber e aguardar sem impaciências»

rendo à desfilada, ao gosto do pé nervoso e exigente, sentindo-se um verdadeiro Graham Hill, embora o pouco treino o atire, muitas vezes, para as faixas relvadas e marginais. A sala está na obscuridade. Apenas no rectângulo branco, ao nível do chão, a pista corre, corre, contra o carro parado que vai movendo as rodas suspensas e trepidando como se no seu ventre crepitassem os cilindros que responderiam às exigências daquele rosto congestionado e atento.

Só à custa de muitos 20 escudos (quanto vale cada quatro-cinco minutos da ilusão quase perfeita se consegue fazer um percurso limpo (até parece hipismo...)). Mas porque não insistir, se há tempo e dinheiro e falha de preocupações mais fortes e sérias?

BOM NEGÓCIO

Que isto dá dinheiro, garante-nos a permanência quase constante de clientes. Quanto, já é coisa que os proprietários não dizem. Mas dá para pagar a simpáticas e fardadas meninas recepcionistas e oferecer o conforto que a «qualidade» típica dos frequentadores exige.

— Salas como esta são frequentes em Londres. Só agora cá começaram, mas os jovens estão interessadíssimos. Eles querem divertimento. A gente propicia-o. Que nos podem apontar? — perguntava a um repórter da «Mosca» o sr. A. Domingues, sócio-gerente dessa casa-pioneira no ramo.

Em Cascais, no coração de uma juventude farta e despreocupada, outra sala com simuladores surgiu. Assinala novo êxito comercial.

Qualquer dia as moscas só podem poisar em salas de simuladores. São centros alienatórios, diz o leitor? Ora essa!!! Vá, amigo, vá a uma dessas salas — é a «Mosca» que o aconselha — e verá que não é bem assim. Basta olhar para a cá-

rinha composta de um desses jovens agarrados ao volante, mordendo a língua e quase pondo os olhos em bico, para verificar que não é assim.

Além disso os médicos não proibem. Pelo contrário. No outro dia, um cirurgião cujo nome não vem ao caso até deixou um doente no bloco operatório à espera, enquanto dava umas voltinhas. E o estúpido do doente só perguntava pelo médico, e este trepidamente curvando e endireitando a direcção, enterrado no simulador, esquecido da hora da operação. Vá, pergunte-lhe se os simuladores são alienatórios, que ele responderá (com a mosca) «Oh, que chatice, as operações...».

— Agora desculpem. Deixem nos ir dar uma curva. É o vício...



RETRATO DE FAMÍLIA

Apesar do cargo, o general Dayan (foto Hara-Kiri) é um dos homens mais pacíficos de Israel. Ele em traje civil, longe dos cuidados da guerra

PRONTO-A-VESTIR

reportagem de
Maria Aurora

serviço fotográfico:
João Ribeiro,
Salvador Ribeiro e
José Tavares



O homem e o pronto-a-vestir (na boutique de Paula Ribas)



A gente moça é um consumidor em desenvolvimento (boutique Tara)

HA mais de meio século que o pronto-a-vestir chegou a Portugal. O grande empório da indústria do vestuário que é a zona de S. Paulo, desenvolve, já há vão uma boa 50 anos, pelo menos, essa modalidade de comércio com destino a uma clientela de marítimos e de provincianos. O «Grandela» e o «Chiado», duas casas de velha tradição, acompanharam a política dos grandes armazéns do género «Selfridge's», «Woolworth» ou «Galerie Lafayette», introduzindo o pronto-a-vestir em Portugal numa época em que o dia-a-dia da cidade tinha horas livres, vida pacata e mão-de-obra a baixo preço.

Teóricamente, o pronto-a-vestir parte de um princípio económico elementar: o de baixar o custo de produção através do fabrico estandardizado. Mas há outros aspectos que contam, a influência da alta-costura que pretende alargar o mercado das suas patentes ao vestuário em série, o fomento do poder de compra e a integração da moda nos novos ritmos da vida social.

«TRAPOS»... SEM OFENSA, MINHA SENHORA

Indústria de «trapos» — como se diz em linguagem (feminina) elegante. Traços coídos, aqui e ali, num quarto sombrio de costureira de bairro ou montados em grandes «ateliers», com batalhões de modistas e aprendizes. «Trapos» prontos a usar — com ou sem Chanel — uma indústria que prospera sob a bandeira da elegância e da economia. Quem comanda esta operação? E qual a verdade do pronto-a-vestir?

A margem do «trapo americano» (muito exclusivo das lojas de moda de poder de compra) e o «trapo português» (leia-se: Feira da Ladra) esconde-se um roteiro elegante de pronto-a-vestir. São as caspelas de alta-costura, as boutiques, os dugtores de Avenida da Liberdade ou da Avenida de Roma. Algumas destas casas têm largos anos de prestígio na sociedade portuguesa, são elas que garantem o selo mágico da moda nas reuniões mais exigentes da elite lisboeta.

Maria Luísa Barata é um desses nomes venerados. Na sua boutique constrói-se diariamente o sucesso feminino com enfiagens nacionais e com todas as etiquetas de renome universal. Carnaby Street, Rue Longchamp, Ferrand, Dior, Mary Quant, Valentino — todas as eminências da moda estão representadas naquelas salas. Entre espelhos e lustres, o pronto-a-vestir desfila com o requinta das grandes lojas elegantes e Maria Luísa Barata justifica-o.

— A mulher de hoje não tem tempo para provas e recorre ao pronto-a-vestir. Mas mesmo tendo tempo, quando sonha um vestido, depois de o ver feito não o acha parecido com o que tinha idealizado. Assim, numa boutique, vê, prova e, se gosta, compra.

— E os preços? A nossa mulher tem, a seu ver, bom poder de compra.

— Tanto visto gente de sociedade como senhoras e jovens empregadas. De um modo geral, estas clientes sabem o que querem e compram muito bem.

— Sendo a senhora uma modista acha que o pronto-a-vestir lhe tirou clientela?

— Penso que não. Tenho clientes muito antigas que preferem, ainda, as provas. Mas as filhas, as raparigas novas é que geralmente não têm tempo nem paciência para provar.

— Quanto pode custar um vestido na sua boutique?

Maria Luísa Barata olha à volta, indecisa. E depois: — Depende. Tanto pode custar 200\$000 como vinte e cinco contos.

(Olho-me no alto espelho que tenho à minha frente. Casaco simples, insignificante, cabelo a precisar de cabeleireiro há muitos dias. Lá no alto lustres deslumbrantes e dentro de mim dois limites de fantasia: duzentos escudos ou vinte e cinco contos por um vestido. Sim, vinte e cinco contos! Tive-o na mão... uma autêntica miragem! E o de duzentos escudos?)

«AS PESSOAS, MUITAS PESSOAS, ENTRAM SÓ PARA VER»

Chiado. Hora do chá. A «Benard», aí, a «Benard» é toda ela, cheio de laces «chics», peles de bom gosto, conversas de maledicência (muito bem)... A «Benard»: parecem-zona das tardes na Baur, ponto de referência para as compras e para os encontros.

O pronto-a-vestir não é de hoje mas hoje quando as elites falam de

"Pronto-a-vestir" o que não é muito exacto... uma indústria a expor a elegância por pouco dinheiro para cumprir... Muito dinheiro \$\$\$

A dois passos dali, num quinto andar, uma verdadeira eclarece... E, fique sabendo, compram-me o que quiserem... que quaisquer... desconta: um grande poder de compra.

— De resto — diz Paula Ribas — tenho muitos que são meus clientes. Uma parte das pessoas que vêm aqui para ver como é mesmo assim, e a maioria.

— Acha que a boutique é uma solução adequada ao nível da cidade?

— É evidente que sim. Pensar-se que o pronto-a-vestir sai caro é um erro. Um bom tecido custa dinheiro e o trabalho de uma boa modista também. Há ainda a economia do tempo, que também conta...

— Antes de montar este negócio, Paula Ribas, onde se vestia? Em boutiques?

— Não. A minha mãe é modista de alta costura. Tinha o problema resolvido.

(Alta costura... boutique... pronto-a-vestir. A linha natural de uma evolução de gerações. De mãe para filha, a moda segue um caminho de democratização, como dizem os teóricos. Mas será realmente «democratização»? — pergunto a mim mesma, subindo o Chiado em plena tarde).

«AS RAPARIGAS EMPREGADAS SÃO AS QUE COMPRAM MELHOR»

Rosário. Os pombos esvoaçam, um fotógrafo ambulante finge que tira fotografias para captar o cidadão em trânsito. As vendedeiras de flores são rostos velhos entre o grito colorido das barracas...

Mas à esquina da Rua Augusta, aos balcões da Loja das Meias a beleza tem outro sinal. Uma beleza sofisticada exibida por um batalhão de lindas raparigas impecavelmente maquilhadas. Costa sabe escolher! Um vestido preto de belos rostos que o atraem, que o mostram — pelo menos. Rostos simpáticos? Bem... é conforme as opiniões. De que não há dúvidas é que, para além da beleza, as raparigas têm aquele jeito de enobrem tanto do agrado de certa frequência.

Loja das Meias, quartel-general do bom-gosto, com as suas montres que adquiriram prestígio. Costa sabe escolher — repito. É uma arte que vem de gerações e que se continua pelo mais novo dos grão-mestres da moda, Pedro Costa, filho.

Um homem up-to-date. Visitas regulares aos mercados da Itália, da França, da Inglaterra e da Alemanha. Um observador atento e esclarecido que não pactua com transigências de gosto. Segundo ele, o pronto-a-vestir é uma realidade que se impõe. A clientela já não é apenas de gente socialmente bem instalada.

— As raparigas empregadas recorrem muito ao pronto-a-

A decoração é ao gosto psicadélico. Grandes painéis em arabescos garridos com óculos redondos a servirem de montre, e em letras «pop» o nome da casa: O Outro Lado da Lua. Se o outro lado é assim, os cosmoneutas decerto que o não viram porque não tem nada a ver com a paisagem soturna e desoladora das fotografias que enviaram para Terra.

Não. Aqui tudo é vivo, alegre, cheio de juventude. Um verdadeiro pronto-a-vestir na linha «pop». Boínas, cintos, fatos de cabedal, enfeites vários, expostos em formas de plástico suspensas do tecto por cadeias de metal. Ao fundo um bar e um «écran» onde se projectam filmes mudos da época Max Linder-e-redondezas.

É uma loja e é um local de convívio de gente nova. «Fizemos uma coisa diferente onde os nossos amigos se podem reunir, como se estivessem em casa...» — palavras de uma das empregadas.

(Retiro o termo. «Empregada», não. Prefiro dizer «hospedeira». Ou «recepcionista». E que o ambiente aqui tem muito pouco de comercialismo convencional e há um tu cá, tu lá de «bom tom» que marca distâncias.)

Uma jovem, a senhora Pinto Coelho, que há bem pouco tempo era apenas dona-de-casa, orienta a recepção. E ela quem põe os pontos nos i, em frases directas e seguras.

— Pronto-a-vestir? Mas é uma necessidade para os jovens de hoje. E os jovens têm um poder de compra que nos surpreende. Se gostam dum artigo não têm problemas em dar um conto de réis por ele.

— Não têm problemas? — pergunto. — Nesse caso, trata-se de um núcleo de gente abastada, com certeza.

Que não, que não se trata de gente tão privilegiada como isso — responde-me a voz do Outro Lado da Lua. E garante-me, com voz firme e tranquila, que todos os moços e moças («alguns que de todo nem conheço», sublinha) dispõem de excepcional poder de compra.

— Assim assim — remeto eu, à maneira de despedida.

E saio. De um Triumph de sport salto um casal de jovens cruza-se comigo à porta da boutique, deixando para trás a rua pardacenta da Barata Salgueiro.

(Segundo a pé, Avenida abaixo, e pisando terra firme, ao longo deste passeio a escorrer chuva, ouço as piadas dos artistas e dos rapazes que vendem tartar. O Outro Lado da Lua está longe, inacessível. Com a sua falange de jovens modernas a receberem



A Outra Face da Lua: um outro mundo (pop) para uma outra juventude



Pronto-a-vestir infantil em plena Feira da Ladra



Materna: primeiros passos no território da moda

uma clientela que, antes assim, vive no planeta e com vive no satélite.)

UM OUTRO LADO DA TERRA

A juventude é um bom mercado. Não são só os especialistas de marketing que o dizem, é a demonstração prática dos factos que o confirma.

E aqui está a Tara, outro pronto-a-vestir para jovens, que foi estudado e fornecido com o objectivo de «tarar» pelo bom gosto. Um momento. Há uma ressalva a fazer: na Tara a clientela já não é exclusivamente jovem. Hoje as mães, quando acompanham as filhas nas compras, são tentadas frequentemente a «alinhar» por um estilo semelhante — e acabam por adquirir também.

— E os rapazes compram muito?

— Tanto como as raparigas. Muitas delas vêm com o noivo ou com um simples amigo e seguem quase sempre as opiniões dele.

— Os vossos artigos são importados?

— Não, é tudo feito cá. Temos fábrica própria. Na concepção seguimos a moda internacional e executamos depois. Assim, tudo é mais acessível, principalmente à gente nova que é, economicamente, a menos favorecida.

A Tara, embora jovem, embora optimista, tem um outro lado de ver o problema e com cores menos psicadélicas do que o pronto-a-vestir da Barata Salgueiro...

DO CHIADO PARA A AVENIDA DE ROMA

Chamava-se Arips e ficava no Chiado. Mudou-se para a Avenida de Roma e pôs grandes letras a neon na fachada: Tutti-Mundi. A partir de então os tutti quanti que pretendem um disco, uma bebida ou qualquer serviço de drogaria vão ali. Os jovens também não faltam: entram no bar, vagueiam pelo restaurante, de mão dada ou abraçados e por vezes sobem ao pronto-a-vestir que ocupa uma vasta área do primeiro andar.

Pronto-a-vestir para jovens? Não, para tutti mundi, «para gente de todas as classes sociais» — como me diz a gerente.

— Onde importam os artigos e os acessórios? — pergunto-lhe.

— Da França e da Inglaterra.

— Acha que as senhoras seguem mais a moda francesa do que a inglesa?

— Não. Vão mais pelo estilo inglês. É mais prático e funcional. Actualmente a senhora está mais inclinada a vestir mais ouvida a vestir e por isso a moda inglesa ajusta-se-lhe mais. Tem um ar menos formal e mais acessível.

— Como a juventude, de resto, também tem os olhos em Carnaby Street.

— Oh — exclamou o gerente do Tutti-Mundi — mas essa

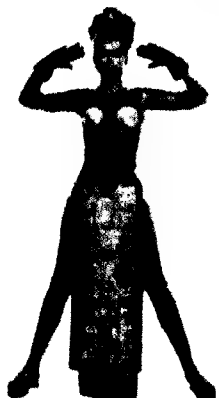
(Continua na página seguinte)



Os noivos e os namorados têm uma opinião decisiva no negócio do pronto-a-vestir



Um vestido (de 25 contos) pronto a vestir. Tecido pintado e bordado à mão; lantejoulas de cor e missanga. Modelo Jacques Esterel, boutique Maria Luisa Barata



moda é cara e, entre nós, só relativamente há pouco tempo é que a gente moça começou a dispor de dinheiro para se vestir com alguma independência

(Faço um balanço rápido: A Loja das Meias põe a moda francesa como linha de rumo do estilo feminino, o Tutti-Mundi aponta o norte para Londres. Entre a Baixa e as Avenidas a distância de opiniões alarga-se a centenas de quilómetros)

DE PEQUENINO É QUE SE APRONTA O MENINO

Eles brincam, correm e saltam enquanto as mães percorrem vitrinas e despejam cabides. Depois experimentam casacos e calções diante do espelho, com ar concentrado de pessoas crescidas. De vez em quando emulam, têm as suas predilecções muito individuais e insistem se for preciso até às lágrimas. São assim. Na qualidade de clientes mais novos do pronto-a-vestir, fazem de uma maneira muito pessoal a sua entrada no mundo da elegância. A Materna é para estes futuros gentlemen ou para estas futuras ladies o primeiro estágio para um dia frequentarem a Maria Luisa Barata ou o Pestana & Brito.

Materna, o pronto-a-vestir da infância, segue a corrente geral do comércio. «As mães» — diz-me a gerente — hoje em dia não têm tempo para andar com os filhos de prova para prova. Além disso provar uma criança é extremamente difícil.



Feira da Ladrã. «Um casaco para a criada...»

O resto não oferece novidade. As razões do pronto-a-vestir infantil são as que se apontam para os outros casos: economia de mão-de-obra, necessidade cada vez maior de variar o vestuário, etc.

O TRAPO PORTUGUES

Ao contrário do «Trapô Americano» (que é de bom tom) o trapo português tem uma tradição de séculos e instala-se ao ar livre no terreiro da Feira da Ladrã. Nessa bolsa do pronto-a-vestir a senhora Arminda é eminência a considerar.

— Estou no negócio há quinze anos — declara ela aos quatro ventos — vendo bem, conservo as minhas freguesas e quando digo que uma peça é boa é porque é mesmo boa.

— Como se abastece?

— Ando de casa em casa. As pessoas da «alta» vendem aquilo que já não lhes interessa.

Gorda e simpática, a senhora Arminda assenta as majestosas ancas num caixote de pinho. A frente dela, desdobrada, há um arsenal de roupas interiores, casacos de malha de artesanato caseiro, sapatos, saias em terceira mão (mas ainda em bom estado)...

— Quanto ganha por peça?

A senhora Arminda encolhe os ombros, indecisa. E depois:

— É conforme. Tanto posso ganhar três escudos como cinquenta. Mas não exploro nada. Conheço bem o ramo e as minhas clientes que são gente de trabalho. Gente modesta, compreende?

(Compreendo. Basta olhar à volta. Há, porém, uma senhora, tipo média burguesia, que se interessa por uns paninhos bordados, antigos. Olha-os atentamente, volta-os, levanta-os à luz... e acaba por levar um casaco de xadrez e uma saia de flanela.

«Não é para mim», diz ela à senhora Arminda, em tom de justificação. «A minha criada pediu-me para passar por cá...»)

PARIS-LONDRES NA FEIRA DA LADRÃ

— Chamo-me Purificação, vendo roupas usadas há oito anos e tenho sempre coisas muito boas para vender. Coisas de valor, minha senhora. Vestidos de gala, calças com bandes de cetim e «smokes».

Purificação, mulher magra e de grande cordão de ouro ao pescoço, está dez ou quinze metros distante da senhora Arminda. Dez metros e sudosete dela e muitas mais vezes muitos lucos no prestígio de clientela.

— Tenho vendido aqui, senhora, muitas peças que foram compradas no estrangeiro. Em Paris, e não sei mais onde...

— E quem são as suas freguesas? — pergunto-lhe. — As minhas freguesas? — Purificação tem um breve sorriso de pessoa instalada que não teme nem deve. — Fique sabendo a senhora que não é gente rasca nenhuma. Pessoas de bom aspecto, sim, senhora. Há sábados em que chego a vender cem peças.

— Cem peças?

— Cem peças, sim, senhora. O Micas! Chega aqui, Micas, que é para não me deixares mentir.

Micas, uma rapariguinha pálida, de permanente frisada e grandes orelhas, aproxima-se com ar desconfiado.

— Diz lá, Micas, quantas peças vendeste tu hoje.

— Ai umas sessenta.

Purificação deita-me um olhar firme, de desafio. Um olhar tão penetrante que mesmo quando me afasto por entre o burburinho das tendas da Feira da Ladrã o sinto a pesar sobre mim, como se me perseguisse.

Evidentemente, Arminda e Purificação representam um pronto-a-vestir marginal. Não são super como alguns comerciantes de feira que vendem roupa nova e pronta a usar. Dão, no entanto, um limite extremo de comparação — a bolsa do mercado de vestuário na vasta gama das suas metamorfoses. E também elas me afirmaram que «hoje em dia toda a gente quer parecer bem» (Purificação) e que «cada vez mais as freguesas se mostram esquisitas e querem coisas da moda por pouco dinheiro».

«Pouco dinheiro» é uma medida relativa. Pode ser 15 contos numa boutique da moda e vinte escudos numa barraca da feira. Mas é em nome do pouco dinheiro que o pronto-a-vestir, guardadas as devidas distâncias, se instalou em toda a parte e faz carreira.

UMA SAIA-E-CASACO NO PRONTO-A-VESTIR

Na boutique de Maria Luisa Barata: 8 000\$00 (Férraud)

Boutique de Paula Ribas: 2 000\$00 (etiqueta estrangeira)

Loja das Meias: 2 000\$00 (etiqueta estrangeira)

Tapa: 1 200\$00 (artigo nacional)

Tutti Mundi: 1 350\$00 (sem etiqueta)

Feira da Ladrã: 300\$00 (sem primeira mão)



ESTA JOVEM é secretária de uma empresa sueca. Chama-se Teresa Paula Brito e entrou em nossas casas numa noite de pompa da R.T.P. Entrou em nossas casas «buscando um horizonte», mas só encontrou a indiferença que todo o mau poema suscita. Ela, no entanto, não vai desistir da sua busca. Até porque é frágil — e a fragilidade é teimosa...

— Eu cantei por amizade. Cantei porque sou amiga de quem escreveu o poema. Não vou agora discutir o valor do poema. Dizei que o poema me agradou porque falava de «esperanças». Entendo que, no momento presente, todos os poemas devem falar de esperança. Todos. Cantar a morte não vale. Cantar um amor desfeito não vale. A morte chora-se. Um amor desfeito chora-se também. Mas a vida quer outras palavras, outro ânimo, outras sílabas. Outra toada. Eu não posso aceitar o fado: o fado é derrotista, é passivo, é triste. «Triste» — aqui está uma palavra que nós, portugueses, prezamos muito. Triste, tristeza, tristonho... Talvez seja uma disposição inata, talvez seja a nossa resposta a um determinado ambiente. Pois temos de aprender a cantar outras palavras! Aprender outras palavras e habituarmo-nos a elas. Atirá-las com toda a força aos ouvidos adormecidos. Utilizá-las de maneira a que as pessoas perguntem: «Que é isto?» E, por fim, compreendam que se lhes disse qualquer coisa de novo.

* Ao colo de Vasco Santana

Teresa tinha 4 anos quando cantou em público pela primeira vez. Cantou ao colo de Vasco Santana para uma plateia que lhe dispensou muitos aplausos. A mamã e o papá ficaram muito satisfeitos — e aos 10 anos, a menina principiou a es-

tudar canto. Objectivo: ela viria a cantar ópera mais tarde... Mas não veio. Não veio porque...

— Porque eu não gostava das aulas. Cantava, sim, mas em casa. Em casa expandia-me, era eu, podia desafinar que não tinha mal. Agora reconheço que a disciplina é necessária, mas naquele tempo a aventura era outra. Era a alegria dos anos sem preocupações de qualquer espécie. Cantava porque me apetecia cantar...

— Sem competir com ninguém.
— Oh, sim! Sem competir com ninguém! Livre... Sei onde você quer chegar. Você vai perguntar-me por que motivo entrei eu no Festival R. T. P. da Canção Portuguesa.

(Continua na 15.ª pág.)



«Comecei a cantar na idade em que se tiram fotografias para o álbum...»



O prémio dos grandes: Troféu MIDEM

BOLSA DO DISCO

CONTRARIAMENTE ao que acontece nas grandes capitais os números das vendas do disco não chegam ao grande público. Ficam no segredo das contabilidades.

A Mosca pretende penetrar nessa terra proibida e dá a conhecer os êxitos que nesta semana tiveram mais procura de público. (Cotações obtidas nos Est. Melodia e Discoteca Universal).

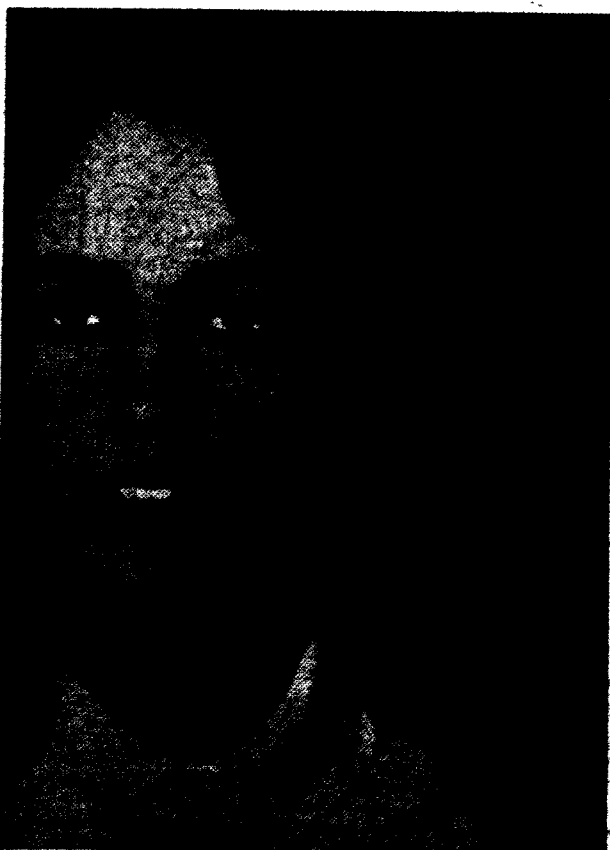
J. P. G.

45 rpm

- 1 — Atlantis — Donovan
- 2 — Ob-La-Di, Ob-La-Da — The Marmalade
- 3 — First of May — Bee Gees
- 4 — Destolhada Portuguesa — Simone
- 5 — Ob-La-Di, Ob-La-Da — The Beatles
- 6 — Bella Linda — Grassroots
- 7 — Hey Jude — Wilson Pickett
- 8 — Monsieur Dupont — Sandie Shaw
- 9 — Crimson and Clover — Tommy James and the Shondels
- 10 — Al Chico, Chico — Amália

33 rpm

- 1 — Funny Girl
- 2 — The Beatles
- 3 — Oliver
- 4 — Cantares do Andarilho — José Alonso
- 5 — O Inimitável Roberto Carlos



por JOÃO PAULO GUERRA

PERGUNTARAM certa vez a Joan Baez que passaria ela a cantar se as ideias pelas quais se bate viessem um dia a triunfar. Respondeu simplesmente: «Continuaria a cantar, por prazer.»

Chefe de fila, com Bob Dylan, ao movimento a que tem dado todo o seu talento, Joan alia a voz pura e extremamente melódica. A coragem e a sinceridade das suas decididas tomadas de posição. Joan tem participado em todas as marchas de protesto, organizadas com o fim de chamar a atenção para as condições de vida do negro americano; participou em todas as grandes manifestações contra a guerra do Vietnam; recusou-se a pagar os impostos para o armamento; foi presa por incitar os jovens a não comparecer

às juntas de recrutamento enquanto durasse a guerra. Por várias vezes tem declarado que, antes de ser cantora, é uma militante pacifista, integracionista e adepta da não-violência.

A escolha do seu repertório obedece antes de mais à coerência do texto com as ideias que defende, já que, principalmente em cena, ela pretende combater.

Os espetáculos de Joan Baez caracterizam-se pela sobriedade e pela economia de meios usados. Nada mais que a sua bela voz de soprano e a razão dos poemas que canta, opondo-se assim à tradição musical norte-americana do grande espectáculo, ainda hoje mantida por artistas como Sinatra, Sammy Davis Jr. ou James Brown.

Sem o disfarce da maquilhagem, nem o apreço do vestuário, sem o recurso à expressão gestual, Joan é apenas voz e razão. Nunca fez a mais pequena concessão ao género de vida da vedeta como jamais se recusou a colaborar, sem qualquer espécie de remuneração que não fosse o satisfazer o seu desejo de comunicar, em qualquer espectáculo.

Nascida em Staten Island, perto de Nova York, filha de mãe escocesa e pai mexicano, foi na Califórnia que viveu a sua juventude e sentiu o drama de habitar um país onde a cor da pele pesa nas condições de vida. A necessidade de comunicar, a consciência de ter algo para dar aos outros, levaram-na a cantar nos «coffee houses» da universidade, mais tarde a

participar no festival de Folk-Song em Newport e posteriormente a gravar um L. P.

A popularidade que veio a alcançar, só comparável à de Dylan, Pete Seeger, Peter, Paul and Mary, ou Donovan, artistas que têm de comum as suas opções políticas e filosóficas, fica no entanto a dever-se não apenas ao que canta, mas à forma como canta. Joan Baez é, com efeito, a principal grande excepção à ausência de qualidades vocais que de um modo geral caracteriza a Pop Music. A pureza natural da sua voz garante-lhe um lugar de relevo, um dia que uma nova corrente venha a destronar a actual, ou quando as ideias pelas quais se bate venham a triunfar.

Este ano Abril rege-se por uma carta dos astros extremamente complexa e particularmente nesta semana em que se registam nada menos do que duas conjunções de aspecto maléfico (Mercúrio-Saturno, no dia 13, e Sol-Saturno, no dia 18).

Mas nem por isso o esquema zodiacal deixará de fornecer prognósticos de bom êxito para amenizar o panorama que em princípio se afigura tão inquietante. Nada de desesperos, portanto. As moscas mudam e a sorte também.

OS astros

NA SAÚDE - NO DINHEIRO - NO AMOR

OS MAIS FELIZES...

...NO AMOR

GÊMEOS (21 Maio-20 Junho) — Os naturais deste signo têm nesta semana um larval período sentimental, para os indivíduos não comprometidos matrimonialmente. A influência de Marte far-se-á sentir de forma extraordinariamente benéfica nas jovens e nas divorciadas. Um idílio prometedor anuncia-se no firmamento dos bons astros.

mer no capítulo de negócios e de assuntos financeiros. Pelo contrário, Plutão proporcionará possibilidades materiais inesperadas, que Jupiter tornará mais rapidamente frutuosas com a intervenção de certos acausos e surpresas agradáveis. Período propício a investimentos e a audácias económicas, não exclui a possibilidade de trazer a



...NO DINHEIRO

BALANÇA (23 Set-22 Out.) — Os nascidos neste signo nada têm a te-

solução de problemas que há muito se arrastavam no campo judicial (parabéns a s. indemnizações, etc.).

...NA SAÚDE

SAGITÁRIO (Nov. 23-Dez. 20) — Nas primeiras semanas da Primavera Jupiter, o planeta to-



do-poderoso deste signo, garante boas protecções à saúde dos indivíduos nascidos nestes meses de Inverno. Atenção, contudo, aos excessos alimentares e, muito em particular, ao fogo e aos objectos cortantes.

OS MENOS FELIZES...

...NA SAÚDE

AQUÁRIO (20 Jan.-18

Fev.) — Desde 1 de Abril, em que o paralelo Mercúrio-Urano predispõe a acidentes de certo modo graves, os indivíduos deste signo estão sujeitos a perturbações gastro intestinais e, noutros casos, a incómodos de origem gastro vascular. Atenção aos acidentes profissionais. A semana acaba, porém, com um sinal de opti-



mismo porque a partir do dia 16 (Lua Nova) as suas relações sociais ou amizades trar-lhe-ão pequenos êxitos.

...NO DINHEIRO

ESCORPIÃO (23 Out.-

22 Nov.) — Decida-se por uma atitude austera e económica porque, nesta semana e até ao dia 18, a vida financeira sofrerá



reveses e dar-lhe-á uma certa sensação de instabilidade. Urano, que reina sobre os problemas domésticos, poderá trazer-lhe algumas compensações, mas não conte excessivamente com elas...

...NO AMOR

GÊMEOS (21 Maio-20 Junho) — Sim, no plano sentimental esta semana é simultaneamente feliz

e infeliz para os nascidos neste signo. Enquanto os solteiros verão a vida cor-de-rosa, nos lares a harmonia conjugal sofre a ameaça de concretizar certos desentendimentos que há muito se anunciavam. Prudência e compreensão... e, sobretudo, nada de decisões caprichosas. Se enor-



ce uma actividade comercial seja cauteloso: certas intrigas e conspirações do meio começam a dar os seus frutos negativos.

RENE CHAPBAL

A LINHA DIABÓLICA

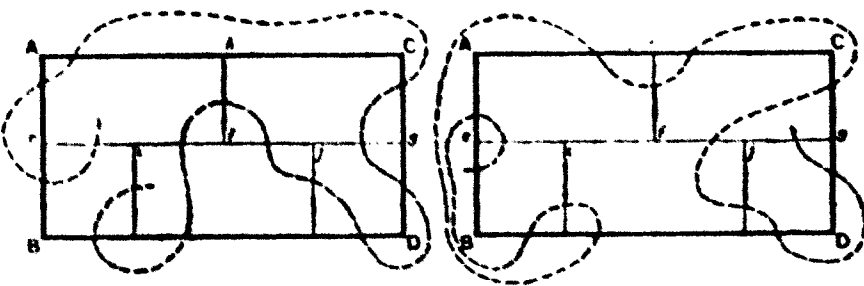
Desenhe um rectângulo ABCD

Divida-o em cinco partes conforme o desenho abaixo.

Veja se consegue passar **UMA SÓ VEZ**, e **SÓ UMA**, por todos os sectores com um traço contínuo.

Não importa as voltas que dê com esse traço, desde que não se cruze nunca com ele mesmo

A título de exemplo, damos duas tentativas que, como se vê, resultaram falhadas visto que, na figura da esquerda, a linha não passou pelo sector hC e, na figura da direita, ficou de fora o sector if.



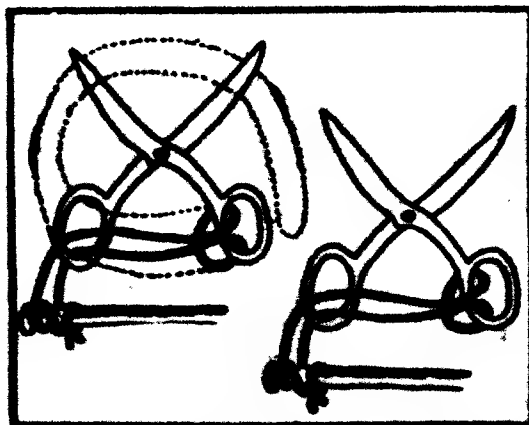
Este problema é uma autêntica obsessão. Uma vez tentada, dificilmente conseguirá escapar à tentação de o resolver. E fará dezenas de experiências antes de desistir. Disso estamos nós certos.

PASSA-TEMPOS

COLABORADORES

A Mosca convida os seus leitores a colaborarem nesta secção de Passatempo (excluem-se charadas, hieroglíficos, anagramas, xadrez, saltos de cavalo, palavras cruzadas, etc.) com o envio de problemas geométricos, matemáticos, paciências e labirintos, que serão remunerados contra publicação.

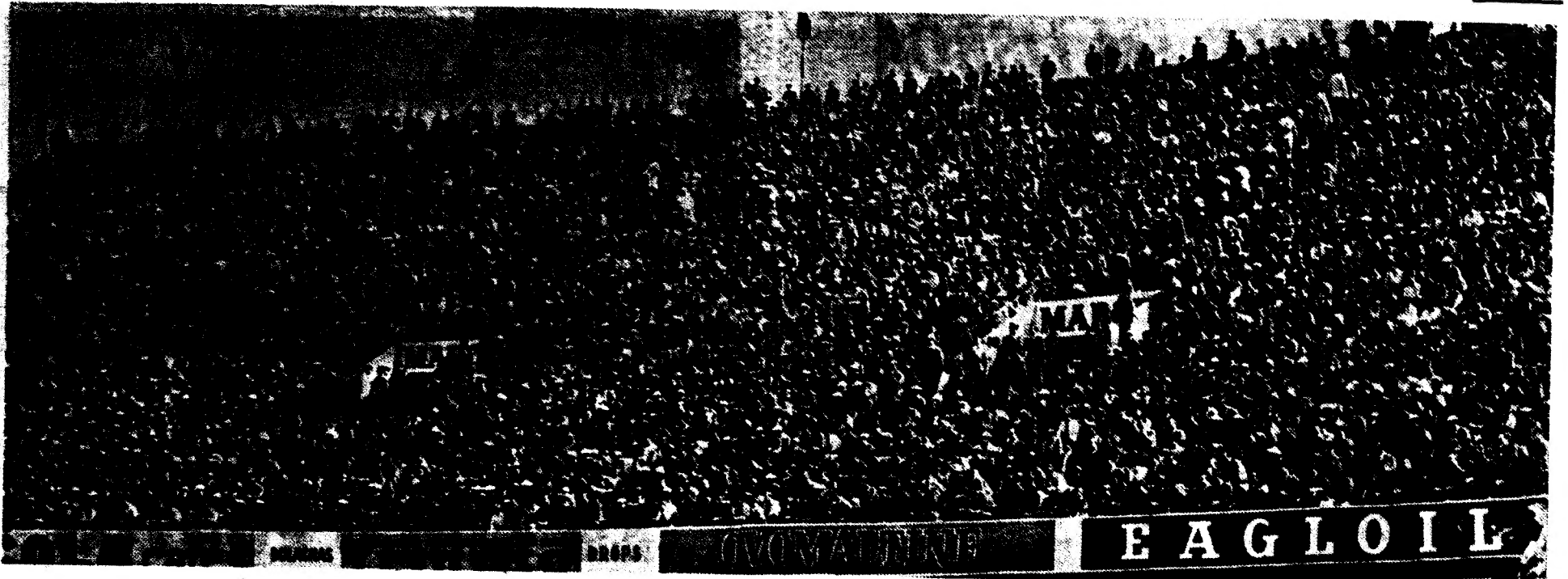
AS TESOURAS



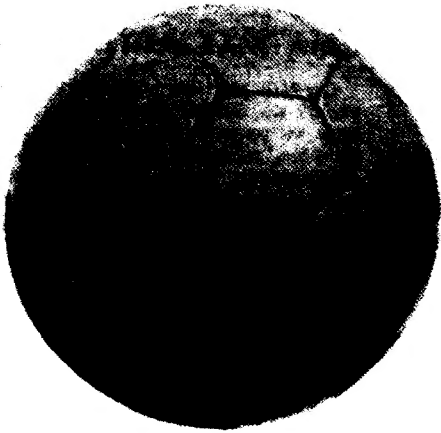
Temos à esquerda uma tesoura ainda com um cordão, cujas pontas estão por sua vez amarradas a um cabo de madeira (ou podem ser seguras por um interveniente no jogo). O traço consiste em libertar a tesoura do nó com a decotar — sem cortar — o cordão.

Solução? Muito simples: puxe-se o extremo do nó pelo orifício da pega superior e dê-se uma volta completa (ver figura da direita).

O jogo tem mais ainda se for feito com uma tesoura grande, de alfinete. Um dos intervenientes segura as pontas do cordão, outro segura bem a tesoura (que largará no momento preciso) e o terceiro, soltando a tesoura com um golpe, desliza o traço com algumas voltas. Faltam para este puzzle!



PORQUÊ SER PRESIDENTE?



Fernando Martins



Romão Martins



Dr. Borges Coutinho

TRES HOMENS de idade aproximada e de extracções diferentes entraram há meses numa corrida que agora e aqui, neste País, se pode considerar importante: a da presidência do Benfica.

Quem chegar primeiro à meta será o novo presidente desse «Estado» dentro do Estado Português.

(Ser presidente do S. L. B. é um cargo importante. Um forte cartão de visita. Um acesso garantido à figuração pública. É estar na liderança da mais forte máquina de relações públicas nacional. Ninguém duvida que o Benfica hoje é mais importante na projecção internacional do nome do nosso País do que as conservas de peixe ou o vinho do Porto).

As eleições de qualquer grande clube português interessam sempre, compreensivelmente, a dezenas de milhares de pessoas que se entusiasman não só pela animação invulgar dos períodos livres eleitorais, mas também pela possibilidade de ver o poder exercer o direito de participar.

As mais diversas fontes, de tendências políticas, sociais e económicas diferentes, são unânimes em afirmar que o presidente de um clube dá

normalmente um prejuízo financeiro considerável. Porquê, então, pessoas interessadas em ser presidentes de colectividades desportivas importantes? Porquê, então, tanto interesse?

Dois dos três candidatos às últimas eleições presidenciais benfiquistas pode dizer-se que ambos têm mais um traço comum nas suas vidas: Fernando e Romão Martins têm o mesmo apelido e são ambos «self-made-men». O primeiro enriqueceu à custa do seu esforço na construção civil; o segundo construiu a sua sólida fortuna e robusta reputação engordando e vendendo frangos. Estes dois são os candidatos da «Oposição» benfiquista. O terceiro, dr. Borges Coutinho, primogénito do marquês da Praia, bem falante, um «gentleman», encabeça a lista oficial. Este advogado de maneiras distintas e boas palavras acompanha a principal equipa de futebol do Benfica em todas as deslocações ao estrangeiro desde que o «conce» encarnado ganhou o primeiro título internacional em 1961.

Que leva, nestas circunstâncias, três homens a despendem energias, perderem tempo e empenhar-se ao máximo para serem titulares de um cargo financeiramente desvantajoso?

Qual o sortilégio da presidência do Benfica? Embora não dê dinheiro, exercer essas funções não deixa, evidentemente, de trazer vantagens. Pode não se tirar imediatamente partido de se ser presidente do Benfica. Mas, embora caro, o lucro vem depois...

Como poderia o grande público conhecer nomes como os de Joaquim Bugalho, Mauricio e Adolfo Vieira de Brito se estes três homens de passado profundamente ligado à administração clubística não tivessem sido presidentes do «Glorioso»?

Nunca deixa de haver quem veja no empenho em ser presidente do Benfica uma ambição escondida, um calculismo não confessado. Mas verdadeiramente isso não corresponde à realidade. Poderá apontar-se este ou aquele de, por tabela, beneficiar de certos negócios o facto de estar ligado ou pertencer à direcção (não obrigatoriamente ser presidente) favoreceu. Mas, repete-se, isso não é verdade. Em qualquer caso, em qualquer presidência, em qualquer mandato, jamais um presidente obteve benefícios que não fossem os da sua projecção pessoal. Aqui, nisto, é que está o principal benefício...

AS TRES RAZÕES

Se os candidatos à presidência do Benfica não admitem a possibilidade de coligação das suas listas, eles são, no entanto, unânimes em afirmar que «o amor ao clube» é a principal razão da sua tentativa presente para ocupar num futuro próximo o lugar mais importante do principal clube português.

«Carolice» poderá ser a tradução popular das razões apontadas. E neste País, muitas das coisas que andam são movidas por «carolice», e muitos dos que movem coisas são unicamente «carolice». A «Carolice», para maior facilidade de compreensão, pode definir-se como o motor do amadorismo. E num meio amador é fácil de perceber, porque «carolice» triunfam.

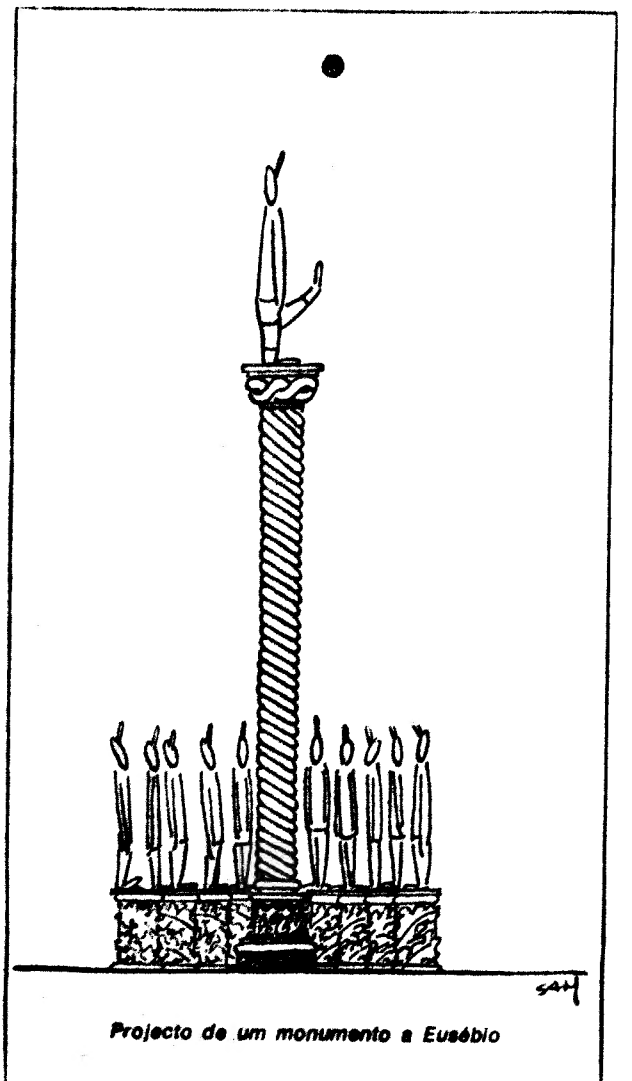
Mas «amor ao clube» é coisa que não falta a mais de meia centena de milhares de sócios do Benfica. Se houvesse um concurso para apurar quem mais gostava do clube, isso seria tremendamente difícil. Basta ver-se aqueles milhares de seres enloquecidos nas bancadas dos sócios do Estádio da Luz, em dia de jogo e lembrar-se as síncope cardíacas fatais provocadas por golos disparados pelos pés de Eusébio, Torres, Coluna e Águas para se chegar facilmente a esta conclusão: «Amor ao clube» não é razão suficiente. É preciso mais qualquer coisa e aí é que parece que o dinheiro entra...

Ora bem: qual a principal razão íntima, es-

condida, recalcada, que move um homem para as colunas dos jornais diários e para as manchetes e parangonas da imprensa desportiva se não a necessidade de uma promoção social? Qual a principal razão

íntima, escondida, recalcada, que leva um homem a gastar dezenas de contos num «cocktail party» para apresentar a sua lista (Fernando Martins)? Qual a razão íntima, es-

(Continua na 15.ª pág.)



Projecto de um monumento a Eusébio

ESPIÕES EM LISBOA

(Continuação de 2.º página)
 espia, que viveu de fato
 a vida de delatador
 com a alma da cidade
 em que a vida de lhe
 afigurava fácil e as pes-
 suas «extremamente cor-
 dia». Disposto de uma
 rede «tinha de contatos
 (de tal modo que
 arranhou informadores
 entre os criados e estava
 ao facto de todas as pa-
 lavras pronunciadas em
 casa do Duque) tendo
 na mão uma planta de-
 talhada da habitação e
 jogando com as polícias
 paralelas Schellenberg
 procurou em primeiro
 lugar fazer crescer o
 descontentamento do
 Duque de Windsor em
 relação à protecção dos
 serviços secretos britá-
 nicos até os transformar
 num pesadelo irrespirá-
 vel. Com esse objectivo
 organizou um acidente
 no jardim da residência:
 pedras atiradas contra
 os vidros e, consequente-
 mente uma busca à ca-
 sa, a que se seguiu uma
 barragem de bombarde-
 ijos, a criada no senti-
 do e fazer crer que
 o atentado fora organi-
 zado pelos serviços se-
 cretos britânicos que,
 assim criavam um pre-
 texto para reforçarem a
 vigilância e apressarem
 a partida do Duque de
 Windsor para as Ber-
 mudas. Não faltou, até,
 o clássico ramo de flo-
 res anónimo, dirigido à
 duquesa com um bilhe-
 tinho bem expressivo:
 «Cuidado com as maqui-
 nações da Intelligence
 Service!»

«O RAPTO, PARA JÁ»

«Tudo isto, é certo,
 não tinha grande impor-
 tância, mas contribuía
 para criar uma atmos-

fera de suspeita e de ma-
 -estor—confirma Schel-
 lenberg «Tinha de agir
 de uma maneira ou de
 outra, pois de Berlim
 recebiam notícias a
 toda a hora (...) até que
 de repente, ao fim de
 uma quinzena, chegou
 um telegrama de Rib-
 bentrop. O Führer orde-
 na que o rapto seja or-
 ganizado, imediatamen-
 te.»

Pânico, ao embaixador
 alemão em Lisboa, von
 Huene que antevia nes-
 ta operação consequên-
 cias graves para as re-
 lações diplomáticas ger-
 mano-portuguesas. Per-
 plexidade por parte de
 Schellenberg, que, ao ca-
 bo de vinte dias em Li-
 boa, compreendia que o
 Duque de Windsor não
 estava de maneira al-
 gumas disposto a acce-
 ptar um exílio de com-
 promisso, tanto mais qu-
 a influência que a mu-
 lher exercia sobre ele
 era decisiva e franca-
 mente contrária a essa
 solução. Um rapto sem
 colaboração aberta do
 raptado seria uma ope-
 ração sem rutos válidos
 — e Hitler e os seus con-
 selheiros insistiam, co-
 mo sempre, no lado opti-
 mista das informações
 que lhes chegavam. Aos
 30 anos de idade Schel-
 lenberg sabia isso de
 perto. Sabia como Him-
 mler era obcecado por
 superstições e por palpi-
 tes místicos, sabia como
 Von Ribbentrop raciocin-
 ava a partir de factores
 falíveis como «surpresa»,
 «sorte» e «circunstâncias
 de momento» expres-
 sões que aplicava fre-
 quentemente nas reu-
 niões do Reichstag. Sa-
 bia, inclusivamente, co-
 mo Hitler era crente dos
 horóscopos e como se

guiava por caprichos da
 grafologia.

Por tudo isso, Schel-
 lenberg, embora tomando
 a ira dos superiores e c-
 desprezo de seu concor-
 rente mais directo Hay-
 erich, decidiu encerrar a
 questão. No seu palacete
 de Lisboa o Duque de
 Windsor resistia às de-
 terminações do rei, seu
 irmão, e adia de dia
 para dia a partida para
 as Bermudas. «Sir
 Walter Monckton veio
 de Londres para o con-
 vencer e as medidas de
 segurança reforçavam-
 -se espectacularmente
 de dia para dia. Entre-
 tanto os espões de Wal-
 ter Schellenberg muda-
 vam as suas baterias
 para outras posições,
 com vista a outros ob-
 jectivos inexplicavel-
 mente a «Operação
 Duas Igrejas» tinha si-
 do cancelada mas, co-
 mo eles de uma cadeia
 que se perde na sombra,
 aceitaram o facto com
 uma vitória ou com
 uma manobra de vive-
 são necessária.

So o Chefe da Contra-
 -Espionagem de Hitler
 sabia as razões desse
 fracasso. A sua missão
 em Lisboa tinha aca-
 bado e foi com melan-
 colla que comentou mais
 tarde:

«No dia da partida
 do duque, eu estava no
 salão da torre da em-
 baixada alemã e dali
 pude observar toda a
 cena com um binóculo.
 O barco parecia tão per-
 to que tinha a sensação
 de que lhe poderia tocar
 se quisesse. O duque e a
 duquesa subiram para
 bordo à hora marcada e
 vi também Mockton. Por
 fim, o navio levantou
 ferro e desceu o largo
 estuário do Tejo.»



Casal famoso na rede dos espões: os Windsor

ANGUILLA EM CINCO PONTOS

ANGUILLA — (do latim «anguilla», — serpente) — Uma das mais pequenas
 ilhas das chamadas Índias Ocidentais. Tanto a sua extensão como a sua popu-
 lação são reduzidíssimas: 90 quilómetros quadrados, 6000 habitantes. Está
 situada 240 quilómetros a leste de Porto Rico. Descoberta por Cristóvão
 Colombo, é colónia da Coroa Britânica desde 1666. Pequena e ignorada, ter-
 rito situado nos confins do mundo dos homens, a ilha, dizem, não tem estradas,
 nem telefonia, nem electricidade, nem água canalizada...

UMA MÃE ACTUALIZADA

Certa mãe de uma família capitalizada pelos quatro
 cantos do Globo, nenhum Governo inglês subscreveria
 hoje as palavras imperiais e impudicas do lancelo, o
 Quintão, chefe do Arquipélago e Cantão: «Causa grandes
 dificuldades, desperdício provincial e reino. Mas to-
 por amor de Cristo e da Sua Santa Mãe».

É pela, enquanto parte-vez de um Governo que prego
 e pratica a não-violência, que o ministro inglês George
 Thomson afirmou há dias que «as questões de Anguilla
 e da Rodézia não podem comparar-se.» «No pri-
 meiro caso», explica o ministro, «o uso da força
 evitou que o sangue corresse, no segundo provocaria
 sangue».

A FEDERAÇÃO

A Federação das Índias Ocidentais, delineada em
 Londres pelos quadros do Whitehall, deveria agrupar
 todas as colónias inglesas das Caraíbas. A autonomia
 política, concedida em 1958, seria o primeiro acto de
 um processo paralelo ao que (salvas as devidas pro-
 porções geográficas) conduziu na Nigéria à chamada
 guerra do Biafra, e na Rodézia ao que se sabe. Em
 1962, a Trindade e a Jamaica proclamam uma inde-
 pendência à margem da Federação e, a partir de
 então, o ambicioso projecto britânico fica reduzido
 a uma associação hipotética entre três ilhas minúsculas:
 St. Kitts - Nevis - Anguilla

O RATO QUE RUGE

Desde 62, um pequeno rato rugiu ao leão britânico.
 Anguilla acusa o «Governo federal», presidido por
 Roberto Bradshaw, de «colaboracionismo», de «neo-
 colonialismo» e de «corrupção» popular, proclama a
 República e elege um presidente em Fevereiro de
 1966. Por 1783 votos contra 4, a ilha passa a consti-
 tuir uma entidade política independente — a Repu-
 blica de Anguilla.

«Os chefes de Anguilla», diz Bradshaw, «querem a
 independência para fazer da ilha um entre de voto
 e para a entregarem aos traficantes americanos». Se-
 gundo Londres, a própria Mãe investiria na indepen-
 dência de Anguilla.

TRAGICOMEDIA

Em 12 de Março o subsecretário do Foreign Office,
 enviado para inspecionar e debelar «in loco» a rebel-
 ião, é forçado a abandonar a ilha. No dia 21, três
 «quadras» desembarcam em Anguilla e entregam o Po-
 der a um comissário régio — Anthony Lee. Nesse mes-
 mo dia, Ronald Webster, o presidente da República de
 Anguilla — negro, marceneiro e protestante na vida real
 — abandona a ilha a caminho de Nova York, onde
 procura obter da O. N. U. uma platinada condenação
 da Inglaterra.

DISSOLVER UM IMPÉRIO

...E eis como, com os seus negros, os seus brando-
 ses, os seus pastores protestantes e (porque não?) os
 seus «gangsters», Anguilla luta, mais do que pela
 independência, por um lugar na História e no mundo.
 Eis como (desta vez ou até agora), de Quarta «cidade
 não» apela uma independência anti-imperialista.
 E eis, também, como os colonos ingleses anseiam
 nas Caraíbas mais uma página (infinita) da História
 do British Empire. O que pagaria ao «L'Express»
 comentar: «Contratou um império à um colosso. Dissol-
 vé-lo uma provocação».

Porquê ser presidente?

(Continuação da 11.ª página)

condição, realçada, que leva um homem a dizer que o seu programa será ainda a conhecer através de entrevistas e imprevistos sem que esta se pareça (Romão Martins)? Que a razão última, escondida, recalcada, que leva um homem a atender aos pedidos de amigos para aceitar o encargo de concorrer como candidato oficial (dr. Borges Coutinho)?

Aqui, cá Mosca, espica e fúria, ou melhor, torna público a sua opinião em qualquer dos casos, a promoção social é essa razão última, escondida, recalcada. Talvez mais nos dois primeiros casos — Fernando e Romão Martins são homens que vivem a fazer, que têm dinheiro como há alguns anos talvez não pensassem vir a ser — mas sem dúvida que o advogado de maneiras distintas e boas palavras

também gozados de certa modo, segundo por essa razão última, escondida, recalcada. E, no fundo, que homem hoje não tem ambições?

DIFÍCIL TAREFA

Sejam quais forem as razões, os motivos, os desejos, as esperanças, estes três homens correm para alcançar uma tarefa difícil, espinhosa, que não é de invejar. Toda a gente sabe que a situação de qualquer clube português, mesmo dos chamados «grandes», não é famosa no plano financeiro. Isso tem obrigado até, num passado recente, certos presidentes a abrir as cordões à bolsa. O futebol de clube, como se sabe não está na melhor fase. As relações clube-jogador poderão agravar-se em qualquer momento se uma revisão necessária nos processos de treino e concentração, não for

feita. A grande equipa dos últimos oito anos envelheceu. Aquisições são necessárias no fim desta época. É fundamental manter o nível internacional do «team» para que as receitas continuem proporcionais a essa grandeza. E como? Sim, como o faser para que um mandato árduamente, dificilmente conquistado não resulte num fiasco?

«Gastar dinheiro no futebol para ganhar dinheiro com o futebol» parece ser o único caminho, e mais certo, a jogada mais em profundidade e esta faz parte do programa de Borges Coutinho. Mas não resulta? Como colimar a brecha dessa saída de cobres se ela não for recompensada? Como evitar a grande crise? Não é nada de se fazer, isso que estes três homens de idade aproximada e de extracções diferentes tanto almejam agora.



Apontam-na como a futura Bardot

Nathalie Delon

(Continuação da 5.ª página)

thalie. «Servia de guia a Stepan para fazer os convites para as estreias dos filmes de Alain», acrescentou.

O guardas-costas? um excelente rapaz, embora um pouco ingénuo e um pouco imprudente. Entretanto, foi tornada pública uma carta do jugoslavo na qual ele exprimia o receio de ser assassinado. Era dirigida a um irmão. Acusava o casal Delon e deixava perceber que Nathalie estava enamorada dele.

«Era um mitómano», disse Alain. «Sinto-me culpada só por não ter sabido a tempo dos seus sentimentos por mim», confessou Nathalie. A Polícia declarou o casal Delon alheio

ao facto. Lentamente o caso foi-se encerrando perante a hipótese de uma vingança do «milieu». Todavia, diz-se que Alain ainda não se refez do duro golpe. Entretanto Nathalie, mais fascinante do que nunca, mostra-se sorridente, arranjando, por outro lado, vantajosos contratos cinematográficos.

Apontam-na como futura Bardot. Uma hereditariedade difícil, pois à sua frente tem ainda a beleza de Catherine Deneuve e os «strip-teases» de Jane Fonda. Mas em Nathalie há qualquer coisa: ela é uma personagem. E esta importância surgiu com um denso mistério do qual está longe de se afastar.

Polanski inquieto

(Continuação da 4.ª página)

evidentemente. Mas também lamenta que, em certos lados, a minha obra se muito parcialmente seja conhecida.

— E quanto aos críticos?

— Bem, acho que eles têm razão quando gostam do meu trabalho e não a têm quando não gostam...

(Em 1959, vi «Deux hommes et un armoire», curta-metragem de Polanski realizada um ano antes, e que não poucos consideram como sendo, verdadeiramente, o seu primeiro filme, muito embora ele tenha rodado duas películas anteriormente. Data daí o meu conhecimento com a sua obra. Aliás, admirei de verdade «Deux hommes et un armoire», virulento panfleto, autêntico libelo contra a sociedade moderna. Polanski ama profundamente esse filme: definiu-o assim:

«Dois homens chegam, caem do mar com um guarda-fato e penetram na cidade, que o mesmo é dizer na vida. Mas, precisamente por causa do guarda-fato, eles não podem aproveitar o que quer que seja da vida, não viver ali. Com isto, quis mostrar, apresentar, uma sociedade que rejeita o ser humano não conformista ou portador, segundo a sua história, de um defeito de uma tara moral ou física. Consequentemente, à volta dos dois homens, passam-se coisas terríveis, cruéis, mas ninguém os vê ou quer ver. Ninguém lhes presta atenção ou ao guarda-fato. Nem a linda rapariga, nem o hoteleiro, nem o guarda, os vândalos ou quem quer que seja aceita a ideia ou o singular trio que se vê obrigado a fugir e a voltar ao mar dentro de uma...»

«Deux hommes et un armoire» é uma pequena história sobre um casal de uma classe socializada pelo trabalho, num mundo de an-

gustia e cinismo, humor negro, tons bizarros e a obsessão do quotidiano. O seu autor encara a vida friamente, com sarcasmo e apreensão. A inquietação é, não há dúvida, condição básica da existência.)

Quem tem coragem (e talento)

para apresentar outros «O mundo e seus pés»?

Polanski detesta a catalogação comumente usada quando se fala de neo-realismo, «nouvelle-vague», cinema americano, cinema europeu, etc., etc....

— Sim, até porque aprecio imenso alguns filmes da chamada de «nouvelle-vague» e abomino outros. O mesmo se diga quanto ao neo-realismo, um movimento que teve bons e maus filmes. Não se deve compartimentar o cinema. O cinema é universal.

— Mas, de uma maneira geral...

— De uma maneira geral, gosto do cinema americano, admiro o seu apuro técnico. E admiro, claro, filmes como «O Mundo e seus pés», obras feitas com talento e com coragem, hoje muito difíceis de descurtar.

Ah!... Não se pode esquecer, também, é evidente, o cinema japonês, onde admiro, profundamente, Akira Kurosawa. Acontece, porém, que é difícil falar-se com amplitude de conhecimento, da cinematografia japonesa, dado que a sua produção anual atinge cifras impressionantes. Mas, sempre se pode ver dois ou três filmes inquecíveis.

Uma derradeira pergunta no registo breve de longa conversa:

— Improvisou durante as filmagens? (Godard fez...) — Não. O argumento mantém-se inalterável. Mas quanto à planifica-

ção acontecem muitas coisas. É claro que não vou lá escrever que a câmara fica aqui ou ali. Isso é improvisado por mim na altura. Mas, ocasionalmente: improvisação é um misto de imaginação e disciplina.

CANTAR A MORTE NÃO VALE

(Continuação da 11.ª página)

Penso que já dei uma explicação clara... Dir-lhe-ei, no entanto, que a arte não deve ser competitiva. Não sou partidário dos festivais competitivos. Todos os esforços saem amesquinhados. Cantar não é jogar futebol. Cantar é outra coisa — e merece outro aplauso... Talvez os aplausos que ouvi quando cantei ao colo de Vasco Santana.

★ Center é um problema de todos e cada um

— As suas palavras são já um testemunho de opinião. Que pensa das chamadas canções de protesto ou das «canções de opinião» como lhe chamou Nara?

— Quando o protesto se transforma em canto, isso significa simplesmente consciencialização de certos problemas. É muito importante que tal suceda: o público adormecido acaba por acordar. Acaba por acordar e aplaudir. É o que acontece, entre nós, com Zeca Afonso, Manuel Freire, Adriano Correia de Oliveira. Lá fora, as platéias levantam-se quando ouvem certas canções de Bob Dylan, Jacques Brel, Brassens, Paco Ibáñez... Protestar, porém, não é descurar a música nem o poema. Protestar é ser rigoroso na palavra e na melodia. É dizer só o essencial, comunicar aos outros uma expressão salutar, corajosa. Emoção, sim, mas não pieguice...

★ Não interessam histórias com princípio, meio e fim

— O baixo nível das nossas canções fêz-se, quase sempre, na ausência de qualquer espécie de cultura literária. Um cancionista que não lê não poderá dar-se conta de certos versos maus que se soltam das copílas dos discos nacionais. Ou, então, quando os versos são cor-

rectos, não se apercebe da sua pieguice. «A casa da Mariquinhas», por exemplo, dirige-se ao sentimentalismo do nosso público, um sentimentalismo que o faz aceitar, com lágrimas nos olhos, situações deploráveis...

— Pode ser mais clara...?

— Posso. «A casa da Mariquinhas» é uma história com princípio, meio e fim — e o que interessa é apontar um fim. Buscar um horizonte... Não se trata de fazer uma revolução: trata-se de acompanhar humanamente as pessoas, abordando os problemas de todos os dias. Só isso.

★ «Não lamentarei a vida»

Teresa Paula Brito (leitora de Régio, Gomes Ferreira, Manuel Alegre; e também Ferreira de Castro, Cardoso Pires, Abelaira; e ainda Prévert, Eluard, Tagore; e também

ainda Jorge Amado, Vailland Sartre, Steinbeck...). Teresa Paula Brito, como já vimos dizendo, como ela ia dizendo, não se propõe fazer uma revolução. Cantou, aliás, uma canção pobre na noite de pompa da R. T. P. Mas tem a força da sua própria fragilidade — uma fragilidade que possui nomes que lhe são pontos de apoio, que a fazem estar no mundo de olhos abertos, que, com o correr dos dias, lhe vão corrigindo a hesitação da vida (artística) portuguesa.

— Estou novamente a estudar canto e música. Não para ser uma profissional, não para competir. Sim porque me agrada dar vida às palavras que a rotina foi matando no decorrer dos nossos tristes dias. Cantarei com plena confiança na vida. Nunca a lamentarei. Louvá-la, amá-la, é a única opção humana.

«BUSCANDO UM HORIZONTE»

Esta é a letra de Vitor M. Diniz e António Leitão (sobre música do primeiro) que Teresa Paula Brito tentou defender no São Luiz. O horizonte ficou resvês com a indiferença.

A luz que ilumina o céu...
O mar que recorda a fonte...
É vida a pulsar
Es tu... sou eu
Buscando um horizonte.

Se a dor quase já venceu
E o longe traz solidão
A vida responde:
Amanheceu!
Acorda o teu coração!

Ainda que a alma de conações
Pareça vergar sob uma cruz
Há sempre mais sol para os teus passos
Tens sempre na vida um céu de luz.

Um sorriso, um abraço, uma esperança
A ternura de um momento de carinho
É promessa, é lembrança,
É semente que se lança
De mãos dadas é mais fácil o caminho
Se o Amor desenha os traços
Que o destino traduz,
Há sempre mais sol para os teus passos
Tens sempre na vida um céu de luz.

O tempo que o tempo deu
Sem ter força que o defronte
É vida a pulsar
Es tu... sou eu
Buscando um horizonte
Se a dor quase já venceu (etc.)

